

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA
MESTRADO EM TEOLOGIA SISTEMÁTICA

ANDERSON LIMA

**EXPERIÊNCIA DE FÉ E O
SEGUIMENTO DE CRISTO EM
DIETRICH BONHOEFFER**

Prof. Dr. Urbano Zilles

Orientador

Porto Alegre
2014

ANDERSON LIMA

**EXPERIÊNCIA DE FÉ E O SEGUIMENTO DE CRISTO EM DIETRICH
BONHOEFFER**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção de grau de Mestre em Teologia, do Programa de Pós-graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Área de concentração: Teologia Sistemática.

Orientador: Prof. Dr. Urbano Zilles

Porto Alegre

2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L732e

Lima, Anderson

Experiência de fé e o seguimento de Cristo em Dietrich Bonhoeffer / Anderson Lima. – Porto Alegre, 2014.
93 f.

Diss. (Mestrado em Teologia) – Fac. de Teologia, PUCRS.
Orientador: Prof. Dr. Urbano Zilles.

1. Teologia. 2. Fé. 3. Jesus Cristo. 4. Bonhoeffer, Dietrich –
Crítica e Interpretação. 5. Cristologia. I. Zilles, Urbano. II. Título.

CDD 232

**Ficha Catalográfica elaborada por
Vanessa Pinent
CRB 10/1297**

Anderson Lima

"Experiência de fé e o seguimento de Cristo em Dietrich Bonhoeffer"

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Teologia, pelo Mestrado em Teologia da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovado em 29 de agosto de 2014, pela Banca Examinadora.

BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Urbano Zilles
(Orientador)



Prof. Dr. Érico João Hammes

Prof. Dr. José Roque Junges

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter sido tão misericordioso e bondoso para comigo nesses últimos anos. É indizível minha gratidão. Só me resta devotar-me completamente a Ele.

A minha esposa e aos meus filhos, obrigado por me encorajarem sempre. Vocês foram incríveis ao longo desses dois anos. Vocês são a razão de tudo isso, eu os amo muito. Sem vocês este trabalho não seria realidade.

A meus pais por estarem sempre ao meu lado. Obrigado por todo o apoio e amor incondicional. Hoje posso voar mais alto porque vocês sempre acreditaram em mim.

Ao meu irmão Robson e sua esposa Raquel, que, além dos laços familiares, são meus parceiros ministeriais, e durante esses dois anos do mestrado seguraram as pontas quando eu mais precisava.

Ao professor Dr. Urbano Zilles. Tê-lo como orientador não é privilégio de muitos e por isso sou grato a Deus por tê-lo tido. Sua humildade e sabedoria continuarão me ensinando.

Aos professores e funcionários do Departamento de Teologia da PUCRS. Em especial ao Prof. Dr. Leomar Antônio Brustolin, coordenador do PPG, por ter me oportunizado essa grandiosa experiência que foi o mestrado. Obrigado por acreditar em mim.

Aos colegas de mestrado, pelo companheirismo ao longo de todo o tempo, em especial meu irmão de coração Adriano de Souza Lima.

Ao PROBOLSAS – Programa de Bolsas de Mestrado e Doutorado da PUCRS, pela valiosa contribuição para a realização desta pesquisa.

À família Catch the Fire Novo Hamburgo (Igreja e Escola), congregação da qual sou pastor, que indiretamente participou e apoiou este projeto. Nela pude ver o quanto a experiência de fé é necessária para uma caminhada genuína com Cristo.

Ao meu amigo Diego dos Santos Wingert, o maior autodidata que conheço. Obrigado pelo encorajamento, pelos livros emprestados e pelas orações.

A Sociedade Internacional Dietrich Bonhoeffer, em especial à Éder Felisbino de Souza, sou grato por todo o apoio oferecido.

“Se sou eu que digo onde Deus deve estar, eu sempre acharei um deus que me corresponde de alguma maneira, é condescendente, se acomoda ao meu jeito de ser. Mas se é Deus mesmo que diz onde ele quer estar, então este provavelmente será o lugar que não corresponde ao meu jeito de ser, que não me agrada nem um pouco. Este lugar, porém, é a cruz de Cristo, como o exige o Sermão do Monte”.

Dietrich Bonhoeffer, escrevendo ao seu cunhado Rüdiger Schleicher (MILSTEIN, 2006).

RESUMO

Esta dissertação reflete sobre o tema Experiência de Fé e o Seguimento de Cristo, analisado pela ótica do Teólogo Dietrich Bonhoeffer. Buscamos averiguar em que medida a experiência de fé de fato influencia na genuína caminhada com Cristo. Para fundamentar a questão, percorremos, através de uma análise bibliográfica, a vida e a obra de Dietrich Bonhoeffer. No primeiro capítulo, apresentamos o contexto histórico em que Bonhoeffer estava inserido, como guerras, período entre guerras e o Cristianismo, além de sua biografia. No segundo capítulo, a partir de uma análise de suas obras, buscamos apresentar sua teologia, sob a ótica da experiência de fé. No terceiro e último capítulo, o enfoque é a experiência de fé e o seguimento de Cristo propriamente dito. Analisam-se os conceitos, Dietrich Bonhoeffer e sua experiência de fé, salvação e martírio. Apresenta-se também uma breve análise do movimento pentecostal e da Teologia, contribuindo para afirmar a necessidade de uma experiência de fé genuína para um real seguimento de Cristo.

Palavras-chave: Experiência; Fé; Cristo; Seguimento; Dietrich Bonhoeffer.

ABSTRACT

This thesis reflects on the theme of Faith Experience and Discipleship, analyzed from the perspective of the theologian Dietrich Bonhoeffer. We seek to determinate how the experience of faith actually influences the genuine walk with Christ. In support of the issue, we have come through a literature review of the life and work of Dietrich Bonhoeffer. The first chapter discusses the historical context in which Bonhoeffer was inserted, as wars, the interwar period and Christianity, besides his biography. In the second chapter, from an analysis of his works, we seek to present his theology from the perspective of the experience of faith. In the third and final chapter, the focus is the experience of faith and discipleship of Christ itself. Analyzes the concepts, Dietrich Bonhoeffer and his experience of faith, salvation and martyrdom, and a brief analysis of the Theology and Pentecostal movement, helping to affirm the need for a genuine experience of faith to a real following of Christ.

Keywords: Experience; Faith; Christ; Discipleship; Dietrich Bonhoeffer.

LISTAS DE SIGLAS

AL – América Latina

EUA – Estados Unidos da América

Ex – Livro de Êxodo

He – Livro dos Hebreus

Is – Livro do Profeta Isaías

Mt – Evangelho de Mateus

RS – Resistência e Submissão

Tm – Carta de Paulo a Timóteo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	CONTEXTO HISTÓRICO E DE VIDA DE DIETRICH BONHOEFFER	13
2.1	ANOS DE TRANSFORMAÇÃO: PRIMEIRA GRANDE GUERRA (1914-1918)	14
2.2	O PERÍODO ENTRE GUERRAS: 1919-1939	19
2.3	SEGUNDA GRANDE GUERRA: 1939-1945	22
2.4	O CRISTIANISMO E AS GUERRAS MUNDIAIS	24
2.5	VIDA E OBRA DE DIETRICH BONHOEFFER – O TEÓLOGO	27
2.6	VIDA E OBRA DE DIETRICH BONHOEFFER – O MILITANTE E PRISIONEIRO	32
3	TEOLOGIA DE DIETRICH BONHOEFFER.....	38
3.1	A PRECIOSA GRAÇA, COM SUAS CONSEQUÊNCIAS	39
3.2	A EXPERIÊNCIA DO CHAMADO E DO SOFRIMENTO.....	42
3.3	O PRIMEIRO SERMÃO DE JESUS.....	46
3.4	A VINGANÇA E O AMOR AO PRÓXIMO	48
3.5	DISCIPLINAS ESPIRITUAIS.....	52
3.6	A IGREJA E O DISCÍPULO.....	55
4	EXPERIÊNCIA DE FÉ E O SEGUIMENTO DE CRISTO.....	60
4.1	CONCEITOS: EXPERIÊNCIA, FÉ E SEGUIMENTO	61
4.2	CONTRIBUIÇÕES DA TEOLOGIA DE DB PARA A EXPERIÊNCIA DE FÉ E O SEGUIMENTO DE CRISTO.....	66
4.3	EXPERIÊNCIA DE FÉ E SALVAÇÃO	70
4.4	EXPERIÊNCIA DE FÉ E MARTÍRIO	74
4.5	BONHOEFFER E O PENTECOSTALISMO BRASILEIRO.....	77
4.6	A TEOLOGIA, A EXPERIÊNCIA DE FÉ E O SEGUIMENTO DE CRISTO	82
5	CONCLUSÃO	87
	REFERÊNCIAS.....	90

1 INTRODUÇÃO

Com o advento da Modernidade, a realidade de um Deus sobrenatural, que criou e controla o universo, passou a ser questionada. Na modernidade, não se tem espaços para a realidade sobrenatural. Até se considera a possibilidade da existência de Deus, mas um deus reduzido a um mero conceito de interiorização do próprio ser humano e que não pode ser objetivamente percebido.¹

O desenvolvimento da ciência causou um divórcio entre a teologia e a espiritualidade, principalmente no mundo Ocidental, fazendo com que a teologia ocidental se inclinasse mais à razão raciocinante.² Nesse contexto, “a Teologia sentiu os efeitos da redução do homem a sua razão e desta à razão instrumental, sobretudo a partir do Iluminismo, quando tentada a reduzir a liturgia e a vida cristã a um discurso racional”.³

Na pós-modernidade, o abandono dos métodos racionalistas e científicos e a aproximação do sagrado produziram, em contrapartida, uma espiritualidade “sopa de letrinhas”, na qual Jesus Cristo é equiparado com gurus, horóscopos, numerólogos, astrólogos, mágicos, etc.⁴ Zilles, ao abordar o tema da racionalidade e espiritualidade, afirma:

Nesse mundo, produto da racionalidade técnico-científica, encontramos o homem contemporâneo, tentando reconquistar sua espiritualidade, como o recurso ao ocultismo, o interesse dos ocidentais pela meditação oriental, a explosão de movimentos religiosos e a sensibilidade pelo transcendente da experiência.⁵

Se na modernidade as pessoas gritavam “Deus está morto”, hoje proclamam: “Marx também e eu já estou doente de morte”⁶. Essa “espiritualidade” diversificada e a deriva grave da teologia para “um lado de um intelectualismo esterilizante”⁷ delegam ao teólogo um papel fundamental na sociedade.

A Modernidade não conseguiu responder a todos os questionamentos humanos, além de criar outros, com os quais a pós-modernidade igualmente não está sabendo como lidar. Toda essa busca, se não orientada, pode levar a encontrar

¹ GONDIM, Ricardo. *Fim do Milênio: Os Perigos e Desafios da Pós-modernidade na Igreja*, p. 10.

² BOFF, Clodovis. *Teoria do Método Teológico*, p. 137.

³ ZILLES, Urbano. *Desafios Atuais para a Teologia*, p. 75.

⁴ ZILLES, Urbano. *Desafios Atuais para a Teologia*, p. 62.

⁵ ZILLES, Urbano. *Desafios Atuais para a Teologia*, p. 61.

⁶ GONDIM, Ricardo. *Fim do Milênio: Os Perigos e Desafios da Pós-modernidade na Igreja*, p. 19.

⁷ BOFF, Clodovis. *Teoria do Método Teológico*, p. 151.

respostas erradas. O ser humano sempre buscou a Deus e sempre se inclinou a Deus ou a ídolos criados no Ocidente e Oriente,⁸ portanto, afirma Boff que “se não nos cuidarmos, poderemos ser vítimas e prisioneiros da unilateralidade da razão... Neste caso, construiremos falsos deuses, achando que o mundo real se reduz ao mundo da ciência”.⁹

Esse cuidado é de extrema importância e é nesse aspecto que a discussão entre experiência de fé e seguimento de Cristo se torna assunto relevante para a igreja nos dias atuais. Além do tema, a escolha do autor ocorre tendo em vista a difícil tarefa de separar sua teologia de sua vida pastoral. Dietrich Bonhoeffer, mais do que um teólogo, foi uma “existência teológica, na qual a palavra maior foi a morte martirial”.¹⁰ Em Bonhoeffer, biografia e teologia se mesclam como em nenhum outro teólogo do século XX, afirma Gibellini.¹¹ Com o livro “*Discipulado*”, Bonhoeffer apresenta uma proposta de tornar a Cristologia acadêmica em Cristologia prática, buscando entender o que Cristo tem para nós e o que Ele pede de nós hoje!¹²

Bonhoeffer tem várias de suas obras traduzidas para o português e tem sido apreciado por alguns setores da igreja brasileira. Contrariamente a isso, pouco tem sido o material acadêmico produzido no Brasil, relacionado ao teólogo alemão¹³. Trabalhos relacionados a ética, como o de Chaves¹⁴ e Peruzzo¹⁵; também na análise do neo-pentecostalismo brasileiro, como o de Nunes¹⁶ e Caldas¹⁷; da receptividade da teologia de Bonhoeffer na AL, como o de Ramos¹⁸; ou do cristianismo a-religioso de Bonhoeffer, analisado por Barcala¹⁹, são exemplos de trabalhos acadêmicos, apresentados no Brasil. Neste trabalho procurar-se-á analisar uma “face” ainda pouco explorada, o da experiência de fé de Bonhoeffer, com sua teologia e espiritualidade.

⁸ BOFF, Clodovis. *Teoria do Método Teológico*, p. 63.

⁹ BOFF, Clodovis. *Teoria do Método Teológico*, p. 69

¹⁰ HAMMES, Érico. Cristologia e Seguimento em Dietrich Bonhoeffer. *Revista TeoComunicação*, p. 498.

¹¹ GIBELLINI, Rosino. *A teologia do Século XX*, p. 106.

¹² GIBELLINI, Rosino. *A teologia do Século XX*, p. 109.

¹³ CALDAS, Carlos. Bonhoeffer no Brasil. *Revista Caminhando*, p. 134.

¹⁴ CHAVES, Irênio Silveira. *Ética protestante e modernidade. A formulação de uma proposta ética a partir de Dietrich Bonhoeffer*, 2006.

¹⁵ PERUZZO, Tula Maria Ribeiro Diorio. *O Desenvolvimento do Pensamento Ético de Dietrich Bonhoeffer: A ética da responsabilidade num mundo tornado adulto*, 2010.

¹⁶ NUNES, Eber. *Da burocracia para a profecia: mudanças no neopentecostalismo brasileiro*, 2008

¹⁷ CALDAS, Carlos. Bonhoeffer no Brasil. *Revista Caminhando*, 2008.

¹⁸ RAMOS, Luciana Soares. *A recepção da teologia de Dietrich Bonhoeffer na América Latina*, 2007.

¹⁹ BARCALA, Martin. *Cristianismo Arreligioso: Uma Introdução à Cristologia de Dietrich Bonhoeffer*, 2010.

Partindo do pressuposto da ruptura ocorrida, principalmente no Ocidente, entre Teologia e Espiritualidade, através do estudo da vida de um teólogo, na qual sua teologia se mistura com sua vida, busca-se analisar o quanto de suas experiências de fé, de sua espiritualidade, de fato influenciaram sua teologia e, conseqüentemente, seu seguimento de Cristo. Realmente é preciso desenvolver espiritualidade para ser um teólogo?

Como já mencionado, o papel do teólogo nos dias atuais tem se tornado de grande importância, no entanto, que tipo de teologia estamos apresentando? Qual a relevância daquilo que falamos para uma sociedade que está atrás de respostas? “A crise do sentido torna-se característica peculiar da inquietude pós-moderna”²⁰ e Dietrich Bonhoeffer tem muito a contribuir com tudo isso. Em uma jornada por seus escritos publicados em vida e o resgate de suas obras póstumas, buscar-se-á encontrar indícios que nos conduzam a uma resposta satisfatória, alimentando o espírito do leitor e encorajando-o a construir seu próprio itinerário de fé.

Para isso, a busca por respostas aos questionamentos supramencionados se dá a partir do capítulo primeiro, no qual se apresenta uma abordagem histórica do período em que viveu Dietrich Bonhoeffer. Será feita uma análise do ambiente social e político de sua infância, que foi a Primeira Grande Guerra Mundial; sua adolescência, o período entre guerras; até sua vida adulta, durante a Segunda Grande Guerra. Serão analisadas também as implicações do cristianismo ao longo de todo esse período e a vida e obra de Dietrich Bonhoeffer, sendo separadas em dois períodos: o primeiro enquanto teólogo; e o segundo enquanto militante e prisioneiro de Hitler.

No segundo capítulo, será apresentada brevemente a teologia de Bonhoeffer a partir de uma leitura da experiência de fé. Com a análise das obras “*Disciplinado*” e “*Resistência e Submissão*”, e com o auxílio das obras “*Vida em Comunhão*” e “*Ética*”, que contribuirão para melhorar a análise, procurar-se-á verificar em que medida a experiência de fé de Dietrich Bonhoeffer de fato influenciou em sua Teologia. Serão abordados os temas da Graça Preciosa, do chamamento do Mestre e como esse chamamento se relaciona com o sofrimento do discípulo. Também será abordada uma questão polêmica na vida de Dietrich Bonhoeffer, no que se refere ao amor ao próximo e vingança, além das disciplinas espirituais de Bonhoeffer, algo tão

²⁰ FORTE, Bruno. *À Escuta do Outro: filosofia e revelação*, p. 148.

importante em sua vida. Além disso, será mencionada a relação entre igreja e discípulo, com suas implicações e responsabilidades.

No terceiro e último capítulo, será abordado propriamente o tema experiência de fé e seguimento. Com a conceituação de experiência e fé, intentar-se-á criar limites para analisar o que significa uma autêntica experiência de Fé. Através de uma análise da teologia de Dietrich Bonhoeffer, buscar-se-á encontrar as implicações diretas das experiências de fé de Bonhoeffer para a composição de sua teologia.

A experiência de salvação e martírio, com suas implicações, também serão abordadas neste trabalho, sempre à luz da experiência de fé. Mesmo que Bonhoeffer tenha vivido em tempos diferentes e distante da realidade brasileira, acredita-se que sua teologia pode contribuir significativamente para a igreja brasileira e principalmente a igreja pentecostal, que é também enfocada no terceiro capítulo. Por último, mas não menos importante, será apresentada uma análise da teologia e da experiência de fé, os contrastes e aproximações, visando um seguimento de Cristo, autêntico e frutífero.

2 CONTEXTO HISTÓRICO E DE VIDA DE DIETRICH BONHOEFFER

Neste capítulo será apresentado primeiramente o contexto histórico em que Dietrich Bonhoeffer estava inserido, seus paradigmas e transformações. Imerso em uma cultura de guerra desde seu nascimento, Bonhoeffer extrai de suas experiências pessoais e de fé forças para ver os princípios cristãos em que acreditava serem vividos não somente pela igreja, mas pela sociedade como um todo. Será apresentado um breve relato de sua biografia, suas experiências e sua produção teológica, para posteriormente analisar sua teologia. Na narrativa histórica, será adotado as obras de Eric Hobsbawn, “*A Era dos Impérios*” e “*Era dos Extremos*” junto com outros autores que corroboram com o posicionamento de Hobsbawn.

Quando se busca entender algo ou alguém, existe a necessidade de compreender um pouco mais do que simplesmente a pessoa ou o fato em si. Para conhecer alguém existe a necessidade de conhecer também o meio em que está inserido, qual o contexto do ocorrido. A psicologia entende, que o que somos é resultado de algo ou alguém ter nos estimulado a isso.

Mesmo no cognitivismo, que entende que o conhecimento é construído pela interação da pessoa com o meio e vice versa,²¹ postula-se que a formação do conhecimento e a resposta que damos a isso são o resultado da relação entre o homem e o meio em que vive. O fato é que somos produto do meio, o que somos hoje é resultado de experiências e escolhas do passado.

Dietrich Bonhoeffer nasce e cresce em um dos períodos de maior transformação da história da humanidade no que tange às relações sociais, a primeira metade do século XX, com suas duas Grandes Guerras Mundiais.

A afirmação do filósofo Thomas Hobbes que define que “a guerra não consiste apenas na batalha, ou no ato de lutar, mas no lapso de tempo durante o qual o desejo de rivalizar através de batalhas é suficientemente conhecido”,²² explicita que a guerra e seus efeitos não são apenas sentidos durante o tempo da batalha em si, mas também durante tudo o que envolve o tempo pré e pós-guerra. O clima de tensão vivido pela população e as consequências dos atos de seus

²¹ SCHULTZ, Duane P. SCHULTZ, Sydney Ellen. *História da Psicologia Moderna*, p. 230, 431.

²² HOBBS, Thomas. *Leviathan*, parte I, cap. 13 apud HOBBSAWN, Eric J. *A Era dos Impérios*, p. 418.

governantes em tempos assim influenciam diretamente o seu comportamento e, conseqüentemente, a estrutura cultural de uma nação.

Dietrich Bonhoeffer vive em um tempo de grandes transformações, não somente em seu país, a Alemanha, mas em toda a população mundial:

Ninguém que tenha vivido uma vida adulta, tanto antes como depois de 1914-1918, em qualquer lugar da Europa e, cada vez mais, em amplas áreas fora do mundo europeu, poderia deixar de observar que os tempos haviam mudado dramaticamente.²³

Hobsbawn deixa claro que o período pós Primeira Guerra Mundial foi de total mudança para a humanidade. Econômica, política e socialmente, os países da Europa em um curto espaço de tempo tiveram suas estruturas chacoalhadas pelas constantes mudanças oriundas das guerras e revoluções.

Os resultados do pós-guerra para a Alemanha, perdedora da Primeira Guerra Mundial, a ascensão do Comunismo e a Revolução Russa, a crise econômica dos anos 30, o despertar de um novo líder “salvador da pátria”, tudo isso foi de fundamental importância na formação cultural do povo alemão, de modo que não foi diferente para Dietrich Bonhoeffer. Portanto, a formação social, política e teológica de Dietrich Bonhoeffer está marcada pela época de vida e estruturação do Teólogo, e para compreendê-lo melhor é necessário analisar seu contexto histórico e familiar.

2.1 ANOS DE TRANSFORMAÇÃO: PRIMEIRA GRANDE GUERRA (1914-1918)

Desde 1815 não houvera nenhuma guerra das grandes potências europeias. Vivia-se em uma aparente paz, com grandes transformações econômicas na maioria dos países da Europa. Na verdade, a paz era normalmente resultado de uma guerra, “assim, um período memorável de paz depende do resultado da guerra anterior e da imposição desse resultado”.²⁴ As vítimas de guerras e invasões, durante o final do século 19 e início do século 20, eram países do mundo não europeu e que geralmente não tinham condições de oferecer resistência. Uma das exceções foram os japoneses, que conquistaram notoriedade quando venceram a Rússia em 1904-1905.

²³ HOBBSAWN, Eric J. *A Era dos Impérios*, p. 454.

²⁴ BLAINEY, Geoffrey. *Uma Breve História do Mundo*, p.298.

Porém, a possibilidade de uma guerra não somente preocupava os governos europeus, mas também a população. Nos anos de 1880, Friedrich Engels já analisava as probabilidades de uma guerra mundial, e o filósofo Nietzsche saudou a militarização da Europa e predisse que viria uma guerra que “diria sim ao animal bárbaro, ou mesmo selvagem, que existe entre nós”.²⁵

A preocupação com a guerra fez surgir o Congresso Mundial para a Paz, em 1890, tendo o próximo previsto para Viena em 1914. Depois de outras reuniões subsequentes, os governos declararam seu compromisso, embora teórico, em manter a paz. Contudo, em “1900 a guerra ficou visivelmente mais próxima e nos anos 1910 podia ser e era considerada iminente”.²⁶

Apesar de tudo, não se esperava a declaração desta guerra. Mesmo em meio à crise internacional de julho de 1914, não se acreditava que se estava à beira de uma guerra de proporções mundiais. Mesmo depois da declaração de guerra por parte da Áustria em relação à Sérvia, acreditava-se que, como nas vezes anteriores, uma solução seria encontrada. Assim, “para os que nasceram após 1914, é difícil imaginar como a crença de que uma guerra mundial não podia “realmente” acontecer está profundamente enraizada no tecido da vida antes do dilúvio”.²⁷

Segundo Hobsbawn,²⁸ dos anos de 1871 a 1914, a principal função dos exércitos era civil. Para os jovens o alistamento era mais visto como um rito de passagem do garoto à fase adulta. Os exércitos tinham mais uma função civil do que militar, participando com a Banda Militar de eventos em parques e festejos públicos.

Evidentemente, o exército e raramente a marinha podiam ser mobilizados para conter alguma manifestação ou protesto em momentos de crise social, porém, os governos, principalmente aqueles que se preocupavam com a opinião pública, cuidavam como e quando os usavam.

Alguns civis, ao contrário dos militares, previram a guerra. Ivan Bloch, um financista judeu, publicou seis volumes do que chamou de *Technical, Economic and Political Aspects of the Coming War*, que Hobsbawn considera como:

“um trabalho profético que predizia o empate militar da Guerra de trincheiras, o que levaria a um conflito prolongado cujos aspectos

²⁵ NIETZSCHE, Friedrich. *Wille zur Macht*, loc. Cit., p.92 apud HOBBSAWN, Eric J. *A Era dos Impérios*, p. 419.

²⁶ HOBBSAWN, Eric J. *A Era dos Impérios*, p. 419

²⁷ HOBBSAWN, Eric J. *A Era dos Impérios*, p. 420.

²⁸ HOBBSAWN, Eric J. *A Era dos Impérios*, p. 420

econômicos e humanos intoleráveis exauririam os beligerantes ou os fariam mergulhar na revolução social.²⁹

Enquanto apenas alguns observadores civis compreendiam o caráter catastrófico de uma possível guerra futura, os governos, um tanto alheios a isso, lançaram-se à corrida para se equiparem com a nova tecnologia, que já vinha sendo desenvolvida desde a década de 1880. Foi a chamada tecnologia da morte, na qual se desenvolveu rapidamente o poder das armas de fogo de pequeno porte e da artilharia, motores-turbina que transformaram os navios de guerra, de uma blindagem protetora mais eficaz e de uma capacidade de poder carregar mais armas.³⁰

Em decorrência disso, os gastos militares começaram a aumentar consideravelmente pelos países do ocidente. Um país que investiu bastante nesse período foi a Alemanha, que passou de 90 milhões de marcos em gastos navais por ano, em meados da década de 1890, para 400 milhões nos anos de 1913 e 1914.³¹

As armas de guerra também evoluíram:

O poder de fogo das metralhadoras mais modernas e das armas pesadas, puxadas por cavalos, era tão devastador que os soldados que avançavam contra o inimigo eram dizimados aos milhares, e os que os substituíam, também acabavam tendo o mesmo destino.³²

Assim surge a chamada indústria da guerra, na qual empresas passaram a ser cuidadas e literalmente financiadas pelos governos para manterem suas produções compatíveis a uma possível demanda em caso de guerra. A corrida armamentista fez com que as empresas privadas com produção bélica crescessem grandemente e absorvessem grande parte da mão de obra. Essas empresas se modernizaram e passariam a se beneficiar grandemente caso uma guerra fosse deflagrada por países consumidores de seus produtos.

Contudo, a guerra mundial não pode ser explicada como uma conspiração de fabricantes de armas, mesmo fazendo os técnicos, com certeza, o máximo para convencer generais e almirantes, mais familiarizados com paradas militares do que com a ciência, de que tudo estaria perdido se eles não encomendassem o último tipo de arma ou navio de guerra.³³

²⁹ HOBBSAWN, Eric J. *A Era dos Impérios*, p. 423.

³⁰ HOBBSAWN, Eric J. *A Era dos Impérios*, p. 424

³¹ W. ASHWORTH, *Economic Aspects of Late Victorian Naval Administration*, in *Economic History Review*, XXII, 1969, p. 491 apud HOBBSAWN, Eric J. *A Era dos Impérios*, p. 424-425.

³² BLAINEY, Geoffrey. *Uma Breve História do Mundo*, p.299.

³³ HOBBSAWN, Eric J. *A Era dos Impérios*, p. 427.

É inegável que o acúmulo de material bélico, principalmente nos últimos cinco anos que antecederam a 1914, empurraram para uma situação explosiva. “Porém a Europa não foi à guerra devido à corrida armamentista como tal, mas devido à situação internacional que lançou as nações nessa competição”.³⁴

Hobsbawn³⁵ afirma que qualquer historiador que queira explicar por que ocorreu a Primeira Grande Guerra mergulha em águas profundas e turbulentas. A Revolução Russa de 1917 acusava o imperialismo como um todo, já os aliados vencedores da guerra culpavam exclusivamente a Alemanha, pedra angular do tratado de paz de Versalhes em 1919. O surgimento da Segunda Grande Guerra corroborou para essa teoria e ressurgiram os debates sobre a culpabilidade alemã.

Contudo, é indubitável que nenhum governo de qualquer das grandes potências, de antes de 1914 queria seja uma guerra europeia generalizada, seja mesmo – ao contrário dos anos de 1850 e 1860 – um conflito militar restrito com outra grande nação europeia.³⁶

Depois do assassinato de um arquiduque austríaco por um estudante terrorista em 1914, a Áustria sabia que poderia iniciar uma guerra mundial ao provocar a Sérvia. Assim, Hobsbawn³⁷ diz que descobrir a origem da Primeira Guerra Mundial não é o mesmo que descobrir o agressor. Sua origem repousa na situação internacional em processo de deterioração, escapando do controle dos governos dos países europeus.

A Primeira Guerra mundial foi a culminância de um amplo processo de competição de mercados e de conflitos entre velhos e modernos Estados europeus, particularmente a Alemanha, Inglaterra e França. A corrida armamentista entre a França revanchista e a Alemanha expansionista e a disputa dos mares com a Inglaterra levaram à primeira conflagração mundial. Além disso, a necessidade de conquista de novos mercados era uma decorrência dos avanços do capitalismo.³⁸

Aos poucos começaram a surgir dois grandes blocos na Europa, um comandado pelo império Alemão e, do outro lado, a França, que havia sofrido anteriormente com invasões dos alemães e tomada de território. Alianças entre países europeus começaram a ser formadas, uma prática que vinha sendo desenvolvida por alguns países estrategistas desde a década de 1870.

³⁴ HOBBSAWN, Eric J. *A Era dos Impérios*, p. 427.

³⁵ HOBBSAWN, Eric J. *A Era dos Impérios*, p. 428.

³⁶ HOBBSAWN, Eric J. *A Era dos Impérios*, p. 429.

³⁷ HOBBSAWN, Eric J. *A Era dos Impérios*, p. 431.

³⁸ MOTA, Carlos Guilherme. *História Moderna e Contemporânea*. p. 291.

Hobsbawn afirma que são três os problemas que transformaram esse sistema de alianças em uma bomba-relógio: a situação do fluxo internacional, desestabilizado por novas ambições e problemas entre os países; a lógica do planejamento militar, que acabou por estabelecer quem estava de qual lado dos blocos; e por último a integração da Grã-Bretanha ao bloco pertencente à França.³⁹ Formaram-se posteriormente as chamadas Tríplices, na qual aparece a Tríplice Aliança, composta pelo Império Alemão, Império Austro-Húngaro e o Reino da Itália, e a Tríplice Entente, com Reino Unido, França e Império Russo.

Um fator de extrema importância nessa dinâmica de relações internacionais de paz é a questão do desenvolvimento econômico. O crescimento do capitalismo “empurrou o mundo inevitavelmente em direção a uma rivalidade entre os Estados, à expansão imperialista, ao conflito e à guerra”.⁴⁰ A partir desse momento dificilmente se concebia uma “grande nação” que ao mesmo tempo não fosse detentora de uma “grande economia”. Hobsbawn diz que “formulava simplesmente um princípio de proporcionalidade: quanto mais poderosa for a economia de um país, maior será a sua população, maior o lugar de sua nação-Estado”.⁴¹

Como já mencionado, a Alemanha investiu fortemente em sua esquadra naval, ameaçando, assim, o domínio britânico sobre águas consideradas vitais, como o Mediterrâneo, o Oceano Índico e a orla do Atlântico. Enquanto a Grã-Bretanha almejava a preservação do *status quo*, a Alemanha buscava a sua modificação.

O assassinato do arquiduque Francisco Fernando, herdeiro da coroa imperial austríaca, acabou sendo o estopim para a deflagração da guerra. A crise em 1914 foi totalmente inesperada:

Nenhum ministério das relações exteriores esperava problemas em junho de 1914, e personalidades públicas há décadas eram assassinadas com uma certa frequência. Em princípio, ninguém se preocupou com o fato de uma grande nação intervir pesadamente num vizinho pequeno e problemático. Desde então, cerca de cinco mil livros foram escritos para explicar o aparentemente inexplicável: como dentro de pouco mais de cinco semanas após Sarajevo, a Europa se encontrava em guerra.⁴²

³⁹ HOBSPATH, Eric J. *A Era dos Impérios*, p. 433.

⁴⁰ HOBSPATH, Eric J. *A Era dos Impérios*, p. 437.

⁴¹ HOBSPATH, Eric J. *A Era dos Impérios*, p. 440.

⁴² HOBSPATH, Eric J. *A Era dos Impérios*, p. 446.

A Alemanha decidiu dar apoio à Áustria, ou seja, não tentou acalmar a situação. Qualquer evento, por menor que fosse, nesse período de 1914, poderia levar ao confronto. Basicamente, as crises internas e externas dos últimos anos, anteriores a 1914, fundiram-se. A guerra é deflagrada e, no início de 1918, a Alemanha ainda tinha chances de lutar e vencer, ou mesmo negociar uma paz favorável. Corajosamente, a Alemanha avançou em guerra, porém, aos poucos o destino da guerra se vira contra a Alemanha, que começou a sofrer com o acesso à comida e munições aos homens do front de batalha.⁴³

Na Alemanha, à medida que o inverno de 1918 se aproximava, a moral dos civis e mesmo dos soldados começou a dar sinais de cansaço.⁴⁴ Alimentos e roupas eram escassos devido aos bloqueios dos inimigos e em 11 de novembro a Alemanha e seus aliados assinam o armistício. “Dos 8,5 milhões de soldados e marinheiros que morreram na Primeira Guerra Mundial, a Alemanha foi a que mais perdeu, seguida pela Rússia, França, Austro-Hungria, Inglaterra e seu império”.⁴⁵

O pós-guerra foi marcado por cifras de milhões, não de população de um país, ou seu crescimento econômico, mas por vítimas da guerra. Uma revolução econômica e social sucedeu os tempos de crise.

O período ainda em curso, que sucedeu a essa era de ruína e transição é, provavelmente, o mais revolucionário já vivido pela espécie humana, em termos de transformações sociais que afetam os homens e as mulheres comuns do mundo.⁴⁶

2.2 O PERÍODO ENTRE GUERRAS: 1919-1939

A paz que veio do pós-guerra parecia trazer de volta o que se tinha antes de 1914. As fábricas deixaram de produzir material de guerra para voltar a suas produções normais, a vida urbana voltava à normalidade. Todavia, não passou muito tempo sem que o mundo percebesse que a paz posterior a 1918 não era a continuação da paz anterior a 1914. O grande cataclismo gerado pela guerra alterou não somente a vida na Europa, mas também no mundo.⁴⁷

⁴³ BLAINEY, Geoffrey. *Uma Breve História do Mundo*, p.301.

⁴⁴ BLAINEY, Geoffrey. *Uma Breve História do Mundo*, p.301.

⁴⁵ BLAINEY, Geoffrey. *Uma Breve História do Mundo*, p.301.

⁴⁶ HOBBSAWN, Eric J. *A Era dos Impérios*, p. 461.

⁴⁷ PABÓN, Jesús; SOSA, Luis de; COMELLAS, José Luis. *História Contemporânea General*, p. 703.

Mundialmente, o quadro entre guerras assim se define: a revolução socialista se aprofunda na Rússia após 1917; o capitalismo monopolista se expande, centralizando-se, contudo, nos Estados Unidos [...]; regimes fascistas são implantados na Alemanha, na Itália, Espanha, Portugal, Japão, etc.⁴⁸

Para entender o conteúdo histórico do que se chama período entre guerras, é necessário avaliar a natureza dessas consequências. Antes de qualquer coisa, é a perda de vidas humanas; perdas materiais e morais; a consequência da paz conforme dita por aqueles que venceram a guerra sobre os vencidos; multiplicação de fronteiras e nacionalismos fomentados; e a concomitante revolução Russa, trazendo o triunfo Leninista do comunismo soviético, e o perigo de um “sovietização” do resto do mundo.⁴⁹

Talvez o que mais se destaca é o giro político do mundo todo em direção à democracia, países vencidos acabam adotando governos mais liberais. A mulher ganha um papel de destaque na sociedade, tendo seus direitos reconhecidos em todas as legislações.⁵⁰

A economia também sofreu com o pós-guerra uma transformação nas classes sociais, e a classe média foi a que mais sofreu. Uma reforma agrária foi necessária, redistribuindo de grandes latifundiários para novos camponeses. “Três atos perfeitamente complementários entre si se uniram: a inflação, o excesso de mão de obra e a redução das necessidades de produção, como consequências do cessar da guerra”.⁵¹

A indústria alemã, paradoxalmente se salva dessa situação, visto a necessidade de reparar todos os danos causados pela guerra. No entanto, aos países vencedores como Grã-Bretanha e França, milhões ficaram desempregados.

Um dos atos mais chamativos do pós-guerra é o desencanto que se observa na maioria dos países vencedores. A paz havia chegado envolta em promessas de felicidades e prosperidades futuras, e aquelas haviam ficado quase sempre nas palavras dos discursos e nos parabéns dos estadistas.⁵²

Outros dois países acabaram fortalecidos no pós-guerra, Estados Unidos e Japão, ambos participantes marginais da guerra. Diante de uma Europa desfeita e

⁴⁸ MOTA, Carlos Guilherme. *História Moderna e Contemporânea*, p. 294.

⁴⁹ PABÓN, Jesús; SOSA, Luis de; COMELLAS, José Luis. *História Contemporânea General*, p. 703.

⁵⁰ PABÓN, Jesús; SOSA, Luis de; COMELLAS, José Luis. *História Contemporânea General*, p. 703.

⁵¹ PABÓN, Jesús; SOSA, Luis de; COMELLAS, José Luis. *História Contemporânea General*, p. 705.

⁵² PABÓN, Jesús; SOSA, Luis de; COMELLAS, José Luis. *História Contemporânea General*, p. 707.

empobrecida, distantes geograficamente do conflito e com mínimas perdas, encontraram uma oportunidade de crescimento frente ao mercado internacional.

De todas as potências europeias vencidas na guerra, a Alemanha foi a que menos perdeu território, nada comparado às perdas de Áustria e Turquia.⁵³ No entanto, esse não era o seu problema maior, pois para a Alemanha a grande questão foram os embargos colocados pelos países vencedores da guerra sobre a vencida e considerada culpada por tudo, a Alemanha.

Cabia a ela o “conserto” das potências do mundo, impedindo-a de participar das discussões diplomáticas e expansão colonial. Outra dura condição foi a de pagar pelos prejuízos da guerra, sendo fixado, depois da Conferência de Londres em 1921, o valor de 33 bilhões de dólares, pagos em 20 anos, hipotecando a economia alemã pelas próximas duas décadas.⁵⁴

Se não tivesse ocorrido a Primeira Guerra Mundial, provavelmente Hitler não teria ficado conhecido nem recebido tanto apoio, pois o povo ainda andava em amargura pela derrota e necessitava de um “Salvador” que recuperasse a nação e sua autoestima. Sem a Grande Guerra, Inglaterra e França continuariam dominando o mundo econômico, fato que não ocorreu, pois tiveram que contar com a economia dos Estados Unidos da América, que financiaram boa parte da guerra, trazendo-os para o cenário econômico mundial.⁵⁵ A falta de experiência dos americanos no que se refere à liderança da economia mundial fez com que a aparente estabilidade econômica mundial durante os anos vinte, fosse interrompido por uma crise importante do período entre guerras, a chamada “depressão de 1930”, que atinge não somente os EUA, como a todos os países da Europa.⁵⁶ “Em suma: entre as guerras, a economia mundial capitalista pareceu desmoronar. Ninguém sabia exatamente como se poderia recuperá-la”.⁵⁷

Como tentativa de resposta a isso surge “o comunismo soviético, proclamando-se como uma alternativa superior ao capitalismo, e destinado pela história a triunfar sobre ele”.⁵⁸ Grandes transformações aconteceram na Rússia, após a Primeira Guerra Mundial e com a Revolução Russa, liderada por Lennin.

⁵³ PABÓN, Jesús; SOSA, Luis de; COMELLAS, José Luis. *História Contemporânea Geral*, p. 724.

⁵⁴ PABÓN, Jesús; SOSA, Luis de; COMELLAS, José Luis. *História Contemporânea Geral*, p. 724.

⁵⁵ BLAINEY, Geoffrey. *Uma Breve História do Mundo*, p. 302-303.

⁵⁶ PABÓN, Jesús; SOSA, Luis de; COMELLAS, José Luis. *História Contemporânea Geral*, p. 743.

⁵⁷ HOBBSAWM, Eric J. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*, p. 91.

⁵⁸ HOBBSAWM, Eric J. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*, p. 63.

Derrubando o regime czarista, dá as classes trabalhistas um lugar de destaque. Desgastada pela guerra mundial, estava também desfeita devido a sua guerra civil, a agora União Soviética precisava construir tudo.⁵⁹ A transformação causada por essa revolução foi tão impactante ao ponto de Hobsbawn afirmar que “a história do Breve Século XX não pode ser entendida sem a Revolução Russa e seus efeitos diretos e indiretos”.⁶⁰

Assim, viu-se desenvolver duas frentes: “Hitler, na Alemanha, e Stalin, na Rússia, moldaram a guerra que estava por vir; foram os líderes decisivos quando a guerra explodiu em 1939, e rapidamente se tornaram aliados”.⁶¹ Estava um cenário novamente montado para mais uma guerra.

2.3 SEGUNDA GRANDE GUERRA: 1939-1945

Adolf Hitler, de uma cidade da Áustria, assimila o antissemitismo de Viena e parte do patriotismo que existia em Munique quando deflagrada a Primeira Grande Guerra em 1914, um soldado condecorado por sua coragem na frente ocidental, mas também atordoado com a perda da moral no final da guerra em 1918.

Em 1919, com 30 anos de idade, torna-se líder de um partido político, chamado Partido Nacional-Socialista Alemão. Hitler conhecia a Alemanha e sua história; brilhante orador, aquecia o coração dos alemães ainda atônitos com os resultados da Primeira Guerra e carregados de um sentimento de injustiça.

A depressão de 1930 contribuiu para que Hitler prosperasse em cima do medo e da incerteza, fazendo com que o povo alemão visse nele o defensor da lei e da ordem. O medo do comunismo que assolava a Europa e o mundo lhe rendeu cada vez mais apoio dos pequenos fazendeiros e donos de lojas.

Apelando em sua oratória para o orgulho alemão, explorava “o ressentimento generalizado de que a Alemanha havia sido derrotada injustamente num jogo no qual há muito tempo o país se sobressaía, o jogo da guerra”.⁶²

De 1930 a 1932, o partido de Hitler segue ampliando sua votação a ponto de se tornar o maior partido político alemão. Em janeiro de 1933, forma uma coalizão de partidos menores de direita no qual Hitler é eleito o chanceler. “A perseguição

⁵⁹ PABÓN, Jesús; SOSA, Luis de; COMELLAS, José Luis. *História Contemporânea General*, p. 730.

⁶⁰ HOBBSAWM, Eric J. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*, p. 89.

⁶¹ BLAINEY, Geoffrey. *Uma Breve História do Mundo*, p. 304.

⁶² BLAINEY, Geoffrey. *Uma Breve História do Mundo*, p. 305.

aos judeus, a supressão dos sindicatos de trabalhadores e a opressão das liberdades civis estavam em andamento”.⁶³ Em 1934, morre o já idoso presidente alemão, e Hitler, com o consentimento popular, assume o controle, sendo na verdade mal preparado para o poder, uma vez que era fraco administrativamente e, até chegar ao poder, tinha alcançado somente a patente de cabo do exército.

Com a chamada depressão de 1930, o sentimento de impotência assombrou muitas nações industriais que haviam lutado na guerra. Assim, a depressão entregou a Hitler o poder de quebrar o tratado de paz firmado no final da guerra. Quando ele iniciou o rearmamento da Alemanha, a Liga das Nações⁶⁴ se encontrava fragilizada demais para poder intervir.

Em 1936 Hitler invade o Vale Reno, menosprezando o Tratado de Versalhes. Continua sua investida no rearmamento, na construção de estradas de alta velocidade e na recuperação da indústria automobilística, fatos que ajudaram a diminuir a taxa de desemprego. “A moral e o amor próprio alemão alavancaram a Alemanha”.⁶⁵ Em março de 1938, o exército de Hitler invade a Áustria e em outubro a parte germânica da Tchecoslováquia, rasgando página por página o Tratado de Versalhes.

A Segunda Grande Guerra inicia em setembro de 1939, com a invasão da Polônia por parte de Hitler, contando com a ajuda da União Soviética. A Polônia foi esmagada antes que França e Inglaterra pudessem reagir. “Nos anos de 1940 e 1941 Hitler tomou quase toda a parte central e ocidental da Europa”.⁶⁶ No mês de junho de 1941, Hitler entra na União Soviética, e em dezembro forças japonesas começaram a conquista de colônias britânicas, francesas e holandesas do sudeste da Ásia.⁶⁷

Basicamente, a Segunda Grande Guerra consistia em duas guerras distintas, uma na Europa, com os alemães, e a outra no leste da Ásia, com os japoneses. A impressionante vitória do exército alemão na Europa Ocidental em 1940, expôs a fragilidade das colônias inglesas e francesas, encorajando os

⁶³ BLAINEY. Geoffrey. *Uma Breve História do Mundo*, p. 305.

⁶⁴ Liga das Nações, ou Sociedade das Nações, com sede em Genebra, na Suíça, era composta pelos seus 32 países fundadores, além de 13 convidados. A Alemanha seria admitida em 1926 e a URSS em 1934. Foi uma organização internacional que se reuniu em Versalhes para firmar o acordo de paz entre os países da Primeira Grande Guerra. Cf. MOTA, Carlos Guilherme. *História Moderna e Contemporânea*, p. 290.

⁶⁵ BLAINEY. Geoffrey. *Uma Breve História do Mundo*, p.308.

⁶⁶ BLAINEY. Geoffrey. *Uma Breve História do Mundo*, p. 308

⁶⁷ BLAINEY. Geoffrey. *Uma Breve História do Cristianismo*, p. 303

japoneses em 1941 a atacarem as bases da Birmania, Hong Kong e até Pearl Harbor, fazendo com que os Estados Unidos, após o ataque aéreo a Pearl Harbor, entrassem de vez na guerra. Travava-se uma guerra de proporções globais que duraria até 1945.

Assim, as duas guerras se tornaram uma só, com Alemanha e Japão lutando do mesmo lado e os Estados Unidos, Inglaterra, China e a maioria das nações de outro. Agora sim, configurava uma Guerra Mundial.

Como a Alemanha estava à frente no que diz respeito ao desenvolvimento da ciência, em especial a física, era de se esperar o atrelamento da ciência à guerra. No entanto, como a preocupação da Alemanha era mais a purificação da raça do que procurar conhecimento, os Estados Unidos aos poucos foram assumindo a ponta no desenvolvimento de pesquisas nucleares.

A Alemanha foi finalmente conquistada em 1945, um pouco antes de os Estados Unidos terem a oportunidade de testar a primeira bomba nuclear, fato que aconteceu depois, pois ainda restava a rendição do Japão. Com a rendição do imperador japonês depois da destruição de Hiroshima e Nagasaki por bombas nucleares americanas em agosto de 1945, o fim da guerra é decretado, a Europa se divide em duas, as democracias controlavam a parte ocidental e a União Soviética a parte Oriental, incluindo a Alemanha.⁶⁸

2.4 O CRISTIANISMO E AS GUERRAS MUNDIAIS

O Cristianismo vinha de uma grande ascensão mundial, de 1780 até 1914. Enquanto que até 1600 as grandes potências mundiais, Portugal e Espanha, eram católicas, 300 anos mais tarde países como Grã-Bretanha, Alemanha, Holanda e até mesmo os Estados Unidos, preparavam-se para entrar no grupo das mais vigorosas potências coloniais, países de predominância protestante e de grande apoio a seus missionários.⁶⁹ Assim, esforços missionários foram empregados na conversão de asiáticos e africanos. Blainey descreve que “em 1900, pregadores e professores cristãos tinham alcançado quase todos os territórios do mundo, exceto regiões afastadas da África e trechos das montanhas da Nova Guiné”.⁷⁰

⁶⁸ BLAINEY. Geoffrey. *Uma Breve História do Mundo*, p. 313 e 315.

⁶⁹ BLAINEY. Geoffrey. *Uma Breve História do Cristianismo*, p. 292.

⁷⁰ BLAINEY. Geoffrey. *Uma Breve História do Cristianismo*, p. 294.

Com o advento da tecnologia, observadores concluíam que o mundo estava encolhendo, tendo em vista que a primeira década do século vinte foi marcada por grandes evoluções, como o voo do primeiro avião e a transmissão de mensagens sem a necessidade de fios. Acreditava-se que, com isso, as nações se aproximariam e haveria mais diálogo entre elas, reduzindo as chances de uma guerra, o que posteriormente se viu não se concretizar.

Uma questão a ser analisada é que as grandes nações que primeiro se engajaram na Primeira Guerra Mundial eram de profissão Cristã, com exceção de Japão e Turquia. Assim, católicos e protestantes lutavam lado a lado, mas também em lados opostos.⁷¹

Alguns líderes cristãos da época tentaram impedir o início da guerra. Nomes como o do arcebispo de Canterbury, Randall Davidson, mostrou-se preocupado com a possibilidade de uma guerra entre Grã-Bretanha e Alemanha. Mais tarde, em 1909, ele apresenta o teólogo alemão Adolf Von Harnack ao rei Eduardo VII, e explicita que seria impensável uma guerra entre esses dois países, o que mais tarde veio a acontecer.⁷²

Com o fim da Primeira Guerra Mundial o saldo de mortos era em sua maioria Cristãos, provavelmente 90%, diferentemente do que ocorreu na Segunda Grande Guerra, na qual a investida foi avassaladora contra judeus. Segundo os ensinamentos de Blainey, “a Primeira Guerra Mundial, porém, na verdade uma competição suicida para a Europa e a supremacia global, terminou com dois derrotados: de um lado, a Europa, e, de outro, sua frágil civilização cristã”.⁷³

A revolução na Rússia em 1917 desferiu um golpe muito forte nos cristãos. Lennin, o líder revolucionário, classificou o cristianismo como “uma das coisas mais odiosas da face da Terra”.⁷⁴ No ano de 1918, todos os seminários foram fechados e muitas igrejas transformadas em museus, templos do ateísmo ou mesmo depósitos, em territórios russos.

Se os primeiros anos depois do fim da Primeira Guerra Mundial registraram a rápida disseminação do ateísmo na nova União Soviética, a disseminação foi ainda mais rápida depois do término da Segunda Guerra Mundial. Em

⁷¹ BLAINEY. Geoffrey. *Uma Breve História do Cristianismo*, p. 295.

⁷² BLAINEY. Geoffrey. *Uma Breve História do Cristianismo*, p. 296.

⁷³ BLAINEY. Geoffrey. *Uma Breve História do Cristianismo*, p. 297.

⁷⁴ BLAINEY. Geoffrey. *Uma Breve História do Cristianismo*, p. 298.

1945, as forças russas ocupavam o leste europeu, onde permaneceriam por quase meio século.⁷⁵

Durante a década de 1920, o Partido político de Hitler, recém criado, tornou-se um dos grandes opositores do comunismo russo e um grande expoente do nacionalismo alemão. Mesmo que muitos cristãos não concordassem com a ambição excessiva de Hitler, votaram nele, pois admiravam seu nacionalismo.

Depois de assumir o controle total da Alemanha, Hitler fecha o parlamento e mostra seu desprezo para com a igreja católica, na qual havia sido criado. Não somente com os católicos, mas também interfere com os protestantes, incentivando a divisão e a criação de um novo ramo do luteranismo, aos simpatizantes do nazismo. Um grupo de pastores luteranos, no qual Dietrich Bonhoeffer fez parte, resistiu a Hitler e a suas ideias, pagando um alto preço por isso.

Em apenas cinco anos, na Alemanha, o cristianismo foi substituído pelo nazismo como credo dominante. Diferentemente do Cristianismo, o altar do nazismo não ficava nos templos e sim dentro de cada alemão, cada cidade, vila, tradição, pois viam em Hitler um novo messias.

Hitler acreditava equivocadamente que os judeus eram responsáveis pela derrota da Alemanha na Primeira Guerra Mundial e, em 1941, resolve aproveitar a oportunidade de eliminar os judeus que ainda viviam na Europa. Crianças, jovens e velhos, ninguém foi poupado, “ao todo 5 milhões de judeus foram assassinados com eficiência científica”.⁷⁶

O cristianismo acabou por não escapar de uma responsabilização indireta pelo holocausto⁷⁷. Judeus e cristãos tinham sido rivais por longos períodos. Alguns cristãos acusavam os judeus pela crucificação de Jesus. Por outro lado, os cristãos também entendiam que tinham uma dívida para com os judeus, visto acreditarem, assim como eles, que o Velho Testamento, livro sagrado das sinagogas judaicas, era igualmente inspirado e de que o próprio Cristo veio dos judeus.

Assim, essa Alemanha que por muito tempo foi referencial de civilização ocidental, na música, artes, literatura, arquitetura, ciências sociais e principalmente ciência e tecnologia, passa a revelar outro lado.

⁷⁵ BLAINEY. Geoffrey. *Uma Breve História do Cristianismo*, p. 306.

⁷⁶ BLAINEY. Geoffrey. *Uma Breve História do Cristianismo*, p. 302

⁷⁷ BLAINEY. Geoffrey. *Uma Breve História do Cristianismo*, p. 302

2.5 VIDA E OBRA DE DIETRICH BONHOEFFER – O TEÓLOGO

Na cidade de Breslau, na Alemanha, nasce Bonhoeffer e sua irmã gêmea Sabine em 04 de fevereiro de 1906.⁷⁸ Karl Bonhoeffer, pai de Bonhoeffer, era professor de psiquiatria, um homem de autoridade, fala mansa, mas decisivo. Compreendia sua ascendência burguesa, pois sua família tinha influencia na sociedade alemã da época e Bonhoeffer entendia o papel que cabia a ele devido a esse legado. A mãe, Paula Bonhoeffer, de origem nobre,⁷⁹ tinha o dom da música e completava seu marido. Os Bonhoeffer alugaram uma casa com um amplo e lindo jardim, que dava liberdade para as crianças brincarem.

As crianças não eram enviadas ao culto infantil, a própria mãe os ensinava acerca da palavra de Deus e também a música. Bonhoeffer era tão bom ao piano que chegou a cogitar a possibilidade de se tornar um pianista.⁸⁰ Seus três irmãos mais velhos, semelhantes ao pai, tinham dons na área das ciências naturais. Todos os filhos eram inteligentes e compreendiam que lhes cabia um papel importante no mundo no qual estavam inseridos.

No ano de 1912 se mudam para Berlim, quando o pai assume o cargo de diretor do hospital universitário de caridade da cidade e, simultaneamente, passa a ocupar a cadeira de psiquiatria e neurologia mais importante da Alemanha. Moram em um bairro de professores, o que cria um ambiente propício ao estudo e ao desenvolvimento intelectual.

Quando Bonhoeffer completa 08 anos, eclode a Primeira Guerra Mundial. Sem saber exatamente o que estava acontecendo, vê uma Alemanha abraçar um patriotismo ferrenho, quando seu imperador afirma “não mais conheço partidos, conheço alemães apenas”.⁸¹

No ano de 1917, seu irmão Walter se alistou para a guerra. No dia 23 de abril de 1918, Walter foi ferido gravemente e veio a falecer cinco dias depois, aos 18 anos de idade. Esse evento abalou a família Bonhoeffer e talvez tenham sido esses acontecimentos que amadureceram em Bonhoeffer a ideia de estudar teologia.

⁷⁸ NAVARRO, Juan Bosch. *Diccionario de Teólogos/as Contemporáneos*, p. 157.

⁷⁹ O pai era pregador junto a corte do Imperador Guilherme II.

⁸⁰ MILSTEIN, Werner. *Dietrich Bonhoeffer*. Vida e Pensamento, p. 12.

⁸¹ MILSTEIN, Werner. *Dietrich Bonhoeffer*: Vida e Pensamento, p. 14.

Quando conclui o ensino médio foi questionado sobre seu sonho profissional e responde: Teologia. “Agora ele o tinha revelado a todos, agora os enigmas de sua vida deveriam ser resolvidos em seu íntimo”.⁸² Para seu pai, era um desperdício de talento, pois acreditava que a igreja era um lugar antiquado e mesquinho. Bonhoeffer em resposta diz: “Então vou reformar a igreja”.⁸³

Em 1923, inicia seus estudos em Tübingen. Devido a um acidente patinando no gelo, teve que interromper seus estudos, e foi presenteado por seus pais, em cumprimento dos seus 18 anos, com um período de estudos em Roma. Ali, frequentava seminários e cultos. Foi o início de sua jornada ecumênica e da compreensão do que de fato significa ser igreja. “Acho que estou começando a compreender o conceito igreja”,⁸⁴ afirmou depois de ter participado de uma missa na Igreja Trinità dei Monti.

Bonhoeffer volta para casa e continua seus estudos tendo como seu professor o teólogo Adolf von Harnack, amigo da família. Este relacionava o papel da igreja com o estado e do estado com a igreja. Essa teologia era contestada pelo até então desconhecido teólogo suíço Karl Barth, que dizia que a igreja não poderia depender do estado, mas também não poderia ser apolítica. Bonhoeffer entende ambas as posições e segue uma linha mais semelhante a Barth,⁸⁵ não excluindo a ideia de que a Palavra de Deus e o próprio Cristo são a essência de nossa fé.

No ano de 1927, Dietrich Bonhoeffer, agora com vinte e um anos de idade, escreve sua tese de doutorado, sobre o assunto igreja, “*Sanctorum Communio*” (Comunhão dos Santos). Para ele, “igreja é o Cristo que existe como comunidade”, “Cristo é a palavra de Deus para mim, ele não é apenas pregado na igreja, mas a igreja, ela mesma é este corpo de Cristo”.⁸⁶

Assume o culto infantil na igreja Grunewald e de maneira viva e empolgante contava as histórias bíblicas para as crianças. Porém, seu estágio prático para formação pastoral acontece em Barcelona de 1928 a 1929, em uma pequena comunidade alemã.

⁸² MILSTEIN, Werner. *Dietrich Bonhoeffer: Vida e Pensamento*, p. 18.

⁸³ MILSTEIN, Werner. *Dietrich Bonhoeffer: Vida e Pensamento*, p. 18.

⁸⁴ MILSTEIN, Werner. *Dietrich Bonhoeffer: Vida e Pensamento*, p. 19.

⁸⁵ BARCALA, Martin. *Cristianismo Arreligioso: Uma Introdução à Cristologia de Dietrich Bonhoeffer*, p. 19.

⁸⁶ MILSTEIN, Werner. *Dietrich Bonhoeffer: Vida e Pensamento*, p. 21.

Buscando abrir a possibilidade de uma atuação docente, escreve um trabalho para sua habilitação intitulado “*Akt und Sein*” (Ato e Ser), em 1930⁸⁷, que visava responder a pergunta de como o ser humano compreendia Deus. “Deus não está livre do ser humano, mas para o ser humano. Ele se torna compreensível em sua palavra na igreja”.⁸⁸

Com 24 anos, consegue uma bolsa de estudos no famoso *Union Theological Seminary* em Nova Iorque, no qual permanece por um ano, de 1930 a 1931.⁸⁹ Ali ele aprende a relacionar a teologia com a ação social, também conhece as igrejas de negros do Harlem. A música enfeitiçava e via a fé, vida e ação em um movimento indissolúvel. Seu amigo Paul Lehmann reconhece o valor do jovem teólogo alemão e intenta que ele assuma uma cadeira de teologia no seminário nos Estados Unidos.

Voltando dos Estados Unidos, Dietrich Bonhoeffer vai lecionar na faculdade de Berlim, iniciando sua preleção em 1932 com o tema “a essência da igreja”. Para ele Jesus era o centro do evangelho, mas experimentado através da igreja. A Palavra de Deus era importante para ele e orava em sala de aula.

Enquanto ensinava seus alunos em sala de aula sobre a igreja, vivia essa experiência na comunidade com um grupo de confirmandos, preparando-os para o dia da confirmação. No dia 13 de março de 1932, chega esse dia, Dietrich Bonhoeffer os encoraja a seguir adiante na vida, com esperança, não permitindo que ninguém a tome, independente do futuro negro que possa vir. Desafia-os a entrar por portas até então não conhecidas.

Utiliza-se do exemplo de Jacó, sua saída para uma terra desconhecida e seu retorno para fazer as pazes com seu irmão. Comenta sobre as dificuldades que enfrentou e que para alcançar a Terra prometida não se pode aproximar como pecador. Para se tornar santo, Jacó desafia o próprio Deus, não permitindo que se vá sem abençoá-lo. Depois de encontrar Deus, Jacó encontra seu irmão, assim, encoraja seus confirmandos a buscarem a Deus, que se manifesta em Cristo que se fez nosso irmão e através da comunidade nos encontramos com Ele. Encerra seu discurso estimulando-os a não O deixar ir sem os abençoar e cita: “Se Deus é por nós, quem será contra nós”.⁹⁰

⁸⁷ BARCALA, Martin. *Cristianismo Arreligioso: Uma Introdução à Cristologia de Dietrich Bonhoeffer*, p. 19.

⁸⁸ MILSTEIN, Werner. *Dietrich Bonhoeffer: Vida e Pensamento*, p. 22.

⁸⁹ NAVARRO, Juan Bosch. *Diccionario de Teólogos/as Contemporáneos*, p. 157.

⁹⁰ BONHOEFFER, Dietrich. *Prédicas e alocuções*, p. 35-39.

Depois do que experimentou nas igrejas do Harlem, em que culto e ação social se completavam, junto com uma amiga de sua irmã abre a casa da juventude em Charlottenburg, na qual qualquer jovem desempregado poderia encontrar conselho e receber formação complementar.

No mesmo dia em que Dietrich Bonhoeffer faz a confirmação de seus jovens, em 13 de março de 1932, foi eleito o parlamento, e o Partido Nacional-Socialista, tendo como seu presidente Adolf Hitler, recebe o maior número de votos. O país passava por sérios problemas econômicos; na política externa a então poderosa Alemanha tinha se tornado insignificante e, aos olhos de muitos, Hitler seria o homem forte que traria a Alemanha de volta ao seu lugar. Quando, em 30 de janeiro de 1933, menos de um ano depois, Hitler assume como chanceler do império, e Rüdiger Schleicher, esposo de Úrsula, irmã de Dietrich Bonhoeffer, declara: “Isso é uma guerra”.⁹¹ Parecia ser esse o sentimento de toda a família Bonhoeffer.

Dietrich Bonhoeffer, dois dias depois de Hitler assumir o principal comando da Alemanha, faz uma transmissão radiofônica (que acabou por ser interrompida) com o tema: “O Führer e o indivíduo da nova geração. Diante da atual veneração a Hitler, Bonhoeffer adverte:

Se o *Führer* se deixar levar pelos governados a ser o seu ídolo – e o governado sempre esperara isso dele - a imagem do líder [*Führer*] descambará para a do tentador (*Verführer*) [...] governante e governo que se divinizam afrontam a Deus.⁹²

O poder de Adolf Hitler aumentava cada vez mais e a cada lei aprovada era mais uma possibilidade de aumentar seu domínio, transformando a Alemanha de uma república para uma ditadura. A lei Ariana de 07 de abril de 1933, que tinha o nome oficial de “Decreto para Recomposição do Funcionalismo Público”,⁹³ na verdade era uma forma de demitir a todos que tinham fé ou ascendência judaica.

Dentro do mesmo mês, Dietrich Bonhoeffer é um dos primeiros teólogos a falar sobre a igreja e a questão dos judeus. Ele destaca três funções da igreja frente à ação do Estado. Primeiro deve perguntar ao estado se seu poder e seu agir são legítimos; em segundo lugar, se a igreja está comprometida realmente com as

⁹¹ MILSTEIN, Werner. *Dietrich Bonhoeffer: Vida e Pensamento*, p. 35.

⁹² MILSTEIN, Werner. *Dietrich Bonhoeffer: Vida e Pensamento*, p. 35.

⁹³ MILSTEIN, Werner. *Dietrich Bonhoeffer: Vida e Pensamento*, p. 36.

vítimas, quer sejam pertencentes à igreja ou não; e, em terceiro, afirma que não se pode apenas cuidar das vítimas, mas de fato se envolver no processo. Essa declaração escandalizou muitos pastores que, em protesto, deixaram o recinto.

Um ano mais tarde Bonhoeffer escreve a um amigo dizendo que todos os cristãos deveriam suportar até o sangue. Essa declaração demonstra que mesmo não desejando o martírio, ele estava pronto para isso.

Dentro da igreja evangélica existia um bom número de cristãos partidários do nacional socialismo. Estes se reuniam em um grupo chamado de “teuto-cristãos”⁹⁴ e queriam incorporar à igreja os Princípios do Líder (*Führerprinzip*). O seu candidato era Ludwig Müller, que acabou ganhando as eleições para bispo em julho de 1933.

Dietrich Bonhoeffer opunha-se a Ludwig Müller e fez campanha ferrenha contra ele. Apoiava os pastores comprometidos com o evangelho e a igreja, no entanto, tudo foi em vão, uma vez que não somente perdeu as eleições como também a sua igreja. Em decorrência do fato diz:

Igreja permanece igreja! Confessa, confessa, confessa!, foi sua prédica no dia da eleição eclesiástica. Em conjunto com o professor de Erlangen Hermann Sasse, elaborou uma confissão de fé que se tornaria conhecida como Confissão de Betel e mais tarde seria a base da famosa Confissão de Barmen. Era a base de uma igreja que conscientemente se denominava Igreja Confessante.⁹⁵

Em setembro de 1933, a igreja territorial da Prússia assume o parágrafo ariano. Dietrich Bonhoeffer aceita um pastorado na cidade de Londres, mesmo que os conselhos de Karl Barth fossem contrários a essa decisão. A atitude de ir foi acertada, no entanto, pois pôde ajudar emigrantes alemães que precisaram fugir por motivos religiosos ou políticos.

De 29 a 31 de maio de 1934, na cidade de Barmen, ocorre uma assembleia que em seis teses condena a doutrina dos Teuto-Cristãos. Barth elabora uma proposta que é aceita pelos delegados presentes. Este documento ficou conhecido como “Confissão de Barmen”. Nesta mesma assembleia é criada a Igreja Confessante, que se opõe aos Teuto-Cristãos, repudiando sua doutrina de além da Palavra de Deus aceitar “outros acontecimentos e poderes, figuras ou verdades

⁹⁴ MILSTEIN, Werner. *Dietrich Bonhoeffer: Vida e Pensamento*, p. 38.

⁹⁵ MILSTEIN, Werner. *Dietrich Bonhoeffer: Vida e Pensamento*, p. 40.

como se fossem revelação de Deus”.⁹⁶ O Objetivo da Igreja Confessante não era constituir uma igreja paralela, mas foi um movimento confessional de dentro da única igreja evangélica na Alemanha, reunido em torno dos pastores Martin Niemöller, Karl Barth e Dietrich Bonhoeffer.⁹⁷ Por fim, acabou acontecendo a divisão entre as igrejas e a luta de cada uma em conquistar seu espaço.

Bonhoeffer acompanha o desenrolar dessa assembleia e luta para que a Igreja Confessante seja a única igreja reconhecida pelo Conselho Mundial de igrejas, o que não acontece. Ele é convocado pela igreja Confessante a fundar e dirigir um de seus seminários de pregadores, e entende que é a hora de retornar à Alemanha.

2.6 VIDA E OBRA DE DIETRICH BONHOEFFER – O MILITANTE E PRISIONEIRO

Retornando à Alemanha, funda o Seminário de Finkenwalde, para pregadores. O tempo com esses jovens teólogos no seminário foi descrito posteriormente por Bonhoeffer como “o tempo mais pleno tanto no terreno pessoal como no profissional”.⁹⁸ No seminário de Finkenwalde, ele transbordava sobre seus alunos, que viam no seu mestre um homem de grande ortodoxia e profunda ortopraxia.

Buscava ser tratado igualmente como os demais frequentadores do seminário. Enquanto para outros professores o importante era ensinar a pregar e catequizar, para Bonhoeffer a preocupação era ensinar-lhes a orar e meditar nas escrituras. A correta exegese do texto eles haviam aprendido nas universidades, o que lhes faltava agora era deixar o texto falar por si só. “Por meio de longas esperas e silêncio, eles iriam experimentar que o texto pode ser o nosso senhor”.⁹⁹ Neste contexto ele escreve o livro *“Vida em Comunhão”*.

Durante esse tempo, Bonhoeffer não apenas chamava a atenção dos seminaristas pelo seu estilo de vida, mas suas preleções iam além de ensinamentos teológicos e compreensão do ministério, uma vez que ele buscava alcançar o ponto central de sua teologia: o discipulado. Fazia diferença entre graça barata e graça preciosa; sua meditação estava centrada no sermão do monte, em MT 5, 6 e 7.

⁹⁶ MILSTEIN, Werner. *Dietrich Bonhoeffer: Vida e Pensamento*, p. 42.

⁹⁷ NAVARRO, Juan Bosch. *Diccionario de Teólogos/as Contemporáneos*, p. 158.

⁹⁸ MILSTEIN, Werner. *Dietrich Bonhoeffer: Vida e Pensamento*, p. 46.

⁹⁹ MILSTEIN, Werner. *Dietrich Bonhoeffer: Vida e Pensamento*, p. 49.

Bonhoeffer entendia que a caminhada cristã exigia grande responsabilidade e comprometimento com Cristo e sua Palavra.

No dia 01 de maio de 1935, Hitler anuncia uma nova convocação militar, os jovens ficaram empolgados, inclusive os do seminário de Bonhoeffer. Porém, ele afirmava que para um cristão deveria existir a possibilidade de negar o serviço militar, afinal, as palavras de Jesus no sermão do monte exigiam que se deixasse a violência e amasse seus inimigos. Essa afirmação causou certo desconforto até mesmo para alguns da igreja Confessante, acostumados com os discursos dos teuto-cristãos, conclamando a igreja a se libertar do velho testamento com sua moral judia mercantilista.

No final de 1935, no dia 02 de dezembro, é aprovada a “Lei para a Segurança da Igreja Evangélica”,¹⁰⁰ que, como consequência, fechou os seminários da igreja Confessante. Na mesma noite Bonhoeffer reuniu seus seminaristas dando-lhes a liberdade de ir embora; todos ficaram. Dois anos mais tarde a Gestapo interditaria o local. Em março de 1936, ele é acusado pelo Ministério de Relações Exteriores da Igreja de pacifista e inimigo do estado, e o ministro da Educação cassa-lhe a licença para lecionar, o que continua a fazer clandestinamente.

Por este tempo, Bonhoeffer conhece Maria von Wedemeyer, uma jovem com praticamente a metade de sua idade, com quem noivaria mais tarde. Ela era neta de Ruth von Kleist-Retzow, uma nobre que apoiava o seminário de Finkenwalde e abrigava Bonhoeffer em sua casa. Ali nascem os primeiros escritos de seu livro “*Ética*”, livro esse que viria a ser continuado dentro do cárcere.

Bonhoeffer lembrava seus alunos de que Jesus era judeu e entendia a igreja do Novo Testamento como irmã da igreja do Velho Testamento, dignas de desfrutar dos mesmos direitos. Essas afirmações eram corajosas se levados em conta o crescente ódio e a perseguição aos judeus na Alemanha de seu tempo. Diante de um espancamento por parte dos militantes da SS a um pastor de descendência judia, Bonhoeffer o hospeda em seu seminário, cuida dele e encaminha sua emigração. Diante desse fato ele diz: “a igreja do discipulado é também a igreja do amor ao próximo: a igreja só é igreja se ela existir para os outros”.¹⁰¹

Em 29 de abril de 1937, o seminário de Finkenwalde foi totalmente fechado pela Gestapo. Para que os trabalhos continuassem, pastores da igreja Confessante

¹⁰⁰ MILSTEIN, Werner. *Dietrich Bonhoeffer: Vida e Pensamento*, p. 54.

¹⁰¹ MILSTEIN, Werner. *Dietrich Bonhoeffer: Vida e Pensamento*, p. 57.

assumiram os seminaristas como seus auxiliares, fato que também acontece com Bonhoeffer, que passa a ser pastor auxiliar. As aulas continuavam em uma casa vazia na Pomerânia, que em março de 1940 também foi fechada pela Gestapo. Cada vez mais se repetiam as prisões de ex-seminaristas de Finkenwalde.

A guerra estava no ar e conseqüentemente a convocação para o exército. Ao mesmo tempo em que Bonhoeffer estava decidido a não servir ao exército, ele sabia as conseqüências de sua decisão para a igreja Confessante. Seus amigos americanos Reinhold Niebuhr e Paul Lehmann vieram em sua ajuda e o convidaram para ir aos Estados Unidos.

No dia 02 de junho de 1939 ele parte, porém seus pensamentos permanecem na Alemanha. Mesmo sabendo que sua vida corria risco ficando na Alemanha e que a melhor opção seria partir, ele não consegue ficar longe do seu povo, sabendo que os seus estão em perigo. Sua viagem aos Estados Unidos dura pouco e em agosto de 1939 ele retorna à Alemanha, deixando seus amigos americanos confusos. Para justificar sua partida ele diz a Reinhold Niebuhr: “Depois da guerra, eu não terei direito de participar na reconstrução da vida cristã na Alemanha se eu não compartilhar agora das privações pelas quais passa meu povo”.¹⁰²

O texto do Apóstolo Paulo a Timóteo, em 2Tm 4,21, é uma palavra de confirmação a Bonhoeffer de sua decisão de sair dos Estados Unidos e voltar para a Alemanha. Em seu momento de meditação diária ele lê o texto em que Paulo pede a Timóteo que se apresse em vir ao seu encontro, antes da chegada do inverno. Com essa passagem “martelando” em sua cabeça o dia todo diz:

Não que sejamos necessários ou que seremos usados (por Deus?), mas simplesmente porque nossa vida está lá e porque abandonamos nossa vida, a destruímos, se não estivermos juntos. Não é nada piedoso, mas, algo quase vital. Deus, porém, não age somente por meio de motivações piedosas, mas também por meio das vitais.¹⁰³

Em sua volta, Dietrich Bonhoeffer já estava envolvido nos planos daqueles que lideravam a resistência, mas neste ponto era apenas conivente e não cúmplice. Para Bonhoeffer, uma ética teológica que não incluísse uma ação política não poderia ser concebida.

¹⁰² MILSTEIN, Werner. *Dietrich Bonhoeffer: Vida e Pensamento*, p. 62.

¹⁰³ MILSTEIN, Werner. *Dietrich Bonhoeffer: Vida e Pensamento*, p. 63.

Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, no dia 01 de setembro de 1939, e os acontecimentos em sequência, com vitórias após vitórias, deram a Hitler status de um grande líder, de um libertador, messias. A população o ovacionava e a igreja não ficou para trás, celebrando culto de ações de graças “pelo maior estrategista de todos os tempos”.¹⁰⁴

Junto com seu amigo Eberhard Bethge, Dietrich Bonhoeffer continua trabalhando com a igreja Confessante e levando a resistência para o interior da Pomerânia. Não somente Bonhoeffer, mas sua família também não era partidária a Hitler. Junto com seu irmão Klaus, seu cunhado Rüdiger Schleicher e com a liderança de Hans von Dohnanyi (secretário pessoal do ministro da justiça) formam um círculo de resistência a Hitler. Bonhoeffer poderia contribuir sobremaneira a esse grupo, por suas relações ecumênicas, possibilitando, assim, contato com outros governos.

Nas ações da resistência inicia-se o planejamento de tirar a vida de Hitler. A luta interna de um cristão em participar da morte de outrem vem a sua consciência e sobre isso ele escreve:

Os alemães somente hoje estão começando a descobrir o que significa responsabilidade livre. Esta se baseia num Deus que exige o livre risco de fé e ação responsável e que anuncia perdão e consolo a quem se torna pecador nesta empreitada.¹⁰⁵

O escritório da Resistência envia Dietrich Bonhoeffer para Munique, em novembro de 1940, no qual fica em um convento em que encontra alguns monges católicos envolvidos com a resistência. Ali fica por quatro meses e encontra tempo para continuar seus escritos sobre o livro “*Ética*”, que acabaria sendo uma obra póstuma, após o recolhimento de manuscritos e bilhetes.

Pelo seu conhecimento ecumênico, Bonhoeffer começa a viajar por alguns países, levando informações sobre a perseguição aos judeus e ser um dos contatos com os países aliados. Bonhoeffer também participara da fuga de 14 pessoas, que saíram como se fossem espiões alemães, mas na verdade eram judeus. A princípio ficou encoberto, mas aos poucos os nomes de quem participou foi sendo conhecido, e o de Bonhoeffer foi um deles.

¹⁰⁴ MILSTEIN, Werner. *Dietrich Bonhoeffer: Vida e Pensamento*, p. 66.

¹⁰⁵ MILSTEIN, Werner. *Dietrich Bonhoeffer: Vida e Pensamento*, p.69.

Muitos atentados a Hitler foram projetados, porém, sem sucesso. Em alguns deles, Bonhoeffer e seus irmãos de resistência estavam envolvidos. A Gestapo estava atenta e a resistência também. No dia 05 de abril de 1943, uma revista na casa de Hans von Dohnanyi e depois na de Bonhoeffer, terminado aquele dia com sua ida à prisão de Tegel, acusado de conspirador político contra o regime do III Reich.¹⁰⁶ No mesmo dia sua irmã Christine e seu marido Hans von Dohnanyi também foram presos.

Os primeiros doze dias ele passou em isolamento, sem roupa limpa, sem sabonete, e o pão era jogado ao chão sujo de sua cela. Dietrich Bonhoeffer sofria com a solidão e a saudade da família, e chegou a pensar em suicídio. Das celas próximas a ele, ouvia os gemidos daqueles condenados à morte.

Aos poucos a situação de Bonhoeffer foi mudando, principalmente quando descobriu-se que ele era sobrinho do general de brigada Paul von Hase, à qual a prisão de Tegel estava subordinada.¹⁰⁷ Começou a ganhar uma porção maior de comida, ter sua cela lavada, roupas limpas e a permissão de escrever e receber cartas para seus pais e sua noiva. Além disso, os guardas começaram a ouvi-lo e a pedir-lhe conselhos; uma nova jornada de vida estava nascendo, agora entre as grades. Ali ele encontraria pessoas que nunca ouviram falar da fé Cristã e acerca desta experiência diz: “Eu quero falar de Deus não nos limites, mas no centro, não nas fraquezas, mas sim na força, portanto não na morte e no pecado, mas na vida e no bom do ser humano... Jesus não chama a uma nova religião, mas à vida”.¹⁰⁸

Em um dos momentos de passear no pátio da prisão, um dos presos, um catedrático italiano chamado Gaetano Latmiral, pergunta-lhe como havia chegado à resistência e responde “que ele, como pastor, não tinha apenas a obrigação de consolar as vítimas de um homem enlouquecido dirigindo a toda velocidade em uma rua cheia de gente, mas que deveria tentar pará-lo”.¹⁰⁹

Bonhoeffer tinha uma vida devocional prática. Iniciava e encerrava o seu dia com uma meditação bíblica, acordando às seis horas da manhã e fazendo exercícios. Depois do café, se ocupava em escrever até a hora do almoço, a tarde lia outra literatura e voltava a escrever. Ele havia se jogado nos braços de Deus, com todas as suas dúvidas e esperanças, acreditando que somente Ele o

¹⁰⁶ NAVARRO, Juan Bosch. *Diccionario de Teólogos/as Contemporáneos*, p. 157.

¹⁰⁷ MILSTEIN, Werner. *Dietrich Bonhoeffer: Vida e Pensamento*, p.80.

¹⁰⁸ MILSTEIN, Werner. *Dietrich Bonhoeffer: Vida e Pensamento*, p. 92.

¹⁰⁹ MILSTEIN, Werner. *Dietrich Bonhoeffer: Vida e Pensamento*, p. 82.

conheceria.¹¹⁰ Em suas cartas na prisão, vê-se a profunda e sólida fé, e a grande esperança de que sairia dali e poderia ajudar a reerguer a Alemanha e sua igreja cristã. Dessas cartas e das demais escritas até o dia do seu martírio, formaram o livro *“Resistência e Submissão”* (obra póstuma).

No dia 05 de outubro de 1944, são apresentados os documentos que incriminavam Hans von Dohnanyi e, conseqüentemente, Bonhoeffer e os demais envolvidos na resistência. Dietrich Bonhoeffer é transferido da prisão de Tegel para o temido quartel general da Gestapo. Quando as bombas dos aliados sacodem o edifício da Gestapo, Bonhoeffer diz: “Uns confiam em carros, outros em cavalos; nós, porém, nos gloriaremos no Senhor nosso Deus”,¹¹¹ citando o Salmos 20,7 da Escritura Sagrada.

Bonhoeffer é levado ao campo de concentração de Buchenwald no dia 07 de fevereiro de 1945. No dia 1 de abril podiam-se ouvir os canhões americanos, anunciando que as tropas aliadas estavam bem perto. Porém, a esperança por libertação dura pouco. Os presos são retirados e levados a diferentes campos de concentração. Bonhoeffer acabará indo para Flossenbürg, porém, antes de chegar ao destino o ônibus quebra e ficam hospedados em uma escola de Schönberg. No domingo após a Páscoa é solicitado que Bonhoeffer compartilhe uma meditação. Ele falou sobre o texto de Is 53,5, “pelos seus pisaduras fomos sarados” e o versículo correspondente do NT, em 1Pe 1,3. Comentou sobre o tempo em que eles estavam na prisão, salientando que agora eram pessoas livres.

Logo após terminar, dois homens aparecem e o chamam: “Prisioneiro Bonhoeffer, preparar-se e vir junto”.¹¹² Ele pede a Payne Best, oficial inglês e seu companheiro de cela, que dissesse ao bispo George Bell: “Para mim chegou o fim, mas é também o início. Com ele eu creio na irmandade fraternal (...)”.¹¹³ Payne Best escreveria sobre Bonhoeffer: “Dentre as muitas pessoas que conheço, ele foi uma das poucas de quem seu Deus realmente estava próximo”.¹¹⁴

Bonhoeffer é levado a Flossenbürg e no dia 09 de abril de 1945 é enforcado junto com outros integrantes da resistência. Seu corpo foi queimado e enterrado, como milhares de outros.

¹¹⁰ MILSTEIN, Werner. *Dietrich Bonhoeffer: Vida e Pensamento*, p. 83.

¹¹¹ MILSTEIN, Werner. *Dietrich Bonhoeffer: Vida e Pensamento*, p. 94.

¹¹² MILSTEIN, Werner. *Dietrich Bonhoeffer: Vida e Pensamento*, p. 97.

¹¹³ MILSTEIN, Werner. *Dietrich Bonhoeffer: Vida e Pensamento*, p. 97.

¹¹⁴ MILSTEIN, Werner. *Dietrich Bonhoeffer: Vida e Pensamento*, p. 97.

3 TEOLOGIA DE DIETRICH BONHOEFFER

Para alguns autores, a produção teológica de Dietrich Bonhoeffer deveria ser dividida em dois momentos: período antes da prisão e período enquanto encarcerado, como que se as cartas da prisão¹¹⁵ e o livro “*Ética*”¹¹⁶ fossem distintos teologicamente das demais obras escritas anteriormente. A proposta deste capítulo é analisá-los como um todo, sem ruptura ou distinção, mas buscando compreender sua teologia, no contexto de sua obra. Como o autor mesmo afirma em 22 de abril de 1944, depois de meses preso: “Certamente aprendi muitas coisas mais, mas não creio que tenha mudado muito. Há pessoas que mudam e algumas que dificilmente conseguem mudar. Creio que nunca mudei muito...”¹¹⁷

Neste capítulo, dar-se-á atenção especial às obras “*Discipulado*” e “*Resistência e Submissão*”. Buscar-se-á compreender como a teologia apresentada em sua principal obra, “*Discipulado*”, é na verdade posteriormente colocada em “teste”, vivida na íntegra, pelo autor em seu período de resistência, sua prisão e as suas cartas, escritas a partir da cela 92 de Tegel. Com a ajuda das obras “*Vida em Comunhão*” e “*Ética*”, buscar-se-á embasar subsídios suficientes para sustentar a não ruptura de sua teologia.

Serão analisados os aspectos referentes à graça de Cristo, como cada discípulo deve se relacionar com ela e ser transformado a partir dela. Depois que a graça alcança a vida do discípulo, ele tem condições de ouvir o chamado, o vinde do Senhor, que o leva a uma vida de comunhão com Ele e com seus irmãos. Em meio a esse chamado, o discípulo experimentará a solidão e o sofrimento, características importantes na formação do caráter do discípulo, fazendo-o semelhante a Jesus.

Será abordado o tema vingança e amor ao próximo, sendo este o ponto talvez mais controverso na teologia de Bonhoeffer, quando analisado dentro do contexto de um pastor, mártir, profeta, espião e conspirador contra o regime Nazista e em particular contra a vida de Adolf Hitler.

Fica destacado na vida e na teologia de Bonhoeffer o quanto ele valorizava a espiritualidade e nela suas disciplinas. Através de uma vida de oração, de meditação

¹¹⁵ Refere-se à Obra “*Resistência e Submissão*”.

¹¹⁶ Obra póstuma, após coleta fragmentada de escritos de Bonhoeffer durante sua estada na prisão e analisados com a produção feita antes de sua prisão, ainda em liberdade.

¹¹⁷ BONHOEFFER, Dietrich. *Resistência e Submissão*, p. 364.

nas Sagradas Escrituras, de louvor e adoração, ensinava seus discípulos em Finkenwalde, mantendo as mesmas práticas na prisão em Tegel.¹¹⁸

Portanto, neste capítulo serão analisadas essas práticas espirituais, bem como a vida da igreja, enquanto corpo de Cristo, batismo, Santa Ceia, vida santa e comprometida. Seguem, portanto, as observações dos ensinamentos de Bonhoeffer compartilhados em o *“Discipulado”* e também no rico material teológico coletado em *“Resistência e Submissão”*.

3.1 A PRECIOSA GRAÇA, COM SUAS CONSEQUÊNCIAS

Este pastor Luterano e profícuo teólogo introduz o tema discipulado ou seguimento¹¹⁹ fazendo um paralelo da mensagem pregada nas igrejas e a pregada por Cristo. Estamos de fato mostrando o evangelho de Cristo ao necessitado, ou apenas lhe “enchendo” de conceitos e regras de homens, questiona o autor. Este questionamento foi feito há mais de sete décadas e continua atual, sem abrir mão da realidade e necessidade da igreja, mas interpela o que essa igreja está de fato passando aqueles que com ela tem andado.

Bonhoeffer afirma que “(...) se o próprio Jesus, e tão somente Jesus com sua Palavra, estivesse em nosso meio na pregação, seria outro o grupo de pessoas a escutar a Palavra e outro o grupo a rejeitá-la.¹²⁰ Diz que a mensagem pregada tem dificultado as pessoas a tomarem uma decisão autêntica por Jesus. Questiona se de fato não estamos pregando em demasia opiniões e convicções pessoais ao invés de pregarmos Jesus. Nessa perspectiva propõe, através do discipulado, desenvolver seguidores autênticos de Cristo.

É através do discipulado autêntico, baseado nas Sagradas Escrituras, que nos traz a libertação de preceitos humanos, os quais nos oprimem e nos sobrecarregam. “Conhecereis a verdade e ela vos libertará”(Jo 8,32). Assim, é com o discipulado que aprendemos a nos livrar do jugo pesado de nossas próprias leis e a abraçarmos o jugo suave de uma vida seguidora dos ensinamentos de Cristo.

¹¹⁸ Em 8 meses de reclusão, além de sua meditação diária, havia lido duas vezes e meia o Velho Testamento, conforme confissão feita a seu amigo Eberhard Bethge. BONHOEFFER, Dietrich. *Resistência e Submissão*, p.176.

¹¹⁹ *Nachfolge*, título original em alemão.

¹²⁰ BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*, p. 5.

Em sua obra *Discipulado*, traz a distinção entre graça barata e graça preciosa e inicia sua apresentação, declarando que a graça barata é inimiga mortal da igreja.¹²¹ Afirma que a graça barata justifica o pecado enquanto a graça preciosa, o pecador. Na graça barata o mundo encontra fácil abertura para justificar seus pecados,

[...] é a pregação do perdão sem arrependimento, é o batismo sem a disciplina comunitária, é a Ceia do Senhor sem confissão de pecados, é a absolvição sem confissão pessoal. A graça barata é a graça sem discipulado, a graça sem cruz, a graça sem Jesus Cristo vivo, encarnado.¹²²

Esses princípios foram vividos e ensinados por Bonhoeffer no Seminário de Finkenwalde, sua escola para pregadores. Ele acreditava que a vida da Igreja era, além de um encontro com o divino, também um relacionar-se com o próximo. Dentro dessa dinâmica, a prática da espiritualidade era fundamental para a manutenção da fé e do verdadeiro seguimento do mestre.¹²³

A graça preciosa é o tesouro oculto no campo, de modo que aquele que o encontra vende tudo o que tem para adquiri-lo. É o chamado de Jesus Cristo que faz pescadores largar suas redes e O seguir. A graça barata nos distancia de Cristo, pois não nos encoraja a um discipulado, antes nos conduz a uma desobediência. A graça é preciosa porque, ao mesmo tempo que exige do ser humano sua própria vida, dá a ele a vida, é preciosa pois condena o pecado e é graça porque justifica o pecador.

Compartilha ainda de que a graça barata entrou na igreja à medida que esta passou a ser institucionalizada. Utilizando-se da história, diz que a graça preciosa era encontrada, após a institucionalização da igreja, em mosteiros, quando os monges em favor de abrir mão do mundo se refugiam em mosteiros para viver a verdadeira fé em Jesus.

Porém, com o passar do tempo, esses mosteiros se tornaram refúgios do mundo para viver as coisas do mundo. Lutero experimentou isso, afirma o autor, e sua saída do mosteiro não apenas representou uma saída do mundo, mas sua inserção de volta à sociedade, representou um ataque frontal ao mundo. O discipulado, que antes era apenas vivido em mosteiros, agora passa a ser algo

¹²¹ BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*, p. 9.

¹²² BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*, p. 10.

¹²³ BONHOEFFER, Dietrich. *Vida em Comunhão*, p. 31-63.

necessário a todo cristão. O discipulado de Jesus passaria a ser vivido no seio do mundo, por cada cristão comprometido com Cristo.

O Cristianismo, à sombra da graça barata, mundanizou-se, não existindo mais diferença entre a vida cristã e a cidadania mundana, refletindo assim uma vida sem o discipulado de Jesus. Portanto, o convite ao discipulado existe pelo fato de que a resposta do discípulo não é uma confissão oral, mas um ato de obediência à luz das palavras do Mestre. Quando o ser humano ouve a voz de Jesus dizendo “Segue-me”, ele larga tudo o que tem não para fazer algo que tenha valor maior, mas simplesmente por causa do chamado, do contrário não poderia servir a Cristo. “Somente quem se encontra no discipulado de Jesus, renunciando a tudo quanto possuía, pode dizer que é justificado tão somente pela graça”.¹²⁴

Bonhoeffer entende que a igreja, através dos sacramentos, “absolve” o crente de um compromisso maior com Cristo. Pelo fato de a pessoa simplesmente cumprir um ritual a ela proposto pela igreja, sente-se justificada, e isso é graça barata. Questiona: onde está o cuidado que a igreja primitiva tinha concernente ao batismo, para delimitar a fronteira entre igreja e mundo? Esse cuidado denotava a preocupação por parte da igreja primitiva em preservar a graça preciosa.

Em seu tempo em Tegel, diante de tanta atrocidade e medo, Bonhoeffer escreve sobre a vida do discípulo comprometido com a graça preciosa. Destaca a dificuldade daquele momento e o quanto o cristianismo se torna importante nesse momento da história, e assim descreve:

O fato de termos de vivenciar agora de maneira tão intensa as coisas horríveis da guerra decerto constitui para mais tarde, caso sobrevivermos, o fundamento necessário de experiências para a percepção de que a reconstrução da vida dos povos, tanto interna quanto externamente, só será possível sobre a base do cristianismo. Por isso, devemos realmente guardar dentro de nós, digerir, fazer frutificar o que estamos vivenciando agora e não nos desvencilhar disso. Jamais tivemos a oportunidade de sentir o Deus irado de maneira tão palpável, e também isso é graça.¹²⁵

A Graça preciosa, mesmo sendo graça, leva o discípulo a um lugar de comprometimento com Deus e com a sociedade. Bonhoeffer vive isso intensamente em seus últimos anos de vida. Mesmo tendo a opção de viver longe de tudo o que

¹²⁴ BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*, p. 16.

¹²⁵ BONHOEFFER, Dietrich. *Resistência e Submissão*, p. 197.

estava acontecendo em seu país,¹²⁶ resolve voltar para a Alemanha, de sua viagem aos EUA, por entender que, tendo em vista o que a graça preciosa conquistou para ele, qualquer sacrifício era apenas uma resposta natural do discípulo quando diz “sim” ao chamado de Cristo.

3.2 A EXPERIÊNCIA DO CHAMADO E DO SOFRIMENTO

Dentro do contexto de discipulado, Bonhoeffer trabalha questões como o chamado, a obediência a esse chamado, o mistério de carregar a sua cruz e a resposta que tudo isso gera no indivíduo. O chamado ao discipulado é nada menos do que um comprometimento exclusivo com a pessoa de Cristo. Pelo fato de Cristo existir, deve existir o discipulado. Cristianismo sem Jesus Cristo vivo é um cristianismo sem discipulado e, portanto, cristianismo sem discipulado é sempre um cristianismo sem Cristo.

O chamado de Jesus ecoa em nossos ouvidos e o obedecemos, não pensando no que vamos lucrar com isso, ou se é melhor para mim no momento, simplesmente seguimos porque quem nos chama é o próprio Cristo. Não sabemos exatamente o que vem depois, qual o conteúdo de tudo isso, apenas ouvimos “Segue-me” e, em resposta a isso, O seguimos. “O chamado ao discipulado é, portanto, comprometimento exclusivo com a pessoa de Jesus Cristo, a subversão de todos os legalismos mediante a graça daquele que chama”.¹²⁷

Quando Pedro é chamado para largar suas redes, Levi sair da coletoria, e o jovem rico para largar tudo, todos são um chamado que exige uma simples obediência: confiar na palavra de Cristo e considerá-la terreno mais sólido que todas as certezas do mundo. Pervertemos a obediência simples em desobediência, interpretamos as palavras de Jesus dentro de nosso contexto e realidade e não no que elas realmente significam.

Criticando a Teologia Liberal, tendo em Bultmann¹²⁸ seu expoente, Bonhoeffer diz que o problema desta Teologia é o de ter cedido ao mudo o direito de

¹²⁶ Foi convidado por seus amigos, Reinhold Niebuhr e Paul Lehmann para permanecer nos EUA, diante de uma eminente deflagração de guerra.

¹²⁷ BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*, p. 21.

¹²⁸ Bonhoeffer dedica uma de suas cartas para tratar especificamente das idéias de Bulltmann, ver RS p. 378-381.

dizer qual o lugar de Cristo dentro dele.¹²⁹ Viu-se o Cristo como certo estágio de religiosidade humana e não mais o Cristo, Filho de Deus e redentor da humanidade, onde tudo e todos são lidos a partir dele, “pois, nele, foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio dele e para ele. Ele é antes de todas as coisas. Nele, tudo subsiste”(Cl 1,16-17). Quando o discípulo se encontra com o seu mestre, sua vida perde valor para poder alcançar um bem maior, conhecer a Ele.

Se Pedro ou Levi tivessem escolhido permanecer em suas posições, provavelmente teriam encontrado em Jesus um bom amigo e conselheiro, mas jamais teriam sido desafiados em fé e aprendido a crer. Suas vidas teriam outro destino e nunca teriam experimentado o que viveram depois de terem dito sim ao chamado de Jesus. “Permanecer na situação antiga e ser discípulo é impossível”.¹³⁰ Jesus afirmou que quem não renuncia a tudo quanto tem não pode ser seu discípulo (Lc 14,23).

O chamado em si carrega uma força, de gerar fé, à medida que obedecemos a voz do Mestre. Bonhoeffer afirma que só o crente é obediente, e só o obediente é o que crê. Não podemos separar um do outro, pois se assim o fizermos não estaremos sendo fiéis aos princípios do Evangelho. Fé e obediência são duas coisas distintas, porém não devem estar separadas. Para o apóstolo Pedro pudesse responder ao chamado, ele precisou ter fé, e em decorrência dessa fé obedece ao chamado e encontra do outro lado ainda mais fé para seguir andando. A obediência por si só, ou mesmo a fé, separados, não geram a liberdade proposta no Evangelho. Bonhoeffer acrescenta ainda que, ao ouvir o convite, mesmo não crendo, obedeça mesmo assim, porém expectante de que encontrará do outro lado a fé que procura.¹³¹

Uma questão interessante para Bonhoeffer é não apenas fazermos coisas para parecermos bem, mas a razão pela qual se faz o bem. Preciso entender e dar razão e motivação às minhas atitudes. Por exemplo, um alcoolista renuncia sua vida dedicada ao álcool e um rico abre mão dos seus bens para distribuir aos pobres:

¹²⁹ BONHOEFFER, Dietrich. *Resistência e Submissão*, p. 436.

¹³⁰ BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*, p. 24.

¹³¹ BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*, p. 28.

ambos ficaram livres do álcool e do dinheiro, mas não livres de si mesmos. Talvez ainda mais mergulhados em si, visto terem feito não como fruto da fé.¹³²

Na experiência do jovem rico, quando pergunta pelo bom Mestre, Jesus questiona: mas quem é bom se não um só, o próprio Deus? Nesta declaração, Jesus chama o jovem, que buscava uma relação racional com o mestre, a se relacionar com o próprio Deus, abandonando a si próprio e encontrando a Ele, pois é esse o resultado de quem responde ao chamado.¹³³

O convite de Jesus a Pedro para andar sobre as águas agitadas exigiu dele

Confiar na Palavra de Jesus Cristo e considerá-la terreno mais sólido que todas as certezas do mundo. As forças que pretendiam interpor-se entre a palavra de Jesus e a obediência eram tão fortes então como o são hoje... Mas o chamado de Jesus venceu todas as barreiras e impôs obediência.¹³⁴

Essa obediência pretendida por Jesus jamais será uma obediência legalista, mas sim em decorrência da fé. O que Ele quer é que eu creia. No caso do jovem rico, que teve dificuldades de obedecer, por não crer que poderia continuar com as suas riquezas, simplesmente agora ficaria livre delas, consolar-se-ia no perdão dos pecados e pela fé, teria comunhão com Jesus. Em uma atitude muito sincera, diz não ao chamado.

Outro ponto importante na obediência ao chamado é estarmos atentos para não pervertermos a obediência simples em desobediência. Assim, quando arrumamos justificativas para fazermos algo diferente do que Ele de fato nos pediu e realizamos outra coisa no lugar, na verdade estamos sendo desobedientes.

Para Bonhoeffer, o discipulado é desenvolvido dentro de um contexto no qual o discípulo toma a sua própria cruz e segue ao Mestre. Mesmo no meio dos discípulos este conceito de um Rei sofredor foi dificilmente aceito, tendo Pedro como defensor do não sofrimento e recebendo por parte de Jesus a “satanização” de sua declaração. Afirma Jesus que se cada um quiser vir após ele, deve negar a si mesmo, tomar a sua cruz e segui-lo. Quem quiser encontrar a sua vida, na verdade

¹³² O Apóstolo Paulo, no poema do Amor em 1 Cor.13, declara que mesmo vendendo tudo o que temos e dando aos pobres e até entregar nosso próprio corpo para ser queimado, se não tiver amor, de nada serve. Se as obras não são em decorrência de uma experiência de fé, no Cristo ressurreto, corremos o risco de estarmos fazendo tudo em nosso próprio benefício.

¹³³ BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*, p. 34.

¹³⁴ BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*, p. 38.

irá perdê-la, mas quem perder a sua vida, por amor a Jesus, então este a encontrará (Mc 8, 31-36). Somente é discípulo quando sofre com Cristo. Se com Ele padecemos, com Ele seremos glorificados (Rm 8,17). O Discipulado é a união com o Cristo sofredor.

Bonhoeffer, talvez sem saber conscientemente que suas palavras tinham um peso profético, anos depois de escrever sobre sofrimento em sua obra “*Discipulado*”, o experimenta diante do holocausto. Sofrendo em uma cela na prisão de Tegel, confessa a seu amigo Bethge:

isso aqui é horrível, que as impressões horríveis muitas vezes me perseguem até noite adentro, que somente consigo superá-las recitando inúmeras estrofes de hinos e que o despertar às vezes começa com um suspiro ao invés de louvor.¹³⁵

Porém, entendia que o negar-se a si mesmo leva o discípulo a não enxergar a si próprio, mas somente a Cristo. A autonegação entende que Ele é que vai a frente. Tomar a sua cruz o leva a experimentar o sofrimento que vem da união exclusiva com Cristo, um sofrimento que é suportado pelo discípulo, pois seus olhos estão voltados a Ele.

Depois de experimentar atrocidades decorrentes da guerra, ver seus colegas passando fome, mortos e torturados, diz: “Hoje consigo olhar com mais tranquilidade para as pessoas, para a sua miséria e a sua necessidade de ajuda e, dessa maneira, prestar-lhes um serviço melhor”.¹³⁶ O sofrimento, a abnegação, segundo Bonhoeffer, o fizeram um homem melhor.

O chamado ao discipulado faz do discípulo um indivíduo.¹³⁷ Cada qual é chamado individualmente e tem que ser discípulo sozinho. Cristo passa a ser o Mediador entre o homem e Deus e entre esse homem e o mundo. Afirma que as chamadas relações imediatas, de pai, mãe, irmãos, amigos, são relações que muitas vezes usamos como proteção contra a solidão. Mas sempre que uma relação imediata ficar entre você e Cristo, ela deve ser rechaçada.

Quando Abraão é desafiado por Deus a sacrificar Isaque, ele se encontra novamente só, individualizado diante do desafio, nem seus servos estavam cientes do holocausto, apenas Abraão. Ali ele aprende que a promessa não depende de

¹³⁵ BONHOEFFER, Dietrich. *Resistência e Submissão*, p. 218.

¹³⁶ BONHOEFFER, Dietrich. *Resistência e Submissão*, p. 365

¹³⁷ BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*, p. 51.

Isaque, mas de Deus. Aceita a Sua palavra sem questioná-la, e em obediência a segue. “Contra toda relação imediata natural, contra toda a relação imediata ética, contra toda relação imediata religiosa, ele vai ser obediente à Palavra de Deus”.¹³⁸ Porém, tendo um Mediador, Abraão, em sua individualidade, não somente ficou com seu filho, mas obteve através do Mediador o fundamento de uma comunhão totalmente nova.

3.3 O PRIMEIRO SERMÃO DE JESUS

O chamado Sermão da Montanha, ministrado por Jesus e que aparece nos capítulos 5 a 7 do Evangelho de Mateus, é analisado intensamente por Bonhoeffer. Depois de ouvirem o chamado de Jesus, largam tudo e o seguem, sendo ensinados e discipulados por Ele. Para os seus discípulos e também a multidão que o cercava, inicia seu discurso com as Bem-Aventuranças e passa por várias áreas de importância na vida cristã. Argumenta que as Bem-Aventuranças são voltadas à renúncia e à carência, e mostra a discrepância entre os discípulos e o povo em geral.

Ao final das Bem-Aventuranças, surge a pergunta: “Ainda haveria um lugar no mundo para uma igreja desse tipo?”¹³⁹ A resposta só é possível se encontrarmos essa igreja junto à cruz do calvário, pois a igreja dos bem-aventurados é a igreja do crucificado. Com Ele tudo perdeu, com Ele tudo encontrou.

Depois passa a apresentar a igreja, analisa as palavras de Jesus, que diz sermos o sal da terra e a luz do mundo. Não nos pede para sermos, afirma que somos. Não se escolhe isso, quando aceita-se o chamado a segui-lo já torna-se sal da terra. Bonhoeffer considera o sal da terra como o bem maior que essa terra possui, pois este sal a conserva. Ao rejeitar os discípulos, o mundo está destruindo a sua própria vida. Porém, somente a conservará enquanto continuar sendo sal. No momento em que se torna insípido, não serve para mais nada. “A incorruptibilidade do sal é a garantia da permanência da Igreja”.¹⁴⁰ Da mesma forma a luz existe para iluminar, “fuga para a invisibilidade é a negação do chamado”.¹⁴¹

¹³⁸ BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*, p. 55.

¹³⁹ BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*, p. 65.

¹⁴⁰ BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*, p. 67.

¹⁴¹ BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*, p. 68.

Continua a analisar questões como a importância do amor ao próximo e o cumprimento da Lei através de Jesus: Ele cumpriu a Lei e por isso nossa justiça pode e deve exceder a da lei. Somente é possível exceder a justiça dos fariseus se a fizer mediante aquele que cumpriu toda a Lei: Jesus. Em outras palavras, a devoção a Cristo leva o discípulo a se comprometer com a Palavra, e suas obras em decorrência da obediência a ela excedem a dos religiosos, pois vão além do que simplesmente cumprir regras, mas busca-se viver, através de Cristo, princípios da fé, que nasce de um relacionamento com o próprio Deus. Bonhoeffer afirma que “a divinização da lei e a legalização de Deus era o pecado de Israel”,¹⁴² e completa dizendo que o discipulado “é comprometimento com Jesus Cristo única e imediatamente”,¹⁴³ afirmação essa que leva o discípulo a um lugar de comunhão com Ele.

Bonhoeffer enfoca a necessidade de uma vida de santidade, na autonegação e no controlar o desejo, em prol de um relacionamento puro com o Salvador. Assim como Cristo foi crucificado, seus discípulos também crucificam sua carne, com suas paixões e concupiscências (Gl 5,24). Ressalta a importância de viver a verdade, uma vez que somente aquele comprometido com o discipulado de Jesus está na veracidade total, repudiando a mentira.

Para entender melhor o Novo Testamento e a mensagem de Cristo em seu primeiro sermão, Bonhoeffer se lança em uma jornada Veterotestamentária e argumenta que:

só quando se conhece o caráter indizível do nome de Deus pode-se chegar a pronunciar também o nome de Jesus Cristo; só quando se ama a vida e a terra de tal maneira que sem elas tudo pareceria perdido e acabado pode-se crer na ressurreição dos mortos e em um novo mundo; só quando se deixa valer a lei de Deus para si mesmo pode-se chegar a falar também de graça; e só quando a ira e a vingança de Deus sobre seus inimigos permanecem sendo realidades válidas, algo do perdão e do amor ao inimigo poderá tocar nossos corações.¹⁴⁴

Bonhoeffer acreditava que para se entender o Novo Testamento era preciso ser conhecedor do Velho. Afirma que, em sua obra *Discipulado*, não desenvolveu profundamente esse tema, mas que buscou mencionar essas ideias, planejando

¹⁴² BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*, p. 71.

¹⁴³ BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*, p. 70.

¹⁴⁴ BONHOEFFER, Dietrich. *Resistência e Submissão*, p. 210.

desenvolver melhor posteriormente.¹⁴⁵ O que faz em várias cartas, desde a prisão a seu amigo Eberhard Bethge,¹⁴⁶ dizendo que o último não pode ser dito antes do penúltimo. Assim, suas interpretações do Sermão da Montanha passam necessariamente por sua visão Veterotestamentária.

3.4 A VINGANÇA E O AMOR AO PRÓXIMO

Bonhoeffer analisa a vingança e o amor ao próximo e critica a forma com que a igreja analisava as questões da vingança, por não compreender que para os judeus o direito à vingança era um direito à justiça, porém para o discípulo, seu direito à vingança está em retribuir o mal com o bem. Afirma que “por meio da vingança justa, a injustiça deverá ser combatida, e o discípulo, confirmado no discipulado de Jesus”.¹⁴⁷ *A priori* se entende que Bonhoeffer, em um certo nível, concorda com a vingança, sendo ela justa, porém, logo após ele define o que entende por vingança justa e diz: “a vingança justa consiste, de acordo com as palavras de Jesus, unicamente em não resistir ao mal”.¹⁴⁸

Aqui pode parecer que de fato ocorreu uma ruptura entre os escritos de Bonhoeffer antes da prisão e suas obras enquanto encarcerado. Como explicar um homem que anos antes professara a não resistência ao mal estar agora envolvido no plano de tirar a vida de outro homem? Além disso, descreve em sua análise do Sermão da Montanha, quando Jesus ensina sobre amor ao próximo, que o discípulo deve amar o inimigo como ama seu irmão e que “quanto mais inimigo o inimigo, mais se exige meu amor, seja o inimigo político, seja o inimigo religioso, ambos receberão do discípulo de Jesus o amor indiviso”.¹⁴⁹

Para tentar compreender tudo isso, é necessário analisar algumas questões, como: a) quem era esse homem o qual Bonhoeffer estava conspirando?; b) qual a sua posição?; c) qual a situação política vivida naquele momento? Com a ajuda de sua obra póstuma, denominada “*Ética*”,¹⁵⁰ pode-se compreender um pouco do seu pensamento quanto a isso.

¹⁴⁵ BONHOEFFER, Dietrich. *Resistência e Submissão*, p. 211.

¹⁴⁶ Veja sobre isso em RS, p. 182 e 210.

¹⁴⁷ BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*, p. 84.

¹⁴⁸ BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*, p. 84.

¹⁴⁹ BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*, p. 89.

¹⁵⁰ BONHOEFFER, Dietrich. *Ética*, 2009.

Inicia analisando a queda do homem lá no Jardim do Éden. Afirma o autor que quando o homem decide pelo conhecimento do bem e do mal, na verdade está abandonando sua origem que antes era em Deus e todo seu conhecimento vinha do próprio Deus. Uma vez abdicando deste direito, o homem passa a ter a origem do seu conhecimento em si próprio, ou seja, deixa de entender sua realidade pela sua origem em Deus e passa a entendê-la em suas possibilidades próprias de ser bom ou mal. Sendo assim, Bonhoeffer diz que: “do bem e do mal o ser humano só pode saber contra Deus”.¹⁵¹

O Ser humano, assim, esqueceu-se de sua origem como imagem de Deus e recebedor das instruções de Deus, para se transformar em seu próprio criador e juiz. Não se tornou como Deus, mas sim contra Deus. O bem e o mal que o ser humano conhece não são o bem e o mal de Deus, mas o bem e o mal contra Deus.¹⁵²

Na sua essência existe a vergonha, que nasceu pela desobediência a Deus, que fez com que o homem buscasse vestir-se. Desde então o homem tem buscado tapar sua vergonha ao invés de encontrar o arrependimento. Para tanto busca viver o bem que acredita ser correto, independente do que Deus afirma sobre o assunto, o que Bonhoeffer denomina de “o fariseu”.

O fariseu é o ser humano digno de admiração, que coloca toda a sua vida sob o conhecimento do bem e do mal, que é um juiz rigoroso de si mesmo quanto do próximo – para honra de Deus, de quem, humildemente, recebe seu saber. Para o fariseu, cada momento da vida torna-se uma situação de conflito em que deve escolher entre o bem e o mal.¹⁵³

Bonhoeffer faz distinção entre o pecador comum e aquele que se esforça para fazer o bem, entre aquele que vive deliberadamente no pecado de forma consciente e culposa e aquele que o faz por necessidade. O autor afirma que essas diferenças não podem ser desconsideradas.

Os fariseus sempre tentavam encurralar Jesus em suas perguntas, visando uma resposta que dava a entender ou um sim ou não, ou bem ou mal. Vê-se isso ao longo de todo o evangelho. Em todas as perguntas, Jesus responde sempre se sobrepondo às decisões conflituosas. A grande questão é que Jesus sempre responde como pano de fundo a origem em Deus, fato este inexistente na vida dos

¹⁵¹ BONHOEFFER, Dietrich. *Ética*, p. 15.

¹⁵² BONHOEFFER, Dietrich. *Ética*, p. 16.

¹⁵³ BONHOEFFER, Dietrich. *Ética*, p. 21.

fariseus e de todos os seres humanos pós-adâmicos, por isso a busca por respostas entre o bem e o mal.

As respostas de Jesus muitas vezes destoam das perguntas dos fariseus, mas isso ocorre justamente em função da origem das respostas, de onde cada um busca encontrar respostas aos questionamentos da vida. Jesus vive e age não a partir do conhecimento do bem e do mal, mas sim de fazer a vontade do Pai. “Nela a origem está superada, nela se baseiam a liberdade e singeleza de coração”.¹⁵⁴

Assim, fica claro que a postura do ser humano hoje perante Deus é a busca em fazer a sua vontade.

[...] diante do endeusamento do irracional, do sangue, do instinto, da fera no ser humano, bastava o apelo a razão; diante da arbitrariedade bastava o apelo a lei escrita, diante da barbárie era suficiente apelar a formação da humanidade; diante da brutalidade bastava o apelo à liberdade... bastava a autonomia das diversas áreas da vida, para despertar, imediatamente, a consciência de uma espécie de aliança entre os que defendiam esses valores denegridos e os cristãos.¹⁵⁵

Estes cristãos começaram a encontrar em sua origem um novo sentido para suas vidas, e essa origem é o próprio Cristo. O mais precioso do cristianismo é Jesus Cristo, afirma o autor. Assim, a melhor ferramenta contra o anticristo é o próprio Jesus Cristo.

Bonhoeffer vê na figura dos líderes políticos figuras instituídas por Deus e, portanto, investidas de autoridade divinas. Porém, uma vez que essa autoridade não exerce seu papel de acordo com a incumbência divina proposta, Dietrich Bonhoeffer diz que:

uma total apostasia de sua incumbência tornaria questionável o seu ser. Essa apostasia completa, no entanto, pela providência de Deus, só é possível como acontecimento do fim dos tempos e conduzirá então, em meios a graves martírios, a uma total separação da comunidade da autoridade estabelecida, que encarna o anticristo.¹⁵⁶

No sermão da montanha é afirmado: “bem aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos Céus” (Mt 5,10). Bonhoeffer se posiciona firmemente diante das atrocidades cometidas por seus líderes políticos, arcando com as consequências da separação da comunidade e, por fim, o martírio.

¹⁵⁴ BONHOEFFER, Dietrich. *Ética*, p. 23.

¹⁵⁵ BONHOEFFER, Dietrich. *Ética*, p. 39.

¹⁵⁶ BONHOEFFER, Dietrich. *Ética*, p. 216.

Porém, não abre mão de lutar contra o que ele acreditava ser uma postura de anticristo:

Todo o culto a uma pessoa, abrangendo qualidades excepcionais, capacidades, poderes e talentos extraordinários – ainda que sejam de ordem espiritual – é mundano e não tem lugar na comunhão cristã, antes de envenena. O tão frequente anseio de nossos dias por [...] personalidades com autoridade nasce, não raro da necessidade mórbida de admirar seres humanos, de estabelecer autoridade humana visível, porque a autêntica autoridade do servir parece pequena demais.¹⁵⁷

Nas palavras de Jesus no sermão da montanha, é rechaçada toda a timidez de alguns cristãos que evitam o sofrimento por uma causa justa, boa e verdadeira. O autor afirma que, uma vez que se sofre por uma causa justa, caminha-se em direção a Cristo, invoca a Cristo e por Ele é conduzido. “Em tempos conturbados, quando a ilegalidade e a maldade triunfam descaradamente, o Evangelho se elucidará mais nas poucas figuras comprometidas com o que é justo, verdadeiro e humano”.¹⁵⁸ Assim, Jesus chama a todo ser humano de volta à origem, não para ser bom ou mau, mas para serem pecadores justificados e santificados em Cristo.

Esses pecadores justificados e santificados caminham em meio a canalhas em plena luz do dia. A realidade fica nítida diante de todos; o santo e o profano, o justo e o ímpio, todos vivendo a mesma realidade. Aqui nasce uma das famosas afirmações de Bonhoeffer:

Pior do que a má ação é ser mau. Um mentiroso dizer a verdade é pior do que um amante da verdade mentir. Um misantropo praticar o amor fraterno é pior o que um filantropo sucumbir uma vez ao ódio. A mentira ainda é melhor do que a verdade na boca do mentiroso, e o ódio é melhor do que a ação de amor fraterno do misantropo.¹⁵⁹

Para o autor, existem diferenças entre pecados: um não é igual ao outro, uma vez que têm pesos diferentes. Compara a apostasia à queda e diz ser a apostasia infinitamente mais grave do que alguém cair em pecado. Diz que “as mais brilhantes virtudes do apostata são escuras como a noite comparadas com as mais obscuras fraquezas daquele que é fiel”.¹⁶⁰

¹⁵⁷ BONHOEFFER, Dietrich. *Vida em Comunhão*, p. 95.

¹⁵⁸ BONHOEFFER, Dietrich. *Ética*, p. 42.

¹⁵⁹ BONHOEFFER, Dietrich. *Ética*, p. 45.

¹⁶⁰ BONHOEFFER, Dietrich. *Ética*, p. 45.

Aqui o autor faz uma distinção entre o teórico da ética e aquele que se devotou a um programa ético, e afirma que nem mesmo o martírio deste devoto poderia servir de fonte de alento para a sua causa, pois a causa a qual luta parece ser ainda maior. “Eis que eu vos envio como ovelhas para o meio de lobos; sede, portanto, prudentes como as serpentes e simplices como as pombas” (Mt 10,16).

3.5 DISCIPLINAS ESPIRITUAIS

Em sua obra *“Discipulado”*, Dietrich Bonhoeffer analisa o capítulo 05 do Evangelho de Mateus como sendo a parte externa da igreja, ou seja, aquilo que todos veem. No capítulo 06, a sequência do sermão de Cristo, a uma chamada para a abscondicidade. Os dois capítulos se chocam violentamente: enquanto um chama a igreja para fora, para ser vista, o outro pede que o visível se torne invisível. Mas de quem deve ficar oculto? Não dos outros, mas daqueles que o praticam!

Analisa a abscondicidade da oração, das práticas piedosas e de uma singeleza de vida. A oração, como lugar secreto, quem ora não conhece a si mesmo, mas a Deus a quem invoca. Ela é oposta à publicidade. Como prática piedosa, Jesus espera que os discípulos venham a jejuar! Que venhamos a disciplinar a carne em exercícios diários e extraordinários no que tange à disciplina espiritual. Entendia que o homem, morto em seus delitos e pecados, tornou-se indolente e indisciplinado, e isso tudo é a raiz do orgulho do velho homem que precisa ser abatido.¹⁶¹

Em seu seminário para pregadores em Finkenwalde, ensinava que o cristão precisa de um tempo fixo diário para fazer três coisas: Meditar na Palavra; Orar e Interceder.¹⁶² Dizia que “a força da pessoa está na oração. Orar significa confiar-se a Deus”.¹⁶³

A vida em comunhão sob a Palavra começa com o culto em conjunto na primeira hora da manhã. A comunidade reúne-se para louvar e agradecer, ouvir a leitura da Bíblia e orar. O Profundo silêncio matinal só será rompido pela oração e pelo canto da comunidade.¹⁶⁴

¹⁶¹ BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*, p. 104.

¹⁶² BONHOEFFER, Dietrich. *Vida em Comunhão*, p. 69.

¹⁶³ BONHOEFFER, Dietrich. Cf WEBER, Manfred (Org.). *Liberdade para Viver: Dietrich Bonhoeffer para Jovens*, p. 52.

¹⁶⁴ BONHOEFFER, Dietrich. *Vida em Comunhão*, p. 33.

Essa prática foi mantida em seu tempo de prisão em Tegel, quando, além de orar todos os dias, escrevia orações para que seus colegas de cela pudessem também com ele orar. Orações como a que segue:

Dentro de mim está escuro, mas em ti há luz
 Eu estou só, mas tu não me abandonas
 Eu estou desanimado, mas em ti há auxílio
 Eu estou inquieto, mas em ti há paz
 Em mim há amargura, mas em ti há paciência
 Não entendo os teus caminhos, mas tu conheces o caminho certo para mim.¹⁶⁵

Durante seu tempo de cárcere, Bonhoeffer, além de estudar assuntos não teológicos, de confortar a todos ao seu redor e também aqueles que estavam longe, mediante suas cartas, dedicava tempo para suas práticas espirituais. Essa atitude foi fundamental para mantê-lo emocionalmente saudável e espiritualmente forte.

Outra questão analisada pelo autor é quanto à singeleza de vida, o discípulo busca ver a Jesus e a ele somente. Não que não possa ter bens, mas tê-los como se não os tivesse. Os alunos de Finkenwalde tiveram que se acostumar, além de uma rígida disciplina espiritual, a uma vida comum muito simples.¹⁶⁶

Aparentemente prevendo um mundo capitalista ao extremo, adverte sobre a diferença entre necessidades e desejos, o quanto de fato precisa-se de algo, ou simplesmente é objeto de desejo. “Desejos nos quais nos agarramos demais podem facilmente nos roubar algo daquilo que devemos ou podemos ser”.¹⁶⁷ Escrevendo a Eberhard, afirma que: “Atualmente, ao meu redor encontro quase só pessoas que se agarram aos seus desejos e, por isso, nada são para as outras pessoas; elas não escutam mais e são incapazes de amar ao próximo”.¹⁶⁸

Não se pode servir a dois senhores. Incentiva também a não andar ansioso, na busca pelos bens para garantir um futuro. Que esse futuro possa estar nas mãos do Senhor. Com as riquezas vem a promessa de segurança e conforto ao coração do homem, mas na verdade são a causa da ansiedade. “O coração que se apega às riquezas herda com elas o fardo sufocante da ansiedade”.¹⁶⁹ Depois de um longo

¹⁶⁵ BONHOEFFER, Dietrich. *Resistência e Submissão*, p. 190.

¹⁶⁶ BONHOEFFER, Dietrich. *Tentação*, p. 5.

¹⁶⁷ BONHOEFFER, Dietrich. Cf WEBER, Manfred (Org.). *Liberdade para Viver: Dietrich Bonhoeffer para Jovens*, p. 52.

¹⁶⁸ BONHOEFFER, Dietrich. *Resistência e Submissão*, p. 329.

¹⁶⁹ BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*, p. 110.

discipulado, Jesus pergunta: Porventura lhes faltou alguma coisa? E o discípulo poderá responder: “Nada”.¹⁷⁰

Outro ponto analisado por Bonhoeffer é a separação dos discípulos e a relação deles com os descrentes. Fica claro que o discípulo não dispõe de um poder próprio no trato com outras pessoas. Vive exclusivamente da força que traz da comunhão com Cristo. Tudo o que quiser que se faça a ele, deve ele também fazê-lo. Assim não pode ser desculpado algo na pessoa que ela própria condena em outro.

O discípulo tende a uma separação entre a igreja e o mundo e entre os cristãos aparentes e cristãos verdadeiros, porém, Jesus adverte acerca do perigo que é uma atitude assim, e proíbe o discípulo de julgar alguém. “A incisão com a qual se separam dos outros como os justos dos injustos separa-os de Jesus”.¹⁷¹ Encerrando a análise do Sermão da Montanha, Bonhoeffer afirma que se pode interpretar de várias formas este sermão, mas para Jesus somente existe uma: ir e obedecer! A palavra que a pessoa não quer praticar, não se torna rocha em sua vida.

Além do fazer só existe ainda o deixar de fazer. Querer fazer e acabar não fazendo, isso não existe. Quem responde à Palavra de Jesus de outra forma que não seja a prática contesta a Jesus, rejeita o Sermão da Montanha, não pratica a sua Palavra.¹⁷²

Bonhoeffer analisa a relação desses discípulos como mensageiros em uma seara deficitária. Ao contrário das demais religiões que disseminam suas ideias, reclusos, longe da multidão, Jesus recusa estar em sua aristocracia ou somente em companhia dos seus discípulos, mas vai ao encontro da multidão. Seu coração se aperta ao ver que a seara é grande e poucos são os que se disponibilizam para ajudar.

É dado aos apóstolos um chamado com uma autoridade especial, dada por Jesus para cumprir a Sua obra, e como colaboradores de Jesus, os discípulos estão sob as Suas ordens. Tendo um trabalho de pregar o evangelho, levar a mensagem de salvação, os discípulos são enviados, com a garantia de que sofrerão rejeição, encontrarão o fracasso, mas a autoridade vem do chamado, “eu vos envio”. Com a

¹⁷⁰ BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*, p.112.

¹⁷¹ BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*, p.113.

¹⁷² BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*, p.124.

autoridade dada por Cristo, eles têm a missão de pregar o evangelho, tendo os sinais como confirmação da mensagem.

Ordena curar doentes, purificar leprosos, ressuscitar mortos e expelir demônios! Pregação torna-se acontecimento, e os acontecimentos confirmam a pregação. Reino de Deus, Jesus Cristo, perdão dos pecados, justificação do pecador pela fé, tudo isso nada mais é do que destruição do poder de Satanás, cura, ressurreição dos mortos. Sendo Palavra do Deus onipotente, ela é ação, acontecimento, milagre.¹⁷³

Em meio ao ide, o sofrimento é iminente. O fracasso e a hostilidade não podem ser fatores de desestímulo na sua caminhada e de dúvida de seu chamado e envio por parte de Cristo.

Nada de temor das pessoas, nem desconfiança, muito menos ódio; mas também nada de credulidade leviana, nada de fé na bondade inata do ser humano, e sim conhecimento exato da relação Palavra - Ser Humano e da relação Ser Humano - Palavra deverão os discípulos demonstrar.¹⁷⁴

Deus, sendo Deus, aceitou os seres humanos e eles os esmagaram, porém Deus continuou com eles. O suportar de Deus a humanidade foi a condição para que Ele mantivesse comunhão com o homem.¹⁷⁵

Precisam compreender, como discípulos, que o tempo é curto e a eternidade é longa. A decisão é agora e como resultado receberão o galardão para o discípulo e salvação para a igreja.

3.6 A IGREJA E O DISCÍPULO

Jesus, que chamou o jovem rico, a Pedro e a Levi, não está mais presente em corpo como antes. Como ouviremos seu chamado? Através da igreja e seus sacramentos e de Sua palavra, pois Ele está vivo nela, afirma Bonhoeffer.¹⁷⁶

[...] já não se pode afirmar que as experiências de vocação dos primeiros discípulos sejam fundamentalmente diferentes das outras experiências da vocação do discipulado. Não se requer que nos igualem aos discípulos ou a outros personagens do Novo Testamento; o que importa é apenas que Jesus e seu chamado são os mesmos naqueles dias e hoje.¹⁷⁷

¹⁷³ BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*, p. 129.

¹⁷⁴ BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*, p. 134.

¹⁷⁵ BONHOEFFER, Dietrich. *Vida em Comunhão*, p. 88.

¹⁷⁶ BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*, p.139.

¹⁷⁷ BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*, p. 141.

O Batismo é a iniciação na igreja visível. O discípulo morre para a velha vida e renasce para uma vida de discipulado com Ele. Com o batismo fazemos parte do corpo de Cristo. Significa que os batizados experimentarão a presença e a comunhão corporal de Jesus, morto e ressurreto. Para Bonhoeffer, o batismo não é apenas uma experiência com a água do batismo, mas, muito mais do que isso, ele significa a morte para o velho homem, a ruptura com Satanás, o rompimento com o mundo, a justificação do pecado e a ressurreição com Cristo.

Diante disso, escreve sobre o batismo de crianças, mencionando que no Novo Testamento não há nenhuma regra específica sobre isso, mas entende que é um dom da graça, presenteando a igreja e que pode e precisa ser usado com muita fé. “Porém obrigar-se a ele interiormente sem que a própria fé o obrigue não é bíblico”.¹⁷⁸ Entende que, se ocorrer um abuso do batismo de crianças, sem a seriedade e o comprometimento com a fé, isso levará necessariamente a comunidade a uma restrição do mesmo e a uma nova apreciação ao batismo de adultos.

Através da Ceia do Senhor, podemos experimentar do seu corpo. Com a consumação dos dois sacramentos, Batismo e Ceia do Senhor, tornamo-nos participantes da comunhão do corpo de Cristo. Assim, quando falamos de igreja, não nos referimos ao que comumente pensa-se, uma Instituição, mas a Igreja deve ser vista como pessoa corporal, uma pessoa muito singular, a pessoa de Cristo. Conceito este negligenciado pela própria igreja.

Para Bonhoeffer, encontramos através do Batismo e da Ceia do Senhor, nosso lugar na Santidade de Deus. É através deles que podemos recuperar nossa condição de Filhos de Deus, criados a sua imagem. Ele diz:

Puro, só pode ser, a partir da origem ou do alvo, ou seja, a partir do batismo ou do perdão na Santa Ceia; do mesmo modo que a singeleza, é um conceito de totalidade. A pureza perdida – e a pureza de todos nós esta perdida! – pode ser novamente ganha de presente pela fé, mas no devir e na vida não podemos ser mais puros, e sim somente ainda comedidos, e esse é um objetivo possível e necessário da educação e da formação.¹⁷⁹

¹⁷⁸ BONHOEFFER, Dietrich. *Resistência e Submissão*, p. 334.

¹⁷⁹ BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*, p. 298.

Para que isso aconteça, há a necessidade de Cristo ser reconhecido como Senhor de seu corpo. Pela pregação da palavra a igreja se torna visível. Pregação da doutrina dos apóstolos, daqueles que foram testemunhas oculares do mover do Espírito Santo na vida de Cristo.

Depois vem o que Bonhoeffer chama de espaço de vida – *koinonia*, um compartilhar de nossas vidas um com os outros. Nessa comunhão acontecem as questões práticas de um convívio diário dos chamados a seguir a Cristo. As diferenças entre escravos e livres, judeu ou grego, forte ou fraco, desaparecem naqueles que foram batizados em Cristo e agora fazem parte do seu corpo.¹⁸⁰ Ele diz que “o privilégio que cristãos tem de viverem já agora em comunhão visível com outros cristãos, no período entre a morte de Cristo e o juízo final, é apenas uma antecipação das coisas derradeiras”.¹⁸¹

O fato de se estar rodeado de outros cristãos é fonte geradora de alegria e fortalecimento. O Apóstolo João escreve que sua alegria somente será completa quando puder ver os irmãos (2 Jo 1,12). Esta comunhão tão somente é possível através da cruz de Cristo. Ser cristão significa primeiramente precisar do outro por amor a Jesus; posteriormente entender que somente se consegue chegar ao outro por meio de Cristo; e, por último, isso significa que “fomos eleitos desde a eternidade, aceitos no tempo e unidos para a eternidade em Jesus Cristo”.¹⁸² “Comunhão cristã é comunhão através de e em Jesus Cristo”.¹⁸³

Aquela pessoa que está diante dos demais, na fraternidade da comunhão na igreja, não é aquela honesta, justa, piedosa, cheia de caridade, mas aquela pessoa redimida por Jesus Cristo, justificada pela fé e preparada para experimentar a vida eterna. O fator determinante para sermos um “é aquilo que a pessoa é a partir de Cristo”.¹⁸⁴ Em outras palavras, a igreja é composta por pessoas em um processo de metamorfose, não perfeitas, mas caminhando para a perfeição em Cristo. Por isso, Bonhoeffer adverte de que a fraternidade Cristã não pode ser confundida com um ideal de comunhão piedosa. A fraternidade Cristã é uma realidade divina e espiritual e não psíquica.

¹⁸⁰ BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*, p. 165.

¹⁸¹ BONHOEFFER, Dietrich. *Vida em Comunhão*, p. 10.

¹⁸² BONHOEFFER, Dietrich. *Vida em Comunhão*, p. 13.

¹⁸³ BONHOEFFER, Dietrich. *Vida em Comunhão*, p. 15.

¹⁸⁴ BONHOEFFER, Dietrich. *Vida em Comunhão*, p. 17.

Pelo fato de o corpo de Cristo ser formado por pessoas imperfeitas, a decepção com meu próximo é uma realidade. Porém, “quanto mais cedo a pessoa e a comunidade passarem por essa decepção, tanto melhor para ambas”.¹⁸⁵ Uma comunhão que não suporta a dificuldade e o erro do outro é uma comunhão utópica e não duradoura. Todo ideal humano de comunhão perfeita deve ser destruído, para que a verdadeira comunhão, que é através de Cristo, possa ser experimentada pela comunidade.

O amor espiritual se comprovará, portanto, pelo fato de que em tudo que diz ou fala recomendará o outro a Cristo. Não tentará provocar o abalo psíquico do outro por meio de influência por demais pessoal e direta, por meio da intervenção impura na vida do outro; não se alegrará com o fervor exagerado e a excitação piedosa e anímica.¹⁸⁶

Somos justificados e santificados pela obra de Cristo, de tal maneira que somente por Ele podemos ser santos. Justificados do passado e santificados para que nosso futuro seja guardado em Cristo. A santificação acontece primeiramente na igreja visível. A santificação é algo necessário para o discípulo, uma separação do mundo, com suas cobiças e pecados. Outro ponto importante da santificação é a subsistência ao próprio Cristo, uma entrega a Ele, para nos tornarmos semelhantes ao próprio Cristo, “busquem a santificação, sem a qual ninguém verá a Deus” (He 12,14). O crente é justificado, o justo é santificado, o santificado é salvo no juízo.

Esta separação da igreja e do mundo é enfatizada por Bonhoeffer. Em tempos de secularização do evangelho, há a necessidade de sermos diferentes daquilo que o Novo Testamento chama de vida mundana:

Quem pertence ao corpo de Cristo está liberto do mundo e foi chamado para fora do mundo; isso deverá tornar-se notório ao mundo, não apenas pela comunhão do culto e a ordem eclesiástica, mas também através da nova comunhão de vida fraternal.¹⁸⁷

Somos a imagem de Cristo, como nosso primogênito. Deus criou o homem a sua imagem, que acabou por ser perdida no Éden. Deus então deseja restaurar a sua imagem no Ser humano. O ser humano por si próprio não pode assumir a imagem de Deus e precisa de um caminho para isso: Jesus.

¹⁸⁵ BONHOEFFER, Dietrich. *Vida em Comunhão*, p. 18.

¹⁸⁶ BONHOEFFER, Dietrich. *Vida em Comunhão*, p. 26.

¹⁸⁷ BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*, p. 166.

Bonhoeffer, escrevendo a seu afilhado, por ocasião de seu batismo, de forma profética escreve acerca da igreja que estava por vir. Demonstra a expectativa que ele tinha no poder do Evangelho e na capacidade da igreja em ser agente de transformação da sociedade. Aconselhando a Dietrich Wilhelm Rüdiger Bethge, seu afilhado, que em homenagem ao padrinho leva o mesmo nome, escreve:

Quando estiveres crescido, a aparência da igreja terá mudado muito. A refundição ainda não terminou, e qualquer tentativa de levar a igreja prematuramente a uma nova ostentação de poder organizacional só representará um retardamento da sua conversão e purificação. Não é de nossa alçada prever o dia – mas esse dia virá - no qual pessoas serão novamente vocacionadas para expressar a palavra de Deus de tal maneira que o mundo seja transformado e renovado por ela. Será uma nova linguagem, talvez totalmente arreligiosa, mas libertadora e redentora como a linguagem de Jesus, diante da qual as pessoas se assustam e, ainda assim, são dominadas pelo seu poder, a linguagem de uma nova justiça e verdade, a linguagem que proclama paz de Deus com as pessoas e a aproximação do seu reino.¹⁸⁸

As palavras de Bonhoeffer, mesmo escritas há mais de 70 anos, continuam atuais. Sua visão sobre a realidade da igreja parece estar descrevendo problemas atuais de Cristologia e Eclesiologia. De forma brilhante conclama os seguidores de Jesus Cristo a assumirem com seriedade esse chamado.

¹⁸⁸ BONHOEFFER, Dietrich. *Resistência e Submissão*, p. 398.

4 EXPERIÊNCIA DE FÉ E O SEGUIMENTO DE CRISTO

As primeiras obras de Bonhoeffer podem ser classificadas como eclesiológicas, por enfatizarem a vida em comunidade como sendo a expressão da verdadeira fé cristã. Porém, essa comunhão somente é possível por meio de Cristo, e, junto com Karl Barth, Bonhoeffer busca resgatar a ênfase na pessoa de Cristo e a necessidade de um real encontro com Ele, gerado pelo Espírito Santo, para que possamos responder ao chamado de Jesus e segui-lo.

Bonhoeffer é conhecido como o teólogo do “cristocentrismo a-religioso”.¹⁸⁹ Cristocêntrica pois, como o próprio nome diz, sua obra é fundamentalmente centrada na pessoa de Cristo, pressupondo-se que dele tudo nasce e para ele tudo há de retornar. Refere-se, principalmente em suas cartas da prisão, a um cristianismo que chama de arreligioso, propondo uma releitura da igreja e da forma como ela se relaciona com o mundo moderno. No entanto, o termo Cristocentrismo a-religioso expressa em sua essência a necessidade de uma experiência de fé com Cristo, para segui-lo de uma forma não religiosa, como que apenas cumprindo rituais, mas sim uma vida de expressões da fé viva e verdadeira. Brown, referindo-se a Bonhoeffer, afirma que ele

Destacava aquilo que é destacado em cada página dos evangelhos e dos profetas do Antigo Testamento, que o cristianismo é vida e deve ser vivido. A fé deve ser traduzida em ação, não num sentido estritamente pietista mas, sim, de uma maneira que influencia todas as ações da vida.¹⁹⁰

Para Navarro¹⁹¹, é impossível separar a vida de Dietrich Bonhoeffer de sua obra teológica. Há casos de autores dos quais se pode estudar apenas suas obras para entender seu pensamento. Diferentemente de Dietrich Bonhoeffer, uma vez que sua vida de fé, sua espiritualidade e sua teologia, formam uma via de mão dupla, ora uma influencia a outra, ora é influenciada. Gibelline, falando da teologia do século XX, afirma que em Bonhoeffer “[...] biografia e teologia se mesclam e se dão as mãos como talvez em nenhum outro teólogo do nosso século”.¹⁹² Essa é a

¹⁸⁹ MONDIN, Battista. *Os Grandes Teólogos do Século Vinte*, p. 165.

¹⁹⁰ BROWN, Colin. *Filosofia e Fé Cristã*, p. 173.

¹⁹¹ NAVARRO, Juan Bosch. *Diccionario de Teólogos/as Contemporáneos*, p. 157.

¹⁹² GIBELLINE, Rosino. *A teologia do Século XX*, p. 106.

razão por se ter escolhido este teólogo para ser analisada a influência da experiência de fé no seguimento de Jesus Cristo.

Neste capítulo será tratado o tema propriamente dito: Experiência de Fé e o Seguimento de Cristo no pensamento de Dietrich Bonhoeffer. Serão analisados os conceitos de fé, experiência e a capacidade destes em influenciar na caminhada com Cristo. Buscar-se-á também entender o quanto da Teologia de Dietrich Bonhoeffer contribui para essa experiência e seguimento.

Outra questão a ser abordada é a experiência de fé e salvação, entendendo que a experiência espiritual da salvação é fator fundamental para um genuíno “nascer de novo”. Como mártir, Bonhoeffer incita curiosidade, gera paixão e promove inspiração. O fator martírio será abordado como continuidade de uma experiência de vida cristã e, conseqüentemente, como o último ato de fé, precedido por outros tantos.

Serão comparados também a teologia de Bonhoeffer e o pentecostalismo brasileiro, expressão de fé de grande influência na nação brasileira e com grandes desdobramentos antropológicos e sociológicos. Não será omitida uma breve análise da teologia e espiritualidade e como a vida de Bonhoeffer pode e deve servir como norteador para um mundo cristão mais evangélico.¹⁹³

4.1 CONCEITOS: EXPERIÊNCIA, FÉ E SEGUIMENTO

A palavra Experiência em muitos círculos cristãos gera calafrios em líderes e teólogos, porque a experiência de fé de um discípulo não pode ser duplicada igualmente em outro, uma vez que ela é pessoal e intransferível. Por exemplo, milhares de pessoas podem ouvir a mesma pregação da Palavra de Deus e, ao final de tudo, cada uma delas reportará um parecer diferente e pessoal daquilo que apreenderam da experiência vivida. Então, como ter certeza de que aquilo que é experimentado é genuinamente uma experiência cristã?

Experiência como conceito geral é entendido como “conhecimento imediato de uma coisa fisicamente presente”.¹⁹⁴ No campo da religião, faz da própria experiência “o critério inatacável da vida religiosa e finalmente reduzir toda a religião

¹⁹³ O termo “evangélico” é utilizado aqui para determinar todo aquele que é seguidor do evangelho de Cristo e, portanto não fazendo alusão a qualquer denominação cristã.

¹⁹⁴ ANCILLI, Ermanno. *Diccionario de Espiritualidad*, p. 84.

a experiência subjetiva”.¹⁹⁵ Essa experiência subjetiva precisa ser analisada com critérios, visando a autenticidade da mesma.

Assim, a experiência cristã autêntica somente é válida no âmbito da fé e regulamentada pela fé.¹⁹⁶ “Segundo a fé católica, a religião cristã é revelada e sobrenatural. A experiência cristã como tal deve ser de algum modo experiência do sobrenatural”.¹⁹⁷ Para Ratzinger, quando o Apóstolo Paulo fala que “a fé procede da audição” (Rm 10,17) diz estar afirmando uma diferença estrutural entre fé e filosofia.

[...] a fé vem da audição, e não – como na filosofia – da reflexão. A sua natureza consiste em não ser um racionar sobre o pensável, de modo que, no fim, eu tenha a minha disposição o resultado da minha reflexão; a característica da fé é vir da audição, pela qual recebo o que não é produto de meu pensamento; assim, pensar dentro da fé acaba sendo um repensar sobre aquilo que se ouviu e recebeu anteriormente.¹⁹⁸

Assim, a procura da verdade não leva o discípulo a encontrar sua fé, mas sim a própria fé que é recebida antecipadamente, conduzindo-o ao encontro da verdade. Essa fé é criada e consumada em Jesus Cristo (He 12,2).

Não chequei à fé pela procura particular da verdade e sim porque a recebi, pois ela se antecipou, por assim dizer, a mim. A fé não pode nem deve ser um simples produto da reflexão. A ideia de que a fé deveria ser o resultado de nossa própria reflexão, que deveríamos achar pelo caminho de uma procura meramente particular da verdade, já é, no fundo, a expressão de um certo ideal de uma atitude mental, que desconhece a própria essência da fé, pois esta consiste justamente no recebimento daquilo que não pode resultar do raciocínio.¹⁹⁹

Karl Barth, em sua análise do tema fé e teologia, diz:

A fé, a *conditio sine qua non* da ciência teológica! Quer dizer: a fé é o evento – a história, sem a qual um homem, mesmo provido de todas as demais possibilidades e qualidades boas que lhe possam ser peculiares, em verdade não poderá vir a ser nem permanecer cristão – e, portanto, teólogo.²⁰⁰

¹⁹⁵ ANCILLI, Ermanno. *Diccionario de Espiritualidad*, p. 84.

¹⁹⁶ ANCILLI, Ermanno. *Diccionario de Espiritualidad*, p. 85.

¹⁹⁷ ANCILLI, Ermanno. *Diccionario de Espiritualidad*, p. 85.

¹⁹⁸ RATZINGER, Joseph. *Introdução ao Cristianismo*, p. 67.

¹⁹⁹ RATZINGER, Joseph. *Introdução ao Cristianismo*, p. 67.

²⁰⁰ BARTH, Karl. *Introdução à teologia Evangélica*, p. 80.

A condição de fé para Barth é algo essencial na vida do Cristão, fé essa que “acontece no encontro, portanto, na comunhão do que crê com AQUELE em que crê”²⁰¹ (grifo nosso), ou seja, é oriunda de uma experiência, de um relacionamento pessoal e íntimo entre o Cristão com o Cristo da fé. Não é determinada, portanto, por uma busca por respostas de perguntas não respondidas pela ciência, nem mesmo oriundas de uma reflexão racional acerca do sobrenatural. Diferentemente, seguindo o mesmo conceito de Ratzinger, no qual afirma que a fé que vem de forma “*ex auditus*” trata-se de uma experiência sobrenatural, Barth diz que:

[...] a fé é, por assim dizer, uma criadora da divindade; não que a fé crie alguma coisa que se junte à divindade do Ser Eterno, mas cria-o em nós, pois, onde não houver fé, Deus se ressentirá da carência de nosso louvor, porque, onde falta a fé, Deus não é tido por fiel, justo, verdadeiro e misericordioso.²⁰²

Essa experiência da fé, realizada através do Espírito Santo a partir de Cristo, pode ser chamada de experiência de Deus. Para Moltmann, “a Pneumatologia pressupõe a Cristologia e prepara o caminho para a Escatologia”.²⁰³

Retomando a conceituação de experiência, sob um enfoque de uma visão de subjetivação moderna nas ciências empíricas, a “experencialidade” de Deus não seria possível. Porém, através de uma conceituação de transcendência imanente e uma abertura a um moderno conceito de experiência, poderão ser constatadas as dimensões da “experiência de Deus na, com a e sob a experiência da vida”.²⁰⁴

Um dos pontos a serem analisados é que a dificuldade de compreender os conceitos não nasce no desinteresse sobre o assunto: nasce no fato de que “a partir das experiências elementares nós chegamos aos conceitos, mas que a partir dos conceitos não chegamos a essas experiências”.²⁰⁵ Se trocarmos a palavra conceito por expressão, poderia-se dizer que “experiências sem expressão são cegas, expressões sem experiência são vazias”.²⁰⁶ Para Moltmann, o conceito de experiência em um sentido mais amplo “designa a totalidade daquilo que ocorre ao homem na vida de sua consciência”.²⁰⁷

²⁰¹ BARTH, Karl. *Introdução à teologia Evangélica*, p. 79.

²⁰² BARTH, Karl. *Carta aos Romanos*, p. 225.

²⁰³ MOLTSMANN, Jürgen. *O espírito da vida: uma pneumatologia integral*, p. 29.

²⁰⁴ MOLTSMANN, Jürgen. *O espírito da vida: uma pneumatologia integral*, p. 30.

²⁰⁵ MOLTSMANN, Jürgen. *O espírito da vida: uma pneumatologia integral*, p. 29.

²⁰⁶ MOLTSMANN, Jürgen. *O espírito da vida: uma pneumatologia integral*, p. 29.

²⁰⁷ MOLTSMANN, Jürgen. *O espírito da vida: uma pneumatologia integral*, p. 29.

Em sua análise sobre essas experiências, Moltmann afirma que o homem moderno é primeiramente um sujeito da razão e da vontade, mas afirma que:

[...] a maioria das experiências nós não as fazemos nem com a consciência nem com a razão ou com intenção consciente. Percebemos com nossos sentidos as ocorrências que nos atingem, elas tocam-nos o corpo, penetram nas camadas inconscientes de nossa alma, e de certo só uma pequena parte delas se torna consciente e é adquirida pela razão no exercício de sua atividade reflexiva e interpretativa.²⁰⁸

Assim, nós “fazemos” e “colecionamos” experiências, e essas nos “ocorrem” e nos “atingem”.²⁰⁹ Passa a ser um caminho de duas vias. Jesus nos ensina a “amar o próximo como a nós mesmos”, ou seja, amamos os outros a partir de uma experiência de amor-próprio, e esse amor-próprio é construído ao longo de anos de experimentação do amor oriundo do próximo. Portanto, “só aquele que sai de si é que consegue chegar a si. Só nos outros é que encontramos o que nos é próprio”.²¹⁰

O Salmista Davi, em seu cântico, diz: “Ao SENHOR pertence a terra e tudo o que nela se contém, o mundo e os que nele habitam”(Sl 24,1). Aqui se percebe que todas as coisas pertencem a Deus e estão sob seu domínio, tanto a natureza quanto a humanidade. Cada vez que se experimenta alguma dessas coisas, experimenta-se Deus. A experiência do Espírito de Deus, portanto, “não está limitada à auto-experiência do sujeito humano, mas é um constitutivo também na experiência do Tu, na experiência da comunhão e na experiência da natureza”.²¹¹

Em outras palavras, experimentamos Deus através de um encontro pessoal com Ele, com o nosso eu, com o nosso próximo e com a Sua criação: “Toda a experiência de uma criatura do Espírito é por isso também uma experiência do próprio Espírito. Toda verdadeira auto-experiência passa a ser também uma experiência do Espírito de vida de Deus no homem”.²¹²

Para Moltmann, a experiência de Deus e, portanto, o “*locus theologicus*”, passam-se em diferentes áreas. A primeira a ser mencionada é o próprio indivíduo e afirma que a busca por respostas concernentes à própria existência do homem o leva a uma busca por Deus. “Para mim a fé cristã teve início com uma busca

²⁰⁸ MOLTSMANN, Jürgen. *O espírito da vida: uma pneumatologia integral*, p. 32.

²⁰⁹ MOLTSMANN, Jürgen. *O espírito da vida: uma pneumatologia integral*, p. 34.

²¹⁰ MOLTSMANN, Jürgen. *O espírito da vida: uma pneumatologia integral*, p. 36.

²¹¹ MOLTSMANN, Jürgen. *O espírito da vida: uma pneumatologia integral*, p. 44.

²¹² MOLTSMANN, Jürgen. *O espírito da vida: uma pneumatologia integral*, p. 45.

desesperada por Deus e com uma luta pessoal com os aspectos obscuros da “face oculta” de Deus”.²¹³

Depois da pessoa, encontramos Deus na comunidade, na troca de experiências, na vida comum e simples desta. Moltmann, em sua experiência pastoral, afirma que:

Foi ali que surgiu um novo “círculo hermenêutico”: não mais aquele entre a interpretação do texto e a auto-interpretação privada, como em Bultmann, mas aquele entre a interpretação do texto e a experiência de comunhão das pessoas em suas famílias, na vizinhança e no seu trabalho.²¹⁴

Moltmann, assim como Bonhoeffer, também reconhece a experiência de Deus na igreja e através dela.²¹⁵ É na vida em comunhão que encontramos Jesus e vê no corpo de Cristo um lugar para se experimentar Deus, lugar de “se alegrar com os que se alegram e de chorar com os que choram” (Rm 12,15). A universidade pode e deve ser um “*locus theologicus*”, de encontrar Deus e ser encontrado por Ele. Através de uma metodologia científico-sistemática, busca-se encontrar uma ética teológica.²¹⁶

Se a teologia acadêmica não for para o meio do povo, ela perde a sua base. Sem a igreja, a teologia cristã não pode existir como disciplina universitária. Ela se desfará em ciência da religião... Em contrapartida, a teologia do povo perde o seu caráter racional quando não dá atenção à teologia acadêmica ou quando despreza suas competências.²¹⁷

Portanto, a experiência cristã, originada da fé, gera no discípulo a capacidade de seguir o mestre em fidelidade de andar, pois discípulo não é aquele que faz o que o mestre faz, nem mesmo o que sabe o que o mestre sabe, mas aquele que é como o mestre é.

²¹³ MOLTSMANN, Jürgen. *Experiências de Reflexão Teológicas: Caminhos e Formas da Teologia Cristã*, p. 17.

²¹⁴ MOLTSMANN, Jürgen. *Experiências de Reflexão Teológicas: Caminhos e Formas da Teologia Cristã*, p. 18.

²¹⁵ MOLTSMANN, Jürgen. *Experiências de Reflexão Teológicas: Caminhos e Formas da Teologia Cristã*, p. 19.

²¹⁶ MOLTSMANN, Jürgen. *Experiências de Reflexão Teológicas: Caminhos e Formas da Teologia Cristã*, p. 20.

²¹⁷ MOLTSMANN, Jürgen. *Experiências de Reflexão Teológicas: Caminhos e Formas da Teologia Cristã*, p. 22.

4.2 CONTRIBUIÇÕES DA TEOLOGIA DE DIETRICH BONHOEFFER PARA A EXPERIÊNCIA DE FÉ E O SEGUIMENTO DE CRISTO

Destacando as principais obras de Dietrich Bonhoeffer, tem como iniciação teológica, sua tese de doutorado *Sanctorum Communio* (1927), passando por *Ato e Ser* (1931), *Discipulado* (1937), *Vida em Comunhão* (1938); e suas obras póstumas *Ética* (1949) e *Resistência e Submissão* (1958).

A vida deste pastor militante confunde-se com sua carreira teológica breve, porém brilhante, resultando numa síntese onde espiritualidade e práxis se encontram para o serviço do Reino de Deus entre os homens e mulheres.²¹⁸

Nesse trabalho, quando se fala em espiritualidade e práxis, busca-se identificar a relação dualista que existe em ambas. Assim, são contraposições, a oração e ação, contemplação e prática, devocionalidade e engajamento. Mesmo sendo distintos entre si, um está relacionado ao outro, como, por exemplo, a oração, que está diretamente ligada “à ação do cristão, assumindo-a, fecundando-a, iluminando-a, etc.”²¹⁹

Bonhoeffer, mesmo com uma caminhada relativamente curta, consegue “reunir a espiritualidade aprofundada na comunhão com Cristo e com os irmãos”, não somente isso, mas também a um “engajamento político-social levado aos seus limites... Dessa forma, Dietrich Bonhoeffer entra para a história da Teologia (Mística, Sistemática, e Prática) como fonte de inspiração”.²²⁰ Portanto, sua teologia está diretamente ligada a suas experiências com Cristo e com seus irmãos.

É através da espiritualidade que abrimos caminhos fecundos para o transcendente. Tal espiritualidade é gerada através da história, de sua própria história. Essa afirmação se torna verdade na vida de Dietrich Bonhoeffer, que vive em um momento de duras transformações sociais, de crises econômicas e políticas, marcando, assim, “o amadurecimento de sua teologia, de sua ação ministerial e, principalmente, de sua ação pastoral”.²²¹

A genuína experiência de fé se faz necessária frente a uma exacerbação alienante de grupos cristãos, focados apenas em “batalhas espirituais” que

²¹⁸ ROCHA, Alessandro Rodrigues. Práxis e Espiritualidade na Vida e Obra de Dietrich Bonhoeffer. *RHEMA*, p. 52.

²¹⁹ ROCHA, Alessandro Rodrigues. Práxis e Espiritualidade na Vida e Obra de Dietrich Bonhoeffer. *RHEMA*, p. 53.

²²⁰ ROCHA, Alessandro Rodrigues. Práxis e Espiritualidade na Vida e Obra de Dietrich Bonhoeffer. *RHEMA*, p. 53.

²²¹ ROCHA, Alessandro Rodrigues. Práxis e Espiritualidade na Vida e Obra de Dietrich Bonhoeffer. *RHEMA*, p. 55.

transformam a genuína experiência evangélica em uma espiritualidade mistificada. Por outro lado, desafia também aqueles que acreditam nas lutas sociais mas negam o caráter escatológico dessa libertação, seus conteúdos espirituais e a necessidade de uma verdadeira salvação.

Para ambos os lados o cristianismo foi parcialmente compreendido, ficando comprometida assim a ação da igreja. Porém, na experiência de Jesus e, também na de Bonhoeffer, a radicalidade da encarnação deixou marcas profundas na integralidade do humano e de suas relações sociais.²²²

Bonhoeffer compreendia perfeitamente o equilíbrio necessário entre a experiência de fé mística e aquela expressa na vida da comunidade, na qual se encontra Cristo, na vida do irmão. Entendia que sua vida era resultado de um encontro com Ele, que o impulsionava ao encontro do próximo, em sua carência e necessidade. Dizia que “uma vida em comunhão puramente espiritual não é apenas perigosa, mas também um fenômeno totalmente anormal”.²²³

Em seu momento de oração e meditação nas Sagradas Escrituras, em meados de agosto de 1939, durante sua viagem aos EUA, tem uma experiência mística com Deus, através das escrituras.²²⁴ Essa experiência foi tão forte que, mesmo sabendo do perigo que corria ao voltar para a Alemanha, ainda assim responde ao chamado do Mestre. Aqui se constata a dualidade: Oração X Ação!

“Poderíamos dizer, portanto que toda elaboração teológica de Dietrich Bonhoeffer foi gestada numa experiência do Deus que toca o humano e com ele se envolve, enviando-o em missão ao mundo”.²²⁵ Bonhoeffer valorizava seus momentos a sós com o Pai, quer em oração, meditação, ou em doar-se ao próximo, práticas constantes em sua vida, desde sua iniciação na fé cristã até seus últimos momentos em Flossenbürg.

Segundo Moltmann, a “espiritualidade quer dizer literalmente, uma vida no Espírito de Deus, um intenso convívio com o Espírito de Deus”.²²⁶ Para Bonhoeffer isso não só era verdade como uma necessidade para poder suportar e enfrentar as situações adversas, desde sua iniciação na teologia, passando pela renovação da igreja, o combate pela verdade do evangelho, culminando com seu martírio.

²²² ROCHA, Alessandro Rodrigues. *Práxis e Espiritualidade na Vida e Obra de Dietrich Bonhoeffer*. RHEMA, p. 55.

²²³ BONHOEFFER, Dietrich. *Vida em Comunhão*, p. 28.

²²⁴ Ler a página 34, na qual esta experiência é descrita em maiores detalhes.

²²⁵ ROCHA, Alessandro Rodrigues. *Práxis e Espiritualidade na Vida e Obra de Dietrich Bonhoeffer*. RHEMA, p. 57.

²²⁶ MOLTSMANN, Jürgen. *O espírito da vida: uma pneumatologia integral*, p.87.

Em *Sanctorum Communio*, Bonhoeffer lança as suas bases teóricas da comunhão cristã, dialogando com as ciências sociais para demonstrar a importância desta comunhão na vida da igreja e conseqüentemente do cristianismo. Mas é através das obras “*Discipulado*” e “*Vida em Comunhão*” que Bonhoeffer expressa suas experiências com seus alunos no Seminário de Finkenwalde. Da espiritualidade de Dietrich Bonhoeffer, expressa nas disciplinas espirituais ensinadas e praticadas com seus alunos, nascem os conceitos teológicos dessas duas obras.

Dava muito valor à igreja e via na comunhão entre os cristãos a forma de expressão da fé. Não conseguia ver um cristão que de fato passou pelo processo de conversão genuíno, que não desejasse estar junto com aqueles que professam a mesma fé. “A experiência radical da comunhão cristã pretendida por Bonhoeffer lança os cristãos para o centro da vida, onde Deus precisa ser reencontrado”.²²⁷ Acreditava que através da comunhão com os irmãos experimenta-se Deus. “Comunhão cristã é comunhão por meio de Jesus Cristo e em Jesus Cristo”.²²⁸

Com uma visão cristológica forte, Bonhoeffer via seu irmão a partir da pessoa de Cristo, e acreditava que somente através dele experimentaríamos a verdadeira comunhão. Entendia que a fraternidade cristã era uma experiência espiritual e não psíquica.²²⁹ Quando o cristão entende que sua relação de comunhão passa por Cristo:

[...] falará mais com Cristo sobre o irmão do que com o irmão sobre Cristo. Sabe que o caminho mais próximo ao irmão sempre passa através da oração a Cristo e que o amor ao outro depende totalmente da verdade em Cristo.²³⁰

A experiência de fé para Bonhoeffer, além de mística, e em meio à comunhão, poderia ser também vivida pelas experiências da vida. Em suas cartas da prisão, essa realidade é nitidamente ressaltada. Deus, o criador da vida, se manifesta através das dificuldades e nelas nos deparamos com Ele.

Ainda falando das experiências de Deus através do sofrimento, Dietrich Bonhoeffer realça que muitos se aproximaram de Jesus por verem um Cristo

²²⁷ ROCHA, Alessandro Rodrigues. *Práxis e Espiritualidade na Vida e Obra de Dietrich Bonhoeffer*. RHEMA, p. 58.

²²⁸ BONHOEFFER, Dietrich. *Vida em Comunhão*, p. 12.

²²⁹ BONHOEFFER, Dietrich. *Vida em Comunhão*, p. 17.

²³⁰ BONHOEFFER, Dietrich. *Vida em Comunhão*, p. 26.

sofredor, que se identificava com cada um deles. “A única coisa que todos têm em comum é a participação no sofrimento de Deus em Cristo. Isto é sua fé”.²³¹

Dentro dessa conceituação de fé, relacionando à religião Cristã, Bonhoeffer rejeita a metodologia religiosa e diz: “O ato religioso sempre é algo parcial, a fé é algo inteiro, um ato de vida. Jesus não conclama para uma nova religião, mas para a vida”.²³² Apesar de entender importância de reconhecer ao Senhor em todos os seus caminhos, Bonhoeffer reforça o conceito de que Deus deve ser o “centro gravitacional” de cada cristão.

Deus tem de ser conhecido não apenas nos limites de nossas possibilidades, mas no centro da vida; Deus quer ser conhecido na vida e não apenas na morte, na saúde e na força e não apenas no sofrimento, na ação e não apenas no pecado. A razão disso está na revelação de Deus em Jesus Cristo.²³³

Em uma de suas últimas cartas a seu amigo Eberhard Bethge, Bonhoeffer expressa em síntese sua formulação da experiência de Deus:

Certo é que sempre poderemos viver na proximidade e na presença de Deus e que, para nós, essa é uma vida totalmente nova; que para nós nada mais é impossível, porque para Deus nada é impossível; que nenhum poder terreno pode nos tocar sem a vontade de Deus e que o perigo e a aflição nos aproximam mais de Deus; certo é que não temos nada a reivindicar, mas podemos pedir tudo; certo é que no sofrimento esta oculta nossa alegria e na morte nossa vida; certo é que, nisso tudo, fazemos parte de uma comunidade que nos sustenta. A tudo isso Deus disse o seu “sim” e “amém” em Jesus. Este “sim” e “amém” são o chão firme que pisamos.²³⁴

Aqui vemos Dietrich Bonhoeffer afirmando que uma das formas pelas quais a experiência de fé se manifesta é através de um encontro místico com a presença de Deus, no qual nos deparamos com o Deus do impossível, onde tudo se torna acessível ao que crê. Mas também o encontramos através da vida, com seus sofrimentos e aflições, e obtemos da comunidade de crentes o sustento em nossa caminhada de fé. Para tudo isso, temos a bênção do próprio Deus.

²³¹ BONHOEFFER, Dietrich. *Resistência e Submissão*, p. 491.

²³² BONHOEFFER, Dietrich. *Resistência e Submissão*, p. 491.

²³³ BONHOEFFER, Dietrich. *Resistência e Submissão*, p. 415.

²³⁴ BONHOEFFER, Dietrich. *Resistência e Submissão*, p. 523.

4.3 EXPERIÊNCIA DE FÉ E SALVAÇÃO

Bonhoeffer acredita que a comunhão cristã se fundamentava unicamente na pessoa de Jesus Cristo e que é, portanto, uma realidade espiritual e não psíquica, conforme mencionado anteriormente. Porém, essa afirmação gera desdobramentos importantes. Por ser espiritual, a comunhão cristã se distingue das demais comunhões. Bonhoeffer difere a comunhão Pneumática (oriunda do Espírito) da comunhão anímica (que procede da alma). A Pneumática, gerada pelo Espírito Santo, “implanta Jesus Cristo em nossos corações como Senhor e Salvador”.²³⁵

Discutindo as consequências de cada comunhão, Dietrich Bonhoeffer afirma que:

Na primeira, o que liga é somente a palavra de Deus; na segunda, além da palavra, também a pessoa liga a si mesma. Naquela todo o poder, honra e domínio estão entregues ao Espírito Santo; nesta, são buscadas e cultivadas esferas de poder e influência pessoais, com certeza, na medida em que se trata de pessoas piedosas, na intenção de servir ao maior e melhor, mas, na verdade, para derrubar do trono o Espírito Santo e empurrá-lo para uma distância real.²³⁶

Seguindo esse conceito, Bonhoeffer trabalha a questão da salvação, na análise entre a conversão gerada pelo Espírito e a conversão “anímica”, resultado da submissão de uma alma a outra. A conversão anímica é muito semelhante à conversão autêntica no que se refere aos relacionamentos e atitudes, quer de uma única pessoa ou de uma comunidade inteira, que se fascinou pelo poder de uma outra pessoa.

Afirma, no entanto, que o que ocorreu de fato não foi uma conversão, mas uma alma agindo diretamente sobre outra:

“o forte venceu o fraco, a resistência do mais fraco cedeu sob a pressão da personalidade do outro. O fraco foi violentado, mas não foi convencido da coisa. Isso fica claro quando se exige dele um empenho pela causa, que precisa acontecer independente da pessoa à qual esta ligado, ou até em oposição a ela. Aqui a pessoa animicamente convertida fracassa, revelando que sua conversão não foi obra do Espírito Santo, mas de uma pessoa, e que por isso não subsiste.”²³⁷

²³⁵ BONHOEFFER, Dietrich. *Vida em Comunhão*, p. 21.

²³⁶ BONHOEFFER, Dietrich. *Vida em Comunhão*, p. 22.

²³⁷ BONHOEFFER, Dietrich. *Vida em Comunhão*, p. 23.

Para Bonhoeffer, a verdadeira conversão gera no discípulo um amor espiritual (diferentemente do anímico) que o remete sempre ao outro, que se comprovará, portanto, “pelo fato de que em tudo que diz ou fala recomendará o outro a Cristo”.²³⁸ “O amor anímico vive do desejo obscuro incontrolado e incontrolável; o amor espiritual vive na clareza do serviço ordenado através da verdade”.²³⁹ O amor anímico pode até se doar ao outro, mas para satisfazer seu próprio senso de justiça, portanto, esse não é um doar altruísta como o do amor espiritual.

Von Balthasar escreve sobre salvação de forma muito semelhante à de Bonhoeffer no que tange ao comprometimento do novo convertido unicamente com Cristo e não mais consigo próprio, afirmando que sua fé o impulsiona a desejar as coisas do Reino de Deus e não mais as suas:

Porque o cristão não deu o sim ao seu próprio e particular plano, mas sim ao sempre maior plano de Deus, o qual sempre parece diferente daquele que o homem imagina. Esta experiência do “diferente” revela se o crente pronunciou seu plano a Deus ou a si mesmo, se foi obediência de fé ou especulação pessoal, se vê o que vem é o reino de Deus ou o reino do homem.²⁴⁰

Quando Nicodemos interpela Jesus, entendendo que ele necessariamente teria que vir da parte de Deus, pois ninguém fazia o que ele fazia, recebe como resposta: “Em verdade em verdade vos digo que quem não nascer de novo, não pode ver o Reino de Deus” (Jo 3,3). Esta resposta mexeu com a cabeça racional do doutor da lei, “porventura voltarei ao ventre de minha mãe?”. Jesus, conhecendo sua forma de pensar, busca levá-lo a uma experiência espiritual, algo que não é possível através do processo de reflexão ou racionalização: “Precisa nascer da água e do Espírito” (experiência pneumática). Somente Deus, através do seu Espírito, pode fazê-lo nascer de novo.

A fé cristã não é apenas uma convicção, um sentimento, uma decisão, mas interfere tão profundamente na vida que temos que falar de um morrer e nascer de novo, em termos que correspondem à morte e ressurreição de Cristo.²⁴¹

²³⁸ BONHOEFFER, Dietrich. *Vida em Comunhão*, p. 26.

²³⁹ BONHOEFFER, Dietrich. *Vida em Comunhão*, p. 27.

²⁴⁰ BALTHASAR, Hans Urs Von. *Quem é Cristão*, p. 57.

²⁴¹ MOLTMANN, Jürgen. *A Fonte da Vida: O Espírito Santo e a Teologia da Vida*, p. 33.

Esta experiência mística²⁴² é traduzida por uma assimilação das verdades que antes eram apenas gerais, para verdades pessoais. A revelação do *Logos*, que antes era uma experiência intelectual, passa a ser uma inteligência “intuitiva e com a vontade de traduzi-las no plano prático da vida, sem o qual não há salvação.”²⁴³ João Batista chamou essa tradução para uma vida prática de frutos dignos de arrependimento (Mt 3,8). Essa experiência com o Espírito Santo acaba por ser tão transformadora, de uma experiência tão nova de nós mesmos, que precisamos falar do nascimento de uma nova vida.²⁴⁴

O Apóstolo Paulo, que tem um experiência mística de salvação a caminho de Damasco (At 9,1-9), escreve à igreja em Éfeso que salvação é “Graça, por meio da fé e que não vem de nós mesmos, mas é um dom gratuito de Deus, não de obras para que ninguém se glorie” (Ef 2,8) e que se completa com o texto de Romanos que diz: “pois todos pecaram e carecem da glória de Deus”(Rm 3,23).

Na verdade ele está descrevendo seu próprio encontro com Cristo e, conseqüentemente, com a sua Salvação: “O instante do novo nascimento é o instante eterno, o instante em que a eternidade toca o tempo, anulando sua transitoriedade. É o momento da eterna vitalidade”.²⁴⁵

Este Paulo, que mesmo não convivendo com o Jesus histórico, conhece-o através de uma experiência de fé e, a partir dela expressa sua fé tendo como horizonte a cruz e a ressurreição, lugar de morte e redenção, mas lugar de salvação e nova vida, ressurreta em Cristo. As palavras de Paulo em Gálatas 2,20 “já não sou mais eu quem vive, mas Cristo vive em mim” é expressão de uma experiência genuína de salvação.

Para Bonhoeffer, as palavras de Paulo em 1Co 13, em seu “poema do amor” descreve com exatidão a diferença entre uma vida que se doa ao próximo tendo como horizonte a cruz e a ressurreição (amor espiritual) daquele que o faz por si próprio (amor anímico): “E ainda que eu distribuísse toda a minha fortuna para o sustento dos pobres, e ainda entregasse o meu corpo para ser queimado, e não tivesse amor, nada disso me aproveitaria” (1 Co 13,3).

²⁴² No sentido helenístico significa colocar o homem em contato com a divindade, cf. Dicionário de mística, p. 399

²⁴³ ANCILLI, Ermanno. *Diccionario de Espiritualidad*, p. 87.

²⁴⁴ MOLTMANN, Jürgen. *A Fonte da Vida: O Espírito Santo e a Teologia da Vida*, p. 34.

²⁴⁵ MOLTMANN, Jürgen. *A Fonte da Vida: O Espírito Santo e a Teologia da Vida*, p. 36.

Dietrich Bonhoeffer afirma que “amor anímico ama a outra pessoa por amor a si próprio; o amor espiritual ama a outra pessoa por amor a Cristo”.²⁴⁶ O anímico deseja a comunhão do outro, mas não o serve, na verdade busca a comunhão para ser servido.

Para se viver neste lugar de resposta ao chamado do mestre, necessariamente o discípulo deve ter passado por um encontro genuíno com o Espírito Santo. O padre jesuíta Manoel Hurtado, referindo-se à fé de Inácio de Loyola e enfatizando a necessidade dessa experiência, afirma que:

a fé está profundamente ligada à experiência humana e nunca poderá abandoná-la. Ao contrário, a experiência humana será a garantia de nunca perder de vista o cerne da espiritualidade: o buscar e encontrar Deus em todas as coisas.²⁴⁷

Tal experiência ninguém pode fazer em nosso lugar, pois ninguém “confia ou acredita em nosso lugar! O itinerário deve ser nosso e de ninguém mais”.²⁴⁸ Com isso não se estão negando os sacramentos, na verdade cada sacramento é consequência da fé, é a expressão da fé sacramental.

Bonhoeffer acreditava no sacramento do batismo e entendia que é através do batismo que temos parte com Cristo em sua morte e ressurreição. É no batismo que respondemos ao chamado do Mestre, rompendo com o mundo e com as coisas que há no mundo, para servir em novidade de vida. Ali, passado e presente são separados e Cristo se coloca no meio deles, como nosso Mediador, pertencemos unicamente a Cristo e nos relacionamos com o mundo através de Cristo.

Mesmo no batismo de crianças, Bonhoeffer entendia que este precisava ser em meio a uma atmosfera de fé, inserido na vida da igreja e na igreja “viva”, e para isso adverte:

[...] isso significa que o Batismo SOMENTE pode ser realizado quando há garantias para a repetição MEMORIAL DA FÉ na obra salvífica consumada de uma vez por todas, o que vale dizer, numa Igreja viva. Batismo de crianças sem Igreja não é apenas um abuso do sacramento, mas também leviandade reprovável no trato com a salvação das almas das crianças, pois o Batismo continua sendo irrepitível.²⁴⁹ (Grifo nosso).

²⁴⁶ BONHOEFFER, Dietrich. *Vida em Comunhão*, p. 24.

²⁴⁷ HURTADO, Manoel. *Fé e Seguimento*, p. 17.

²⁴⁸ HURTADO, Manoel. *Fé e Seguimento*, p. 11.

²⁴⁹ BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*, p. 146.

O sacramento em si continua necessário, pois o sinal aponta para a essência, indica o itinerário da nossa fé. O homem moderno continua sacramental, não somente no seu aspecto religioso, mas de sua vida cotidiana. Um exemplo disso é quando Leonardo Boff, escrevendo sobre sacramentos e usando como exemplo o gaúcho, diz que o chimarrão passou a ter função sacramental, visto celebrar o encontro e a amizade.²⁵⁰ Porém, Boff critica o fato de que os sacramentos no âmbito religioso passaram a ser apenas rituais, desprovidos da essência para aquele que deles se alimenta.

Os atuais ritos pouco falam por si mesmos. Precisam ser explicados. Sinal que tem que ser explicado não é sinal. O que deve ser explicado não é o sinal mas o Mistério contido no sinal. Por causa desta mumificação ritual, o homem secularizado suspeita do universo sacramental cristão.²⁵¹

Portanto, a salvação nasce de uma experiência de fé, e segue seu itinerário rumo à vida eterna, em uma jornada de fé. Afinal, o “justo viverá da fé” (Rm 1,17) e “sem fé, é impossível agradar a Deus (He 11,6).

4.4 EXPERIÊNCIA DE FÉ E MARTÍRIO

Muito se discute sobre a morte de Bonhoeffer ter sido de fato martírio ou se foi simplesmente o enforcamento de mais um preso político entre tantos do governo nazista de Hitler. Mesmo sendo preso, por conspirar contra o governo vigente, Bonhoeffer o fazia em decorrência de sua fé. Por acreditar que Cristo veio para trazer liberdade para cada um daqueles que nele cresse, o regime nazista era na verdade uma proposta anticristã e deveria ser combatido pelo bem da igreja e da preservação do evangelho genuíno.

Por amor a essa liberdade e por querer vê-la expressa na igreja confessante, Bonhoeffer se lança em uma jornada de vida, disposto a dar tudo, realmente tudo. Sua fé em Deus e sua crença nas Sagradas Escrituras o levam a lutar pela liberdade conquistada por Cristo, até as últimas consequências: Rocha afirma que “fica claro, portanto, que a adesão de Dietrich Bonhoeffer à resistência

²⁵⁰ BOFF, Leonardo. *Os Sacramentos da Vida e a Vida dos Sacramentos*, p. 11.

²⁵¹ BOFF, Leonardo. *Os Sacramentos da Vida e a Vida dos Sacramentos*, p. 10.

nasce dos grotões da espiritualidade, que vê na ameaça à comunhão cristã uma ameaça à existência do próprio cristianismo”.²⁵²

Bonhoeffer concluiu, portanto, que “a resistência não era apenas uma opção legítima para a igreja, mas um *status confessionis*”,²⁵³ era exigido por parte da igreja um posicionamento firme, para que sua integridade confessional fosse preservada. Questionado por um colega de prisão em Tegel sobre sua participação na resistência, Dietrich Bonhoeffer responde que: “Ele, como pastor, não tinha apenas a obrigação de consolar as vítimas de um homem enlouquecido dirigindo em toda a velocidade em uma rua cheia de gente, mas que deveria tentar pará-lo”.²⁵⁴

Quando falamos em martírio, estamos resumindo a uma “interpretação teológica da vida de alguém”,²⁵⁵ é uma leitura a partir da comparação entre teologia e ética. A morte do mártir pode ser vista como seu último ato ético, assim o martírio pode ser descrito como sendo um pós-escrito que ratifica a continuidade da crença e do comportamento ainda em vida daquele que foi martirizado.²⁵⁶

Para Slaine,²⁵⁷ o mártir cristão está apenas preocupado em manter-se fiel e transparente a Cristo, característica essa vivida intensamente por Dietrich Bonhoeffer enquanto em vida e ratificada em sua morte. Em outras palavras, o ato da morte não pode ser visto como isolado em si, mas como a “última nota de uma melodia ou estrofe final de um soneto”.²⁵⁸

A morte, dentro de um contexto cristão, está relacionada à morte de Cristo, o primogênito dos mortos (Ap 1,5). Assim, o martírio é a identificação do cristão com seu mestre e, portanto, “a própria essência do que pode ser chamado de uma morte cristã”.²⁵⁹ Com isso não estamos afirmando que o martírio é a única forma cristã de morte, mas que nela encontramos uma identificação inicial de nossa fé cristã. A Morte foi vencida por Cristo para que nós também a pudéssemos vencer!

Em um sermão, enquanto ainda pastor em Londres, Bonhoeffer, referindo-se à morte, disse: “se a nossa fé não a transformar, a morte é o inferno, é a noite e o frio. Mas justamente isso que é maravilhoso, o fato de podermos transformar a

²⁵² ROCHA, Alessandro Rodrigues. *Práxis e Espiritualidade na Vida e Obra de Dietrich Bonhoeffer*. RHEMA, p. 58.

²⁵³ FERREIRA, Franklin. *A Igreja Confessional Alemã e a “Disputa Pela Igreja”*, p. 28.

²⁵⁴ MILSTEIN, Werner. *Dietrich Bonhoeffer: Vida e Pensamento*, p. 82.

²⁵⁵ SLAINE, Craig. *Bonhoeffer, o mártir: Responsabilidade social e compromisso cristão moderno*, p. 183.

²⁵⁶ SLAINE, Craig. *Bonhoeffer, o mártir: Responsabilidade social e compromisso cristão moderno*, p. 184.

²⁵⁷ SLAINE, Craig. *Bonhoeffer, o mártir: Responsabilidade social e compromisso cristão moderno*, p. 185.

²⁵⁸ SLAINE, Craig. *Bonhoeffer, o mártir: Responsabilidade social e compromisso cristão moderno*, p. 185.

²⁵⁹ SLAINE, Craig. *Bonhoeffer, o mártir: Responsabilidade social e compromisso cristão moderno*, p. 213.

morte”.²⁶⁰ A visão de liberdade com que Bonhoeffer abordava a morte, seu amor ao próximo e seu desejo de ter a Cristo em toda a sua plenitude, levam-no a se colocar no altar de sacrifício, para ser consumido pelo fogo consumidor.²⁶¹

O fato de se entregar submisso à vontade de Deus o levaria ao encontro tão desejado.

[...] o feito de oferecer, por meio da submissão final de Deus, um pouco de tempo e espaço no qual o que está normalmente oculto aos olhos possa ser visto na superfície: Jesus é Senhor de tudo.²⁶²

A teologia de Bonhoeffer, ensinada e vivida em Finkenwalde por seus alunos e registrada em suas obras *“Discipulado”* e *“Vida em Comunhão”*, juntamente com o seu martírio, são expressões de fé que caminham juntas. Segundo Slane, foi em Finkenwalde que Bonhoeffer firmou seus pensamentos sobre morte e martírio e dali extraiu coragem para se submeter completamente a Deus, arriscando-se em favor dos outros.²⁶³ Foi também em Finkenwalde que a espiritualidade de Bonhoeffer ficou conhecida, explicitando, portanto, a importância de sua experiência de fé para cumprir seu chamamento em direção ao martírio.

Além disso, vemos em sua carta a Bethge a revelação de sua luta pessoal para descobrir os limites entre a resistência ao “destino” e a “igualmente necessária submissão”.²⁶⁴ A linha tênue que separava o militante na resistência, lutando pela liberdade Cristã, pela sobrevivência da fé genuína e se sua própria e da sua submissão a vontade divina, se entregando ao destino traçado pelo próprio Deus. cremos que Bonhoeffer soube discernir muito bem essa linha, lutando o tempo que pode e se entregando na hora certa, sabendo que como o Apóstolo Paulo, havia combatido o bom combate, completado a carreira e guardado a fé (2Tm 4,7).

Assim como a vida de Dietrich Bonhoeffer foi marcada por uma espiritualidade intensa, sua morte reflete suas crenças e precisa ser vista à luz de suas experiências de Fé. Durante toda sua vida ministerial, quer nas universidades ou no seminário de Finkenwalde, ou ainda na prisão de Tegel, Bonhoeffer buscou encontrar-se com Jesus, quer através de sua espiritualidade, quer na vida de seus

²⁶⁰ BONHOEFFER, Dietrich. *Dietrich Bonhoeffer Works*, vol.13, p. 331 apud METAXAS, Eric. *Bonhoeffer: Pastor, Mártir, Profeta, Espião*, p. 572.

²⁶¹ He 12,29 refere-se a pessoa de Deus como fogo consumidor.

²⁶² SLAINE, Craig. *Bonhoeffer, o mártir: Responsabilidade social e compromisso cristão moderno*, p. 321.

²⁶³ SLAINE, Craig. *Bonhoeffer, o mártir: Responsabilidade social e compromisso cristão moderno*, p. 356.

²⁶⁴ BONHOEFFER, Dietrich. *Resistência e Submissão*, p. 306.

irmãos aos quais se doava intensamente, ou mesmo em uma vida de sofrimento, identificando-se com seu mestre.

Escrevendo sobre o martírio dos primeiros cristãos, identifica neles a manifestação de Cristo e o prazer maior de finalmente poder vê-lo como Ele realmente é. A perfeita comunhão com seu Mestre passou a ser alcançada finalmente através da morte:

Os relatos sobre os primeiros mártires da Igreja testemunham que Cristo transfigura para os seus o momento extremo do suplício com a certeza indescritível de sua proximidade e comunhão. Assim, nos tormentos mais atrozos sofridos por amor a Cristo, os mártires experimentaram a máxima alegria e bem-aventurança da comunhão com o seu Senhor.²⁶⁵

Portanto, em sua morte, Bonhoeffer tinha a esperança de chegar neste lugar pleno de comunhão com Cristo. Tudo aquilo que escreveu, pregou, compartilhou ao longo de toda sua vida, poderia ser finalmente vivenciado em toda sua plenitude. Em seu poema “Estações no caminho para a liberdade”, descreve o advento da morte:

Vem, pois, sublime festival no caminho para a liberdade eterna,
Morte, derruba os incômodos grilhões e muros
De nosso corpo mortal e nossa alma obcecada,
Para que vejamos, afinal, o que aqui não nos foi permitido vislumbrar.
Liberdade, procuramos-te muito na disciplina, na ação e no sofrimento;
Morrendo reconhecemos, no semblante de Deus, a ti mesma.²⁶⁶

Convidado a deixar sua cela, pela última vez diz: “para mim chegou o fim, mas é também o início”.²⁶⁷ Os que acompanharam seus últimos minutos de vida se impressionaram com sua tranquilidade e entrega. O médico do campo de concentração de Flossenbürg disse: “Nos quase cinquenta anos que trabalhei como médico, raramente vi um homem morrer tão inteiramente submisso à vontade de Deus”.²⁶⁸ Com esse espírito, Bonhoeffer vai para a casa do Pai.

4.5 BONHOEFFER E O PENTECOSTALISMO BRASILEIRO

O pentecostalismo no Brasil já é um movimento centenário. Com uma forte ênfase na pneumatologia, nasce no final de 1910, com a chegada de dois

²⁶⁵ BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*, p. 48.

²⁶⁶ BONHOEFFER, Dietrich. *Resistência e Submissão*, p. 522.

²⁶⁷ MILSTEIN, Werner. *Dietrich Bonhoeffer: Vida e Pensamento*, p.97.

²⁶⁸ BETHGE, Eberhard, *Dietrich Bonhoeffer: A Biography*, p. 927-928 apud METAXAS, Eric. *Bonhoeffer: Pastor, Mártir, Profeta, Espião*, p. 572.

missionários suecos, Gunnar Vingren e Daniel Berg, que aportaram em Belém do Pará, com uma mensagem forte do evangelho e a manifestação do “falar em línguas”, ou glossolalia.²⁶⁹ Depois de serem influenciados pelo chamado “avivamento da Rua Azuza”,²⁷⁰ chegam ao Brasil na expectativa de ver a manifestação do Espírito de Deus. Nasce, portanto, em 1911, a Igreja Assembléia de Deus no Brasil. Um ano antes, também sob da influência do mesmo despertamento americano, é fundada a Congregação Cristã no Brasil, outra denominação também pentecostal.²⁷¹ São essas duas denominações as grandes no meio pentecostal até a metade do século XX.²⁷²

Com o passar do tempo, outras denominações pentecostais começaram a surgir, como a Igreja do Evangelho Quadrangular (1951), a Igreja pentecostal o Brasil para Cristo (1955) e a Igreja Pentecostal Deus é Amor (1961).²⁷³ Todas nascem com grande ênfase ao “falar em línguas estranhas” como manifestação do batismo no Espírito Santo e a manifestação da presença de Deus nos cultos, através de curas e milagres, além do êxtase espiritual na vida de cada participante. Portanto, a supervalorização da experiência de fé se tornou uma consequência natural para todo o crente.

Moltmann se referindo à experiência da glossolalia diz:

Considero o falar em línguas uma ação tão intensa do Espírito no íntimo da pessoa que a expressão se desprende da linguagem inteligível e desta em gemidos, gritos e fala ininteligível, assim como uma dor intensa se expressa num choro contido ou uma alegria desmedida em risos, saltos e danças.²⁷⁴

Para Moltmann, a cura carismática dos enfermos, por exemplo, é o testemunho mais importante da ininterrupção do reino de Deus.²⁷⁵ No contexto da fé, essas curas são sinais do novo nascimento, pois pela fé o Espírito de Deus é experimentado, o mesmo Espírito que ressuscitou a Jesus dentre os mortos.

²⁶⁹ CESAR, Waldo. *Pentecostalismo e Futuro das Igrejas Cristãs*, p.119.

²⁷⁰ Azuza Street Revival, foi um despertamento espiritual que tocou o mundo, liderado por um pastor negro William Seymour a partir de 1906 em Los Angeles/EUA, e ficou conhecido mundialmente pelo seu endereço, a Rua Azuza cf. CESAR, Waldo. *Pentecostalismo e Futuro das Igrejas Cristãs*, p. 20.

²⁷¹ CESAR, Waldo. *Pentecostalismo e Futuro das Igrejas Cristãs*, p. 19.

²⁷² CÉSAR, Elben M. Lenz. *História da Evangelização do Brasil: dos Jesuítas aos Neopentecostais*, p. 129.

²⁷³ CÉSAR, Elben M. Lenz. *História da Evangelização do Brasil: dos Jesuítas aos Neopentecostais*, p. 129.

²⁷⁴ MOLTSMANN, Jürgen. *A Fonte da Vida: O Espírito Santo e a Teologia da Vida*, p. 68.

²⁷⁵ MOLTSMANN, Jürgen. *A Fonte da Vida: O Espírito Santo e a Teologia da Vida*, p. 71.

Não é normal para o cristão não querer o que é impossível. Está gravado em nosso DNA espiritual desejar ardentemente que tudo que, ao nosso redor, é considerado impossível, se dobre ao nome de Jesus.²⁷⁶

As experiências de fé genuínas com o Espírito Santo agregaram força e coragem para cada crente, sendo salutar e necessária. Porém, muitas igrejas pentecostais, no decurso de seus ministérios, passaram a adotar regras que escravizavam seus membros. A Igreja Pentecostal Deus é amor, talvez a mais rígida de todas, tem em seu regimento interno regras como: homem não poder usar roupa vermelha, mulher não pode tomar anticoncepcional, nem usar salto alto, ninguém pode jogar cartas, não podem participar de brincadeiras de amigo secreto, nem é permitido estudar teologia.²⁷⁷ Em outras denominações pentecostais menos rígidas, as regras ainda assim existiam, as mulheres não podiam cortar o cabelo, ou usar calça comprida, os homens não podiam ter barba, apenas bigode e não podiam usar bermudas, pois tudo isso era pecado. Até pouco tempo atrás, para a maioria das igrejas pentecostais, ter televisão em casa era pecado.

O que foi chamado posteriormente de “Usos e Costumes” ou “Doutrina” passou a ser fator fundamental para muitas igrejas pentecostais. A “Doutrina” significava basicamente a sacralização de preceitos humanos, gerando uma escravidão à religião. Atualmente, muitas igrejas Assembléia de Deus já não vivem desta forma e os chamados “Usos e Costumes” já não fazem mais parte de sua tradição de fé. Porém, algumas igrejas, em represália àquelas que os aboliram, rotulando-as de igrejas modernas onde o “pecado do mundo moderno” adentrou a suas portas, em uma ação de retrocesso, agregaram em seu nome a palavra “Conservadora”, fazendo alusão de que ainda conservam “o fundamento do verdadeiro evangelho sacrificial de Jesus”.

Com a evolução social, surgem em contrapartida, como movimento pós-pentecostalismo, os neo-pentecostais, tendo na IURD, Igreja Universal do Reino de Deus, seu maior expoente. Acreditando no mesmo mover espiritual dos pentecostais, os neo-pentecostais aparecem com uma proposta de rompimento com “o rígido moralismo do pentecostalismo tradicional”,²⁷⁸ porém, dão uma grande ênfase na chamada “Teologia da Prosperidade”.²⁷⁹ Acreditam que Deus existe para

²⁷⁶ JOHNSON, Bill. *When Heaven Invades Earth*, p. 25.

²⁷⁷ CÉSAR, Elben M. Lenz. *História da Evangelização do Brasil: dos Jesuítas aos Neopentecostais*, p. 141.

²⁷⁸ CESAR, Waldo. *Pentecostalismo e Futuro das Igrejas Cristãs*, p. 250.

²⁷⁹ CÉSAR, Elben M. Lenz. *História da Evangelização do Brasil: dos Jesuítas aos Neopentecostais*, p. 150.

livrar o homem de seus problemas e fazê-los prosperar financeiramente. Trata-se, aparentemente, de uma proposta de liberdade, mas que escraviza, na qual “a vida cristã é reduzida à escravidão de dizimar e ofertar dinheiro em “troca” de bênçãos”.²⁸⁰

A forte ênfase financeira e, portanto, debaixo da influência do espírito do capitalismo, gera em seus seguidores a idolatria do consumo e a individualização do ser, perdendo o conceito de vida em comunhão e passando a valorização do eu, ao invés do outro. Criam-se, assim, cristãos materialistas e mundanos.

Ora crer nessa nefasta Teologia que transforma a oferta em instrumento não de gratidão, adoração e construção do Reino de Deus, mas de longa vida e privilégios materiais, é deturpar gravemente, em plena consciência ou não, o verdadeiro culto e o verdadeiro evangelho.²⁸¹

Assim, a teologia apresentada por Dietrich Bonhoeffer pode e deve ser apresentada como possível resposta a essas variáveis. Para Bonhoeffer, a igreja era apresentada como a vida em comunidade, lugar de se ter vida abundante e de se experimentar a comunhão dos irmãos, onde habita a bênção do Senhor (SI 133,1-3). Assim, Dietrich Bonhoeffer rechaça a ideia do cristão individual e redime o eu, através do nós, em Cristo.²⁸²

Depois de ler duas vezes e meia o Velho Testamento, enquanto estava na prisão de Tegel, escrevendo sobre sua visão de um cristianismo arreligioso, significando principalmente, “a forma que a igreja, com suas estruturas e ritos, deveria assumir concreta e visivelmente num mundo arreligioso”,²⁸³ Bonhoeffer diz ao seu amigo Bethge: “Certamente não sairei daqui como *homo religiosus*! Muito pelo contrário, aqui a minha desconfiança e o meu medo da “religiosidade” ficaram maiores do que nunca”.²⁸⁴

Ele entendia que a expressão da fé da igreja precisava ser viva e não apenas voltada a ritos ou normas. Cremos que a contribuição da teologia de Bonhoeffer para a igreja pentecostal no que tange a ritos, normas e vivência da fé é de grande relevância. Mesmo sendo uma igreja que preza pela experiência de fé, que nasceu da vivência de suas experiências espirituais com o Espírito de Deus,

²⁸⁰ CALDAS, Carlos. Bonhoeffer no Brasil. *Revista Caminhando*, p. 135.

²⁸¹ CÉSAR, Elben M. Lenz. *História da Evangelização do Brasil: dos Jesuítas aos Neopentecostais*, p. 150.

²⁸² CALDAS, Carlos. Bonhoeffer no Brasil. *Revista Caminhando*, p. 135.

²⁸³ BARCALA, Martin. *Cristianismo Arreligioso: Uma Introdução à Cristologia de Dietrich Bonhoeffer*, p. 111.

²⁸⁴ BONHOEFFER, Dietrich. *Resistência e Submissão*, p. 184.

necessita caminhar a passos largos para entender o que isso significa, “onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade” (2 Co 3,17).

Outro ponto que Bonhoeffer pode contribuir para com a igreja pentecostal e neo-pentecostal brasileira é em relação à “Teologia da Escravidão”. Tanto para os pentecostais, com seus “usos e costumes”, como aos neo-pentecostais, com suas normas e preceitos relacionados a necessidades de contribuir financeiramente sempre para poder “alcançar” a bênção de Deus, em uma clara versão moderna das indulgências da idade média,²⁸⁵ gera sobre as pessoas uma Teologia da Escravidão. A teologia de Bonhoeffer, ao contrário, busca colocar o discípulo em seu lugar de liberdade e para isso entregou sua vida, como mencionado no tópico anterior.

Algo característico das igrejas neo-pentecostais é a falta de um discipulado mais intenso e verdadeiro. A importância dada apenas à presença da pessoa no culto e da sistemática contribuição financeira tem “roubado” do crente o experimentar do verdadeiro discipulado. A cultura capitalista de consumo tem transformado o crente em um cliente, a igreja em um fornecedor, e o produto a ser consumido é a fé. Enquanto as necessidades estão sendo supridas, enquanto a satisfação do cliente está presente, presente também está a resposta desse crente aos pedidos da igreja. Bonhoeffer chamava isso de graça barata, que justificava o pecado mas não o pecador,²⁸⁶ que “é a pregação do perdão sem arrependimento, é o batismo sem disciplina comunitária, é a Ceia do Senhor sem confissão de pecados”.²⁸⁷

No discipulado, o verdadeiro discípulo se entrega em prol do outro, assim como Bonhoeffer lutou contra uma igreja que se acomodou ao Nazismo, assim suas palavras ecoam ainda hoje, sobre uma igreja que se rendeu ao espírito do capitalismo: “Tantos anos passados, no Brasil, tão distante geográfica e culturalmente da Alemanha de Bonhoeffer, é possível usar sua *Nachfolge* como uma crítica profética a uma igreja que se acomodou ao espírito do capitalismo”.²⁸⁸

Bonhoeffer lutou contra a idolatria do homem, acreditando que nada e ninguém poderia ocupar o lugar de Deus. “É chegado o tempo no Brasil de usar a

²⁸⁵ CALDAS, Carlos. Bonhoeffer no Brasil. *Revista Caminhando*, p. 135.

²⁸⁶ BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*, p. 9.

²⁸⁷ BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*, p. 10.

²⁸⁸ CALDAS, Carlos. Bonhoeffer no Brasil. *Revista Caminhando*, p. 136.

teologia de Bonhoeffer como uma testemunha contra a idolatria – idolatria do dinheiro e dos valores do capitalismo”.²⁸⁹

Outro fator importante ressaltado nas igrejas neo-pentecostais é a ênfase em uma vida de vitória, dado que para os neo-pentecostais o sofrimento precisa ser combatido. Na Igreja Universal do Reino de Deus, a IURD, tem como seu mote “Pare de Sofrer”. Para Bonhoeffer, discípulo é aquele que carrega a cruz de Cristo e que encontra no sofrimento o próprio Deus, como já mencionado anteriormente. Essa teologia neo-pentecostal leva a pessoa a desenvolver confiança em Deus, mas não seguimento de Cristo.

Bruno Forte, analisando a teologia do sofrimento de Bonhoeffer, sustenta que:

O Deus sofredor nada tem a ver com o Deus ideológico, “tapa buracos” das carências humanas... o Deus sofredor é a boa nova que nos livra de toda forma “religiosa”, de todo cativo ideológico do divino, feito a nossa imagem e semelhança: “Aqui está a decisiva diferença em relação às demais religiões.”²⁹⁰

Em sua obra “*Discipulado*”, falando sobre os primeiros mártires da igreja cristã, Bonhoeffer afirma que “suportar a cruz se lhes revelou como a única maneira de triunfar sobre o sofrimento. Isto, porém, aplica-se a todos quantos seguem a Cristo, porque foi igualmente válido para ele”.²⁹¹

Com isso, não se está fazendo apologia ao sofrimento, como que se a dor fosse a característica principal do verdadeiro discípulo. Evangelho não se resume apenas em cada um carregar a sua cruz, mas evangelho sem cruz, não é evangelho. A ênfase na experiência de fé, gênese do movimento pentecostal no Brasil, não deve ser abandonada, porém o retorno ao verdadeiro evangelho, a valorização do conceito fundamental da reforma, a *sola scriptura*, é questão prioritária para a igreja brasileira.

4.6 A TEOLOGIA, A EXPERIÊNCIA DE FÉ E O SEGUIMENTO DE CRISTO

A necessidade de se criar uma ponte entre a divisão histórica da teologia e da espiritualidade é urgente. Afirmando a unidade de ambas, afirma-se que “as

²⁸⁹ CALDAS, Carlos. Bonhoeffer no Brasil. *Revista Caminhando*, p. 136.

²⁹⁰ FORTE, Bruno. *À Escuta do Outro: filosofia e revelação*, p. 155.

²⁹¹ BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*, p. 48.

tentativas de falar sobre a doutrina cristã de Deus não podem ser separadas da fé cristã e vivência espiritual”.²⁹²

Ao se falar de oração, ou de revelação, na verdade se está falando do próprio Deus. “Em outras palavras, a questão que é razão de qualquer teoria ou práticas teológicas é uma questão de Deus”.²⁹³ Nossas tentativas de falar sobre Deus (teologia), e nossos esforços para viver o que pregamos (espiritualidade), não podem ser separados. “Uma teologia viva está sempre fundamentada na vivência espiritual”.²⁹⁴

Entretanto, os argumentos intelectuais, nascidos no Iluminismo e que permeiam até hoje os círculos teológicos, quando deparados com as noções de “vivência”, “prática” ou “aplicação”, ainda geram um certo desconforto.²⁹⁵ O medo da subjetividade acrítica por parte dos intelectuais conflita com a desconfiança da teoria teológica por parte dos adeptos da espiritualidade.

Na verdade, teologia e prática são dois lados de uma mesma moeda e não podem existir desconexos. O teólogo Karl Barth explicita essa conexão quando escreve:

É evidente que também a teologia evangélica, sendo ciência modesta, livre, crítica e alegre, só poderá ser possível e real dentro do campo de força do Espírito – como sendo teologia pneumática. Só poderá existir, se tiver a coragem de **CRER**, confiante, que o Espírito é a verdade – que ele levanta a pergunta pela verdade e que simultaneamente responde.²⁹⁶ (Grifo nosso).

O caráter pneumatológico da teologia, destacado por Barth, leva-nos a uma compreensão de que espiritualidade difere da interiorização. Com o advento da modernidade, questiona-se a validade da forma de se falar em Deus e afirma-se erroneamente que “Deus” é meramente a palavra que usamos para descrever o nível mais profundo de valores dentro de nós mesmos”,²⁹⁷ isto é interiorização e não espiritualidade. Na verdade, espiritualidade é a experiência espiritual com o próprio Espírito de Deus, e a teologia originada dela é uma teologia recebida desse Espírito. Barth segue conceituando e afirma que:

²⁹² SHELDRAKE, Philip. *Espiritualidade e Teologia: Vida Cristã e Fé Trinitária*, p. 7.

²⁹³ SHELDRAKE, Philip. *Espiritualidade e Teologia: Vida Cristã e Fé Trinitária*, p. 15.

²⁹⁴ SHELDRAKE, Philip. *Espiritualidade e Teologia: Vida Cristã e Fé Trinitária*, p. 15.

²⁹⁵ SHELDRAKE, Philip. *Espiritualidade e Teologia: Vida Cristã e Fé Trinitária*, p. 15.

²⁹⁶ BARTH, Karl. *Introdução à teologia Evangélica*, p. 45.

²⁹⁷ SHELDRAKE, Philip. *Espiritualidade e Teologia: Vida Cristã e Fé Trinitária*, p. 18.

Uma teologia não originada no Espírito (venha ela a manifestar-se em púlpitos, cátedras, em produções literárias, ou em discussões levantadas por teólogos velhos ou jovens) seria um dos fenômenos mais horríveis que possam existir na terra: Comparada com tal teologia, as produções dos piores autores políticos, os piores romances e filmes, e até a bagunça noturna dos jovens transviados seriam fenômenos menos graves.²⁹⁸

Assim, a teologia como um todo, não somente a espiritualidade, é prática e deve, portanto, ser praticada.²⁹⁹ “A implicação disso é que fazer teologia significa ser uma pessoa teológica, e não apenas usar ferramentas teológicas”.³⁰⁰ O ponto a ser trabalhado é o fato de que a teologia não deve oferecer apenas alguma tentativa de conhecimento da presença de Deus, mas sim, um conhecimento que estimule a prática dessa presença.³⁰¹ O título de teólogo reflete o objeto de estudo do teólogo, tendo no próprio Deus, seu objetivo final.

O objeto do labor teológico não vem a ser “algo” nem “Algo superior absoluto” (e seja o fundamento do ser ou coisa que o valha) – é antes “Alguém” – não “uma coisa” – mas “Ele”, o Uno, que existe, não qual “ser em si”, passivo e mudo, mas que se revela em sua obra, que como tal é também a sua palavra.³⁰²

“A palavra da fé é determinada, a montante, pela experiência da fé. É, pois, desta que a teologia fontalmente se nutre”.³⁰³ Para Clodovis Boff, a tradição teológica no Oriente nunca se afastou de uma ligação viva entre a vida espiritual e a liturgia, pressupondo que para eles “a teologia é mística ou espiritual ou não é nada”³⁰⁴; “é ou supõe contemplação e eucaristia”.³⁰⁵ Para a Igreja ortodoxa, de tradição oriental, “não se distingue entre mística e Teologia, entre experiência pessoal dos mistérios e dogmas eclesiais”.³⁰⁶

Já no Ocidente, sem perder totalmente o foco da introspecção e meditação, afirma que “houve, contudo, na teologia uma deriva grave para o lado do intelectualismo esterilizante”.³⁰⁷ Afirma ainda que “a primeira posição do teólogo é de joelhos. Só uma “teologia genuflexa” obtém do Espírito o dom de uma mente

²⁹⁸ SHELDRAKE, Philip. *Espiritualidade e Teologia: Vida Cristã e Fé Trinitária*, p. 18.

²⁹⁹ SHELDRAKE, Philip. *Espiritualidade e Teologia: Vida Cristã e Fé Trinitária*, p. 37.

³⁰⁰ SHELDRAKE, Philip. *Espiritualidade e Teologia: Vida Cristã e Fé Trinitária*, p. 37.

³⁰¹ SHELDRAKE, Philip. *Espiritualidade e Teologia: Vida Cristã e Fé Trinitária*, p. 120.

³⁰² BARTH, Karl. *Introdução à teologia Evangélica*, p. 128.

³⁰³ BOFF, Clodovis. *Teoria do Método Teológico*, p. 151.

³⁰⁴ BOFF, Clodovis. *Teoria do Método Teológico*, p. 135.

³⁰⁵ BOFF, Clodovis. *Teoria do Método Teológico*, p. 151.

³⁰⁶ ZILLES, Urbano. *Desafios Atuais para a Teologia*, p. 72.

³⁰⁷ BOFF, Clodovis. *Teoria do Método Teológico*, p. 151.

iluminada: inteligência, sabedoria, ciência e conselho, que iluminarão em seguida todo o seu labor teológico”.³⁰⁸ Barth, afirma que:

A oração tem início com o movimento, através do qual o homem se põe a procura de nova clareza quanto ao fato de que é Deus quem governa... Com esse movimento consciente, pelo qual a oração inicia, poderá e deverá iniciar o labor teológico.³⁰⁹

Este movimento de oração leva o teólogo a se afastar de si mesmo e se encontrar na presença de Deus, o qual se revela em sua obra e em sua palavra como Senhor e Salvador.³¹⁰ Portanto, “por trás da teologia há um encontro espiritual com Deus”.³¹¹ Assim, a tarefa do teólogo é ouvir a esse Uno, e “com isso terá de aprender e de proclamar, antes de tudo que a palavra deste Uno, não é nenhum anúncio neutro, mas que é o fato crítico da história, da relação entre Deus e os homens”.³¹²

A Experiência de fé, do discípulo, torna-se necessária, visto estarmos nos relacionando com um Deus sobrenatural e que deseja se manifestar a seus filhos. Assim, “o teólogo para ser teólogo em profundidade deve ativamente, como o Discípulo amado, reclinar a cabeça no seio de Jesus”.³¹³ Clodovis Boff, citando S. Bernardo, um teólogo ocidental, em uma carta destinada a S. Tomás de Aquino, diz: “Não convém a essa teologia a leitura, mas a unção; os livros (*litterge*), mas o Espírito; a erudição, mas a prática dos mandamentos do Senhor”.³¹⁴

A Teologia, juntamente com a experiência de fé, ajustará a caminhada do discípulo, preparando-o para cada vez mais se assemelhar ao seu mestre. “Fica, portanto, claro que a teologia, para ser boa, não basta ser inteligente. Ela tem que exalar o bom perfume de Cristo”.³¹⁵ Para Sheldrake, a teologia e a espiritualidade ocidentais, estão prestes a superar o divórcio originado no final da idade Média e reforçado pelo Iluminismo. Nos últimos anos, viu-se um avançar a uma conversação entre teologia e espiritualidade, algo salutar para ambas. “A Teologia como um todo tem sido cada vez mais capaz de reconhecer suas raízes na experiência

³⁰⁸ BOFF, Clodovis. *Teoria do Método Teológico*, p. 151.

³⁰⁹ BARTH, Karl. *Introdução à teologia Evangélica*, p. 128.

³¹⁰ BARTH, Karl. *Introdução à teologia Evangélica*, p. 127.

³¹¹ BOFF, Clodovis. *Teoria do Método Teológico*, p. 134.

³¹² BARTH, Karl. *Introdução à teologia Evangélica*, p. 128.

³¹³ BOFF, Clodovis. *Teoria do Método Teológico*, p. 136.

³¹⁴ BOFF, Clodovis. *Teoria do Método Teológico*, p. 138.

³¹⁵ BOFF, Clodovis. *Teoria do Método Teológico*, p. 150.

humana”.³¹⁶ Da mesma forma a espiritualidade tem reconhecido que não é uma área de estudo desprovida de teologia, mas dependente dela.

Em Bonhoeffer, a experiência de fé com Cristo o levava não apenas a ouvir e aceitar de coração a mensagem do Mestre, mas entendia que este Cristo, que encarnou em ser humano, precisa de pessoas que o sigam.³¹⁷ Esse Cristo está presente hoje em sua igreja e, portanto, a resposta que se dá ao chamamento e a forma como nos relacionamos com isso influenciam diretamente na qualidade de nosso seguimento. Bonhoeffer viveu, escreveu, experimentou e morreu, por todos esses conceitos apresentados aqui, servindo de inspiração a cada um de nós.

³¹⁶ SHELDRAKE, Philip. *Espiritualidade e Teologia: Vida Cristã e Fé Trinitária*, p. 122.

³¹⁷ HAMMES, Érico. *Cristologia e Seguimento em Dietrich Bonhoeffer*. *Revista TeoComunicação*, p. 500.

5 CONCLUSÃO

Desde o livro de Gêneses, passando pela construção do tabernáculo de Moisés, o qual foi construído com o propósito de Deus habitar no meio do seu povo (Ex 25,8), até culminar com a encarnação do Verbo, do Emanuel, Deus conosco, é demonstrado o desejo de Deus de se relacionar com seus filhos. O Cristianismo não é uma religião que nasce da filosofia, da racionalização, ou mesmo de uma meditação transcendental, mas sim de um encontro com uma pessoa, a pessoa de Jesus Cristo.

Ao longo de toda a Bíblia vemos homens e mulheres tendo experiências vivas com Deus, experiências de fé que transformaram as suas vidas e, conseqüentemente, a partir desta, uma total entrega e devoção ao que o chamava. Qual seria a razão de estudar as experiências de cada um deles se estas não nos servirem de inspiração e motivação para experiêntá-las também? Jesus nos convida a experimentá-lo em sua plenitude, afirmando que estará conosco todos os dias até a consumação dos séculos (MT 28,20).

Quando interrogado por Nicodemos, Jesus responde àquele que era doutor na Lei de uma forma que o tirava toda a capacidade de racionalizar o que se havia dito: “Precisa nascer de novo” (Jo 3,3). Como já mencionado neste trabalho, isso somente é possível através de uma experiência com o Espírito Santo de Deus. A gênese da nossa fé está em uma experiência espiritual. Jesus, depois de curar um cego de maneira nada ortodoxa, fazendo lodo com seu próprio cuspe, vê o rapaz curado, sendo interrogado pelos fariseus, os quais questionavam a legitimidade de tal ato, visto ser em um sábado e, portanto, sido feito em “pecado”.

Sua resposta, de forma simples, porém profunda, demonstra a intensidade de uma experiência com Jesus: “Se é pecador eu não sei, só sei de uma coisa, eu era cego e agora vejo” (Jo 9,25). Assim são nossas experiências e encontros com Ele: transformadores de vida. Com pouco conhecimento teológico, mas com uma forte experiência, fez com que esse rapaz entendesse quem detinha a verdade. Logo mais, em um novo encontro com Jesus, recebe o maior dom: o da salvação.

Para uma sociedade em crise existencial, em busca de respostas, o papel do teólogo se torna relevante à medida que suas respostas são geradas a partir de uma vida que reflete suas palavras. A boa teologia constrói margens sólidas para que o rio de vida, que corre do trono, (Ap 22,1) possa passar por nossas vidas,

experimentando-o, transformando e sendo transformado por ele. Como em uma via de mão dupla, a teologia sustenta a experiência e, a partir desta experiência, é desenvolvido um conhecimento teológico mais apurado.

O mundo está cheio de conceitos, mas precisa desesperadamente de exemplos, precisa de homens e mulheres que se tornem “portais celestiais”, no qual qualquer indivíduo possa ter um encontro com Deus, através dele. Aqui a vida e a obra de Dietrich Bonhoeffer servem de inspiração, nele a fusão da teologia com a sua biografia nos oferece um campo vasto e muitos subsídios que sustentam a importância da experiência de fé, para um correto seguimento de Cristo. As pessoas que se relacionaram com Bonhoeffer, durante o seu tempo no seminário de Finkenwalde ou mesmo nas últimas horas antes de sua morte, testemunham que sua vida os inspirava a buscar mais Deus.

No primeiro capítulo, pode-se perceber que as transformações históricas que aconteceram desde quando era criança até sua morte, além de seu ambiente familiar, foram de fundamental importância para a percepção teológica de Bonhoeffer. A escolha de Dietrich Bonhoeffer pela Teologia, tendo como provável causa a perda de seu irmão na Primeira Guerra Mundial, demonstra o desejo de um jovem brilhante em busca de respostas, respostas essas que em seu entendimento somente poderiam vir da parte de Deus. Se lança em uma jornada de vida, com um itinerário ecumênico e desafiador, “encontra” Deus, em meio a igreja, os irmãos, as dificuldades e em suas experiências de fé. Experiências essas que influenciariam sua percepção teológica.

No segundo capítulo, pode-se perceber a influência da experiência de fé em sua teologia. Suas conclusões não são resultado de “um filósofo sentado a beira de um lago”, mas de um cristão que carrega a sua cruz e que é experimentado na própria Palavra que prega. Suas obras “*Discipulado*” e “*Vida em Comunhão*”, um excelente material teológico, oriundo já de suas experiências de fé em Finkenwalde, é colocado em “teste” com o advento de sua prisão em Tegel e as obras postumas, como “*Resistência e Submissão*” e “*Ética*”, comprovam isso.

No terceiro e último capítulo, nota-se que as posições apresentadas por Bonhoeffer, não são de um teólogo apenas, mas de um pastor, que escolheu viver a mensagem que pregava. Suas posições quanto a salvação, decorrente de uma experiência espiritual, são um forte indício de que para ele, a experiência mística da fé, tinha grande valor e importância. A salvação que Bonhoeffer chamava de anímica

(oriunda de uma experiência emocional) e não espiritual (gerada pelo Espírito), era perigosa e poderia subjugar o “crente” ao domínio de um homem e não de Deus, portanto perigosa e enganadora. Assim contribui também para a realidade brasileira da igreja, na qual chama a um comprometimento radical, em seu serviço a Cristo, assim como é contemplado no Sermão do Monte. Bonhoeffer acreditava piamente nisso, que a exemplo do seu Mestre, entrega sua vida em favor de tudo que acreditava e vivia.

Como já mencionado, o ambiente histórico em que Bonhoeffer estava inserido desde sua infância, além de suas experiências familiares, fizeram com que esse brilhante jovem, com uma carreira promissora em qualquer área, escolhesse o caminho da Teologia, buscando sentido da vida para si e para os outros. Com uma vida de espiritualidade forte, Bonhoeffer convoca a Igreja a viver de fato “Igreja”, viva, atuante e em comunhão, não somente com o corpo, mas com sua cabeça, que é Cristo, presente neste corpo. Suas palavras, chamando a um seguimento radical de Jesus, a um comprometimento sem limites, refletem o resultado de uma vida de fé, de convicções não oriundas de uma racionalização, mas de verdadeiras experiências com o próprio Espírito de Deus, levando-o a viver tudo isso até as últimas consequências.

As disciplinas espirituais, tanto valorizadas e vividas por Bonhoeffer, tornam-se imprescindíveis para uma correta audição das palavras proferidas pelo Mestre. Jesus nos ensina que “nem só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus” (Mt 4,4). Não menciona o verbo no passado, “da palavra que saiu”, mas sim no presente, “da que sai”, indicando que Ele continua a falar e, portanto, precisamos estar atentos a ouvi-lo. O teólogo, em sua posição genuflecta, estará apto para ouvi-lo e a transmitir a mensagem de Deus para o coração de Seus filhos. “Quem tem ouvidos, ouça” (Ap 2,7), assim Jesus falando às sete igrejas da Ásia, não somente nos encoraja a ouvi-lo, mas espera que assim o façamos!

REFERÊNCIAS

- ANCILLI, Ermanno. *Diccionario de Espiritualidad*. Barcelona: Editorial Herder, 1987.
- BALTHASAR, Hans Urs Von. *Quem é Cristão*. São Paulo: Fonte Editorial, 2010. 106 p.
- BARCALA, Martin. *Cristianismo Arreligioso: Uma Introdução à Cristologia de Dietrich Bonhoeffer*. São Paulo: Arte Editorial, 2010. 216 p.
- BARTH, Karl. *Introdução à teologia Evangélica*. São Leopoldo: Sinodal, 1979. 163 p.
- _____. *Carta aos Romanos*. São Paulo: Fonte Editorial, 2009. 854 p.
- BLAINEY, Geoffrey. *Uma Breve História do Mundo*. São Paulo: Fundamento, 2008. 342 p.
- _____. *Uma Breve História do Cristianismo*. São Paulo: Fundamento, 2012. 335 p.
- BOFF, Clodovis. *Teoria do Método Teológico*. Petrópolis: Vozes, 1998. 758 p.
- BOFF, Leonardo. *Os Sacramentos da Vida e a Vida dos Sacramentos*. Petrópolis: Vozes, 2009. 84 p.
- BONHOEFFER, Dietrich. *Resistência e Submissão*. São Leopoldo: Sinodal, 2003. 638 p.
- _____. *Discipulado*. São Leopoldo: Sinodal, 2011. 208 p.
- _____. *Ética*. São Leopoldo, Sinodal, 2009. 248 p.
- _____. *Prédicas e Alocuções*. São Leopoldo: Sinodal, 2007. 95 p.
- _____. *Tentação*. São Leopoldo: Sinodal, 2010. 61 p.

_____. *Vida em Comunhão*. São Leopoldo: Sinodal, 2013. 107 p.

BORRIELLO, L.; CARUANA, E.; GENIO, M. R.; SUFFI, N. *Dicionário de Mística*. São Paulo: Paulus – Edições Loyola, 2003.

BROWN, Colin. *Filosofia e Fé Cristã*. São Paulo: Vida Nova, 2007. 280 p.

CALDAS, Carlos. Bonhoeffer no Brasil. *Revista Caminhando*, São Bernardo do Campo, v. 13, n. 22, p. 133-139, Jul-Dez, 2008.

CÉSAR, Elben M. Lenz. *História da Evangelização do Brasil: dos Jesuítas aos Neopentecostais*. Viçosa: Ultimato, 2000. 191 p.

CESAR, Waldo. *Pentecostalismo e Futuro das Igrejas Cristãs*. Petrópolis: Vozes, 1999. 315 p.

CHAVES, Irênio Silveira. *Ética protestante e modernidade. A formulação de uma proposta ética a partir de Dietrich Bonhoeffer*. Dissertação de Mestrado em Filosofia. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2006.

FERREIRA, Franklin. *A Igreja Confessional Alemã e a “Disputa Pela Igreja”*. Fides Reformata XV, n.1, 2010, p. 9-36.

FORTE, Bruno. *À Escuta do Outro: filosofia e revelação*. São Paulo: Edições Paulinas, 2010. 173 p.

GIBELLINE, Rosino. *A teologia do Século XX*. São Paulo: Edições Loyola, 1998, 591 p.

GONDIM, Ricardo. *Fim do Milênio: Os Perigos e Desafios da Pós-modernidade na Igreja*. São Paulo: Abba Press, 1996. 162 p.

HAMMES, Érico. Cristologia e Seguimento em Dietrich Bonhoeffer. *Revista TeoComunicação*, Porto Alegre, 1992, p. 497-516.

HURTADO, Manoel. *Fé e Seguimento*. São Paulo: ITAICI. Ano 23, p. 9-22, Mar. 2013.

HOBBSAWM, Eric J. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *A Era dos Impérios*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

JOHNSON, Bill. *When Heaven Invades Earth*. Shippensburg: Destiny Image, 2003. 190 p.

METAXAS, Eric. *Bonhoeffer: Pastor, Mártir, Profeta, Espião*. São Paulo: Mundo Cristão, 2011. 615 p.

MILSTEIN, Werner. *Dietrich Bonhoeffer: Vida e Pensamento*. São Leopoldo: Sinodal, 2006. 98 p.

MOLTMANN, Jürgen. *O espírito da vida: uma pneumatologia integral*. Petrópolis: Vozes, 1999, 301 p.

_____. *A Fonte da Vida: O Espírito Santo e a Teologia da Vida*. São Paulo: Edições Loyola, 2002, 149 p.

_____. *Experiências de Reflexão Teológicas: Caminhos e Formas da Teologia Cristã*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004, 295 p.

MONDIN, Battista. *Os Grandes Teólogos do Século Vinte*. São Paulo: Edições Paulinas, 1979-1980. 277 p.

MOTA, Carlos Guilherme. *História Moderna e Contemporânea*. São Paulo: Moderna, 1986. 497 p.

NAVARRO, Juan Bosch. *Diccionario de Teólogos/as Contemporáneos*. Burgos: Editorial Monte Carlo, p. 157-172, 2004.

NUNES, Eber. *Da burocracia para a profecia: mudanças no neopentecostalismo brasileiro*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2008

PABÓN, Jesús; SOSA, Luis de; COMELLAS, José Luis. *História Contemporânea General*. Barcelona: Editorial Labor S.A., 1970.

PERUZZO, Tula Maria Ribeiro Diorio. *O Desenvolvimento do Pensamento Ético de Dietrich Bonhoeffer: A ética da responsabilidade num mundo tornado adulto*. Dissertação de Mestrado em Teologia. Porto Alegre: PUCRS, 2010.

RAMOS, Luciana Soares. *A recepção da teologia de Dietrich Bonhoeffer na América Latina*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2007.

RATZINGER, Joseph. *Introdução ao Cristianismo*. São Paulo: Edições Loyola, 2005. 268 p.

ROCHA, Alessandro Rodrigues. Práxis e Espiritualidade na Vida e Obra de Dietrich Bonhoeffer. *RHEMA: Revista de Filosofia e Teologia do Instituto Teológico Arquidiocesano Santo Antônio*, v.12, n. 40, p. 51-64, 2006.

SCHULTZ, Duane P. SCHULTZ, Sydney Ellen. *História da Psicologia Moderna*. São Paulo: Cengage Learning, 2012. 490 p.

SHELDRAKE, Philip. *Espiritualidade e Teologia: Vida Cristã e Fé Trinitária*. São Paulo: Paulinas, 2005. 272 p.

SLAINE, Craig. *Bonhoeffer, o mártir: Responsabilidade social e compromisso cristão moderno*. São Paulo: Vida, 2007. 407 p.

WEBER, Manfred (Org.). *Liberdade para Viver: Dietrich Bonhoeffer para Jovens*. São Leopoldo: Sinodal, 2013. 95 p.

ZILLES, Urbano. *Desafios Atuais para a Teologia*. São Paulo: Paulus, 2011. 190 p.